4147

L. #1188 4169

ANA DE CASTRO OSORIO

A Grande Aliança

EDIÇÕES LUSITANIA

9

L
~~H138~~
H149

A GRANDE ALIANÇA

(A minha propaganda no Brasil)

N.º 2
24 de outubro de 1924.

ANA DE CASTRO OSORIO

R. 71 gen. 1801.
R.F. 23320
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R.P.L. 4147.
BIBLIOTECA NACIONAL
Conservatória de Pontos de Imprensa
LISBOA.

A GRANDE ALIANÇA

(A MINHA PROPAGANDA NO BRASIL)

Conferencias realisadas no Brasil

— Rio de Janeiro — Rio Grande do Sul —
Pelotas — Porto Alegre — Santa Maria —
Curitiba — São Paulo. —

A GRANDE ALIANÇA

Conferencia realisada em S. Paulo

8-5-923

Meus Senhores e Senhoras

Ao encontrar-me de novo junto de vós, nesta explendida cidade em que cada ano marca mais um passo afirmativo para o grande futuro, sinto, meus senhores, que o meu primeiro pensamento deve ser para os ausentes!...

Para aqueles que commosco viveram e sentiram, e sonharam a grandeza magnifica desta terra e que se foram antes de nós, vencidos pela vida, deixando-nos a piedosa obrigação de lhes prolongarmos a existencia terrena através da nossa saudade e da nossa memoria, que os tem sempre presentes no coração!...

Para aqueles da nossa raça, que antes de nós vieram marcar com o seu sangue generoso, e com a fé e a bravura indomita duma coragem extra-humana, a posse admirável desta terra de enlevo para o nosso sangue, para a nossa lingua, e para o orgulho da nossa alma de lusiadas!...

Para aqueles, tambem, que a ressaca da vida momentaneamente afastou e que, embora ausentes, commosco estão em pensamento e em afecto!

Assim como nas aldeias da nossa velha terra portuguesa a mãe enceta o serão levantando a voz a pedir um Padre Nosso pelos ausentes da familia, pelos ami-

gos em perigo, por todos os que andam sobre as aguas do mar e pelos mortos, sempre vivos no amor e na saudade dos que ficam; assim nós, nesta velada em que nos encontramos juntos, brasileiros e portugueses, todos irmanados no sentimento que o tradição fundamentalmente liga, unificados na mesma saudade e no mesmo orgulho do passado, como juntos no mesmo sonho e na mesma fé no futuro, elevemos para os nossos mortos e para os ausentes o nosso primeiro pensamento!...

E agora, meus senhores, desejo dizer-vos, neste momento em que a alma lusiada de alem-mar tanto cogita e sonha e ânseia por comunicar com os irmãos de Aquem-Atlantico, para juntos realisarmos a grande aspiração da raça (que ainda não viveu em toda a sua plenitude o sonho grande do seu destino) quero dizer-vos com lealdade e franqueza, o motivo porque vim até vós, acedendo alvoraçadamente à gentileza dos vossos desejos.

Quero bem claramente mostrar-vos para que o sintais em vossos corações com a sinceridade com que vo-lo digo, o que me trouxe até vós, deixando aquela sempre linda, sempre moça e sempre bem amada terra portuguesa, que se não é a mais formosa de toda a Europa, é—sem duvida—a mais bela da grande Peninsula Iberica! Aquela nossa terra que o mar acalenta nos seus braços de gigante amoroso e que se cobre de flores, como uma noiva, desfazendo-se em frutos de oiro e de ambrosia... Aquela nossa terra de amor que se apega à nossa alma como um filtro magico, que mais nos prende quanto mais dela nos afastamos!...

E eu deixei-a, meus senhores, para vir até vós, em condições de sobresalto e de amargura, que o meu coração mal podia comportar; pondo de parte todas as solicitações afectuosas, rompendo com todos os obstaculos; vencendo todas as oposições e violencias com

que intentaram demover o meu proposito, que era uma resolução de muitos anos, um compromisso de alma tomado neste proprio São Paulo, a terra dos ***bandeirantes***, que não recuaram jamais perante o perigo, que não souberam nunca desistir duma resolução tomada!

Como eles eu não podia faltar ao compromisso, embora só tomado perante a minha consciencia, de rever este Brasil glorioso na data sagrada da sua independencia!

Não podia deixar de vir a esta terra de encanto, que uma vez vivída jamais se aparta da nossa alma, jamais se desapega da nossa simpatia fraternal!

E vim, apesar de tudo, porque acima de todas as solicitações egoistas, acima de todos os sofrimentos individuais, acima de todos os prejuizos e de todos os incomodos está para a nossa consciencia de portugueses o cumprimento da missão que o idealismo da raça nos impõe!

Era necessario que viesse, e vim, para continuar a obra de simpatia e de ligação moral, que tem sido o sonho da minha vida!

E como a Patria está dentro da minha propria alma, vive no meu sangue, revive sempre no orgulho com que a quero exaltada e respeitada; para lhe dar todo o meu esforço não há obstaculos que me demovam!

Para dar ao triunfo da raça tudo quanto em mim existe de paixão e de convicção, não preciso que me mandem, nem admito que mo impeçam!

Vim, pensando em vós, meus patricios, meus irmãos! Vim no reconhecimento do vosso sacrificio, vim na alegria de vos trazer com a minha presença uma revoada de saudades da nossa terra bemdita!

Vim, porque vos queria dizer o reconhecimento que vos deverá o futuro da raça, pela persistencia heroica com que ha quatro seculos repetis o vosso gesto de sacrificio, na imposição formidável do genio português nesta imensa terra brasileira, que é o nosso orgulho!

Queria dizer-vos, aqui bem junto dos vossos corações, sentindo na minha alma o esforço com que segurais as lagrimas, que vos apertam a garganta num soluço

saudoso; que a continuidade da emigração portuguesa para o Brasil, feita numa aventura de largada, pelo sonho grande da raça, é a imposição mais formidável do genio português!

Proclamada a independencia natural num povo a que a nossa colonisação imprimiu, desde logo, os caracteres definidos da nossa raça — o orgulho e a consciencia da propria individualidade — o povo português manteve ininterruptamente o curso do rio de sangue, que era preciso, para fazer desta imensidade uma patria una, uma patria nossa irmã, uma patria lusitana, com todas as caracteristicas da raça, desde as tradições longinquas do passado, até á lingua falada e escrita, de lés a lés deste imenso territorio!

Sem que ninguem tenha compreendido o vosso tão grande, embora inconsciente, sacrificio; sem que ninguem, tenha pensado em manter a vossa fé lusiada, cóm uma persistencia que é a prova mais admirável da vitalidade absorvente da raça, vós tendes conseguido sustentar, num equilibrio perfeito, a igualdade sentimental das duas Patrias do nosso sangue!

Eis a vossa gloria! Queria dizer-vos que eu a reconheço, embora não a reconheçam todos que o deviam fazer! E para vo-lo dizer vim, afirmando-vos que ha na nossa Patria quem saiba avaliar o vosso esforço e quem deseje ligar num mesmo pensamento todos os que trabalham e lutam e sofrem e triumfam, fazendo com o seu esforço viver em eterna gloria o nome português!...

Vim, meus senhores, pensando em vós, brasileiros, os donos desta terra a que nos ligamos com a ternura sentimental dum pai, que vê o seu filho grande e prospero e não perde com os anos o temor de o ver sofrer, o receio de que o triunfo não corresponda á ambição em que sonhou o seu futuro!

Queria dizer-vos como o nosso coração repousa no carinho e no orgulho com que vos ouvimos falar dos vossos antepassados, que são os nossos! O entusiasmo com que sentis as nossas alegrias e os nossos triunfos, que vossos são tambem! Na inteligencia com que compreendeis e sentis os nossos artistas, com que decorais

os nossos poetas, o enlevo que sentis ao lêr os nossos prosadores, que é a mesma sensibilidade emotiva com que nós vos lemos e compreendemos!

Queria dizer-vos quanto sentimos em Portugal a comunhão intelectual que faz da literatura brasileira e portuguesa uma só literatura, dos nossos artistas a gloria dos dois povos irmãos, dos nossos sabios o orgulho das Duas Patrias, dos nossos herois a veneração de todos!...

E vim, tambem, minhas senhoras, pensando em vós, as filhas, as esposas, as mães e irmãs dos homens que hão de realisar comnosco o milagre esperado de repetir o gesto de triunfo que nos fez, nos seculos XV e XVI, os iniciadores do periodo resplandecente da Renascença.

Vim, pensando em vós todas, e tambem nas lindas crianças desta terra abençoada, fructos paradisiacos duma eterna primavera de amor, que hão-de ser amanhã os grandes realisadores do nosso sonho fraternal!...

Mas vim, principalmente, porque uma força superior a todas as forças, que é o instinto da hora que se aproxima para o resurgimento da raça, me obrigava a cumprir a missão que o destino me impoz!

Essa missão é dizer-vos o que firmemente creio ser o grande sonho, que de novo levantará a raça, sempre moça e sempre heroica, alvoroçando os corações dos que creem no destino sagrado dos povos lusitanos! Sonho de imposição e de grandeza que o Atlantico — o mar imenso que a nossa raça aperta num maravilhoso triangulo de dominio — nos anda a segredar, revivendo a esperança sagrada dum amanhã explendido para a Lusitania imortal!

Sonho da maxima grandeza que temos no coração, que faz parte da nossa existencia, sendo a propria razão de vivermos inteligentemente na terra!

Por ele tenho trabalhado, e por ele farei os sacrificios de cada hora, que necessario seja fazer, para que se torne o sonho de todos nós, lusitanos de aquem e dalem mar!...

Esse sonho é a aliança firme e segura das duas

Patrias irmãs, é o predominio da raça comum, é a imposição da nossa lingua como uma das mais faladas do mundo, é — finalmente! — a ressurreição duma nova fé e duma energia colectiva, tão grande que imponha ao mundo o respeito pelo que fomos, criando uma nova era de lusitanismo a engrandecer a historia!

Porque, é necessario que todos os saibam, que as crianças o aprendam nos seus primeiros livros escolares, que o sintam no orgulho de seus paes e que todos os outros povos o reconheçam: — Se a historia antiga pertence à acção enorme e explendida da civilisação greco-romana, que os conquistadores levaram, nas asas gloriosas das aguias imperiais a todos os recantos do mundo antigo: a historia moderna pertence-nos, a nós luso-ibéricos e a nós particularmente, portugueses, como os iniciadores do grande movimento expansivo da raça.

Podemos bem dizer com justificado orgulho: — A civilisação moderna é filha da inteligencia, da energia, da persistencia e do genio da nossa raça!

Fomos nós, que partindo dessa formosissima "Cabeça da Europa„ voltando com indiferença as costas a Espanha, que não nos absorvia nem nos atraía, sonhámos o grande sonho intelectual da raça e vencendo os terrores em que a Europa medieval se enleava abrimos resolutamente as portas à Renascença, que foi o renovo maravilhoso duma civilisação de energia e vida.

Sem a nossa audacia, sem o nosso esforço, sem a nossa consciencia, sem a nossa civilisação o velho mundo continuaria — quem poderá dizer por quanto tempo? — na ignorancia apavorada da terra em que vivia! Sem o nosso saber, sem o nosso exemplo, nem a Espanha seguiria o nosso rastro, nem Cristovão Colombo se atreveria a procurar um novo caminho para a India, sonho de toda a Europa deslumbrada com o nosso triunfo, encontrando as terras de Cuba, guarda avançada desta America famosa!

Fomos nós, foi o genio da raça que tornou o mundo tão pequeno, que nem um recanto existe hoje que o homem não conheça ou adivinhe!...

Fomos nós, foi a nossa raça de persistencia no sonho e de heroismo na acção, que tornou a Terra, a patria comum da humanidade!

Fomos nós, foi a nossa raça de descobridores e desbravadores de novas patrias, dispersando-se infinitamente, que reservou para si a eterna ansiedade do não visto e a saudade do que passou pelos nossos olhos e que anda na memoria ancestral da raça...

Meus Senhores

Neste momento em que uma nova e mais forte comunhão espiritual liga para sempre os dois povos, que a mesma raça irmana, deixai-me falar um pouco das terras de Portugal, desse berço afofado em mimos da Natureza prodiga em que nasceu e criou raízes a raça e a civilisação de que as duas nações lusitanas formam o todo, que esperamos justifique no futuro o passado glorioso!

Quando se fala na imposição da raça, porventura poderão supôr — os que só superficialmente aprendem o sentido das palavras — que dentro dela só podem estar os que directamente vemem do mesmo sangue, a perder-se na sombra da historia!...

Não é, porem, assim!

A raça é o conjunto de qualidades diversas que se manifestam em individuos, em familias, em grupos mais ou menos grandes e até em nações, que a força étnica do meio absorve e dá uma unidade de alma, que se impõe como força colectiva.

Não falando já da velha civilisação romana, que se impoz, absorvendo no momento da sua maxima grandeza, todos os povos conquistados, romanizando-os pelo ideal colectivo do orgulho nacional e pelas suas leis admiráveis; a nossa raça é a maior, sob o ponto de vista da acção expansiva, criadora, absorvente e

simpatica para os elementos estranhos. Ela manifestou-se desde o principio pelo agrupamento de energias varias, pela influencia da terra mãe, pelas tradições fortemente radicadas, pelo sonho absorvente e conquistador e pelos caracteres, que a propria acção interna impunha.

Pode dizer-se com firmeza de convicção, que foi desde o principio da nossa formação nacional, que as qualidades absorventes do meio se impuseram, assimilando todos os valores que de fora recebia, atraídos pela propria força criadora do solo, que o mar limita numa ânsia de exclusivismo, criando a reacção expansiva do nosso grande sonho!

Daí, dessa dualidade quási dolorosa para a alma emotiva do povo, nasceu a exaltação dum sentimento patriotico, que não existe outro que se lhe possa comparar em qualquer nação do Mundo, sentimento transmitido em toda a sua energia assimiladora ao Brasil, nosso directo filho.

Foi esse sentimento, cortado pela ânsiedade expansiva, que nos levou através dos mares, vencendo terrores, dominando preconceitos, escarnecendo a prudencia derrotista dos fracos...

É essa dualidade do sentimento que nos faz grandes!

Foi ela que levou os "bandeirantes„ através do sertão para o sonho deslumbrante das esmeraldas de Fernão Dias Paes Leme... Foi ela que levou os marcos de posse, que delimitaram a imensidade da selva brasileira... É ela que leva ainda hoje o triunfo da civilisação moderna para a grande cultura das terras virgens do interior...

Para a frente, sempre para a frente!...

É o destino da raça!

Mostrar, pois, à vossa curiosidade sentimental o berço em que se criou, em força e em expressão eterna.

essa raça a que nos orgulhamos de pertencer é, por assim dizer, uma obrigação religiosa.

É o mesmo dever que obrigaria um orador do tempo da velha Grecia gloriosa de Alexandre, a explicar o que fôra o nucleo da raça, o berço sagrado donde saíra o genio de imposição, como da lande pequenina e fragil sai o carvalho frondoso que desafia os seculos!

E' a mesma obrigação religiosa que faria o romano triunfante, mostrar a todos os povos filhos do seu genio civilisador, o berço da raça: Roma, coração e cerebro que sentira e sonhara essa imensa e magnifica imposição!

Dizer-vos, pois, o que foi o nucleo inicial da raça e a terra que o protegeu, amparou e caracterizou, é a primeira obrigação que a nossa religiosidade nacionalista nos impõe!

Foi desse pequeno berço da nacionalidade, que a sabia politica de Afonso VI de Leão e Castela entregou à energia e à ambição politica duma filha bastarda, que nos seus barões e no povo rude, encontrou a força de resistencia que a fortaleceram na sua rebeldia contra o direito de Suzerana, que a irmã legitima se arrogava, que surgiram logo, como por encanto, as qualidades fundamentais da raça, que ainda se manteem, através de seculos da mais aventurosa e gloriosa historia!

Pátria sempre ameaçada pela cubiça natural duma visinha, muito maior em territorio e força numerica — a que o nosso orgulho e a nossa energica defesa rouba a mais formosa região da Peninsula e a melhor comunicação com o Atlantico — essa propria ameaça constante criou uma resistencia e persistencia na defesa, que nenhum outro povo da Europa tem mantido, mais nitida e gloriosamente.

Pátria conquistada palmo a palmo, fecundada leira a leira com o sangue dos herois e o suor dos que a revolvem com a força dos seus braços e o amor da sua alma, dessa concentração de força saíu a raça resistente, pertinaz e heroica, que a todas as influencias dissolventes opõe um poder de absorção tão fundamente enraizador, que parece mesmo que vem do coração da terra!

Pátria a que o mar poria uma barreira invencivel, sem o sonho e a ambição estravasando das almas afeitas a lutar e a vencer, que dessa barreira fizeram o caminho da gloria, e desse mar o alargamento infinito da sua tão pequenina nação!

A propria diversidade de sangues, que primitivamente entraram no caldeamento de valores humanos, a propria imprecisão de caracteres nacionais que então se deram, prepararam esses agrupamentos de homens para receberem o influxo do meio ambiente, bastante forte para criar o valor unificador da raça.

Assim, nós encontramos desde o principio da nacionalidade portuguesa um fundo permanente, auxiliado pelo meio, que recebendo as correntes imigratorias dos mais diversos caracteres, consegue formar uma raça completa, com todas as caracteristicas proprias.

Como se terá produzido esse fenomeno não o podemos, talvez, explicar; mas claramente o podemos reconhecer nos resultados da civilisação lusitana de um a outro lado do Atlantico. Tambem aqui, nesta formidável terra brasileira, que o genio lusitano descobriu, marcou soberbamente e guardou com orgulho para a maior grandeza do futuro, as qualidades raciais são as mesmas! É a mesma gente de coração alviçareiro, cheia de ãnsia na aventura inteligente e persistente, exaltada no amor da Pátria até quási ao fanatismo, dura de torcer ou vergar na luta, docil e bondosa no carinho e na simpatia de amigos!...

Tambem aqui, desde o principio da colonisação até hoje, as mais diversas correntes raciais se encontram, se fundem e amalgamam, de todas resultando as mesmas inegualaveis caracteristicas, que fazem o nosso orgulho!

Aquí como lá; é o mesmo amor formidável pela terra, a mesma energia incomparavel na vontade de triunfar, a mesma infinita audacia no sonho e no desejo, sempre renovado, de caminhar para a conquista do desconhecido!...

E dessas caracteristicas resulta um apego infinito pela Pátria e uma permanente ãnsia de partir, criando

por essa estranha dualidade a doce amargura desse sentimento, verdadeiramente português, que bem se defeniu pelo *saúdosismo!*

Esse sentimento duma tão profunda e melancolica sensibilidade não apouca as energias individuais, antes nos dá o misticismo suficiente para transformar essa tristeza no culto religioso pela terra, berço da raça, que incançavelmente espalha por todos os recantos do mundo a gloria do nome português.

É, pois, uma obrigação religiosa que todos conheçam bem esse tão formoso recanto, que a raça lusiada tem de venerar como a célula inicial da sua força.

E conhecendo as suas belesas, embebendo-se nas suas tradições, compreendendo os seus costumes, estudando a sua historia e sentindo bem a sua arte, todos se fortalecerão no mesmo pensamento e na mesma fé, que dará à raça o mais glorioso futuro.

Como nunca, Portugal se sente moralmente exaltado e fortalecido na ligação espontanea com todas as colonias, que se agitam e lutam e vivem, em país estrangeiro, como se sente cada vez mais aproximado do Brasil, a grande nação irmã!

Esse movimento instintivo de união intima da raça, que vinhamos auxiliando e presentindo no seu espontaneo crescer, encontrou no momento terrivel da guerra uma forte comunhão de pensamento, despertando o carinhoso interesse dos portugueses, espalhados pelo mundo, que de toda a parte acorreram o honrar e auxiliar a acção sempre heroica dos nossos soldados!

Seguiu-se a esse movimento de solidariedade no sofrimento e na gloria do triunfo, o orgulho causado pela realisação explendida da travessia dos ares, marcando a certeza da navegação aeria, como outróra a marcaramos no caminho dos mares, certeza que é a verdadeira significação universal desse novo feito a orgulhar a raça!

Vem depois a manifestação expontanea e sincera na colaboração da orgulhosa alegria com que, justamente, o Brasil quis solenizar o centenario da sua in-

dependencia e que em parte alguma teve, como em Portugal, uma repercussão mais simpatica!

É pois o momento de vos falar da Patria da raça e do seu novo momento historico:

Portugal, que se formou definitivamente pequeno como metropole, pela propria logica do seu destino historico, alargou-se imensamente pelo mundo na expansão emigrativa do seu povo.

Pode bem dizer-se que não ha canto da terra onde não tenha pulsado um coração português! Raça de imposição e de expansão, soube estender infinitamente as fronteiras duma Pátria, que se concentrou para viver mais fortemente no coração dos seus filhos!

E é desses recantos de todo o mundo que hoje vão chegando a Portugal, como aos logares santos da raça, inumeros portugueses aos quais as circunstancias permitem realisar esse sonho de todo o exilado!...

Do Brasil vão continuamente: uns para conhecerem a terra dos seus antepassados, outros para reverem a casa onde nasceram, a escola onde aprenderam a expressão escrita da nossa tão bela e forte linguagem, a capelinha onde foram — romeiros da primavera — a festejarem a esperança dos renovos ou a alegria forte das colheitas do outono!...

Com quanta emoção eles percorrem a terra onde espalharam e viveram as primeiras surprezas da vida, recolhendo na alma o sorriso da velha mãe e choraram as lagrimas de toda a infinita saudade sobre a cova dos mortos bem amados!...

Assim se vão reatando os laços sentimentais que a distancia afrouxara!...

Cumprida essa devoção sagrada, embebida a alma no incomparavel azul do céu de Portugal, percorridas alguma terras de mais proclamada beleza, voltam para a luta da sua vida de trabalho, para a sua fé e para a sua saudade!...

Presos, embora, pelo amor e pelo esforço realisado às novas terras de adopção, os laços que os ligam ao passado não se afrouxam, criando a fraternidade dos dois povos, que o destino quer irmanados.

É desse amor e dessa saudade, que surgem no grande mapa do Brasil, nesta grande *eira*, no dizer pitoresco do povo, tantos nomes de cidades a recordar as velhas terras de alem-mar: Obidos, Santarem, Setubal, Queluz, Belem, Bragança, Nova Lousã... e tantos outros que a saudade do exilio fez nascer do coração dos portugueses, num gesto votivo à Pátria distante, que é bem estruturalmente uma parte da nossa alma!

É que só na ausencia se compreende bem a saudade da Pátria e a amargura de a não vermos tão alta, tão alta como o nosso orgulho a sonha!

Eis o motivo porque não ha ideia patriotica que o exilado não comprenda por intuição sentimental, que não aplauda e auxilie com a fé consoladora dos fortes.

Assim, Portugal vive tão intensamente no coração dos seus filhos ausentes, que mais, talvez, do que os que lá ficam eles estão compreendendo e sentindo o novo idealismo da raça.

Explicado está o motivo porque entendo de meu dever evocar um pouco da nossa terra, berço comum da raça lusiada!...

Quereria ter muito tempo deante de mim para falar-vos do Porto, desse ninho glorioso da raça donde se ergueu para o grande destino o bater de asas gigantes, que fez a nossa historia...

De Coimbra, o sonho de amor e de saudade de todas as almas portuguesas, revivendo em Arte e em beleza na maravilha dos seus monumentos e no encanto da sua paisagem romantica...

De Lamego, a velha terra alcandorada nas montanhas da Beira, uma das primeiras arrancadas ao poder dos moiros...

De Vizeu, a terra lendaria de Viriato, hoje um dos logares santos da Arte, pelo Museu cheio de preciosidades da grande época portuguesa.

Desejaria poder falar-vos de Bragança, a velha cidade esquecida, abandonada e triste, que foi na Peninsula mosarabe retumbantemente falada pela sua explendida industria em sedas ricas...

E falar-vos-hia das serranias transmontanas, com seus vales fertilisados pelas aguas torrentuosas, produzindo os frutos a desfazerem-se em assucar...

Do Minho amorável, todo afofado em verdura, onde cada recanto é uma bucolica e cada paisagem uma estrofe de lirico idealismo...

Do explendor das três Beiras onde bate mais firme o coração da velha raça; desde as margens ferteis da costa de Aveiro, ao Bussaco glorioso, à Estrela forte, à Covilhã industriosa, à Guarda historica, enfrentando o castelo de Belmonte de cujos terraços e muralhas, porventura Pedro Alvares Cabral, seu senhor, na linha violeta do horizonte, que a serraria dos Herminios limita, anteviu a gloria desta terra de Santa Cruz, que o seu esforço traria à comunhão da raça!...

Desejaria falar-vos dessa preciosa região de Entre-Minho e Douro, que nos penhascos vulcanicos das suas arribas produz o precioso Porto, o melhor vinho do mundo!...

Da Estremadura opulenta na fartura das suas leziirias onde são criados numa vida larga, que os campinos garbosos dirigem de cima dos seus cavalos de raça, com os pampilhos ao alto, os touros bravos para as melhores corridas da Peninsula...

Do Alentejo calmo na sua braveza opulenta, onde os campos se alargam infinitamente esperando a semente para voltarem a ser, como no tempo dos romanos, o celeiro da Peninsula! O Alemtejo sereno e grave onde a riqueza vem sem maior esforço no bracejamento possante dos sobreiros, que se despem da casca dos seus velhos troncos sangrentos para dar ao homem a cortiça da maior utilidade!...

Do jardim perfumado que é o Algarve, todo engrinaldado, como uma noiva, na floração das suas amendoeiras nevadas... Do Algarve onde as moiras encantadas deixaram a sua saudade nas grutas doiradas das

rochas recortadas à beira desse mar de sonho, donde partiram para as descobertas os marinheiros do Infante!...

Evocar esse sonho de Arte, que é a Batalha—Santa Maria da Victoria—monumento de renda feito em pedra doce, que o sol doira com uma ternura infinita...

Pôr deante dos vossos olhos extasiados os tumulos simbolicos de Alcobaça, onde ficaram guardados para a eternidade os restos de Pedro e da linda Ignez, a concentração sublime do amor humano!...

Mostrar-vos a gloria do templo magnifico dos Jeronimos, por onde perpassa já o sonho delirante do Oriente vencido!...

A preciosa joia de graça e de arte que Lisboa oferece aos viajantes, como primeiro mimo de boas vindas, que é a Torre de Belem!...

Dizer-vos o que é Sintra, o eterno paraizo de Byron; e essa maravilha de luz e de côr, que é a nossa *riviéra*, de Cascaes até às portas da Capital; como pôr deante de vossos olhos de saudade o encanto da Madeira, flôr a abrir-se como num sonho entre as vagas acalentadoras do Oceano; e o rosario de preciosas contas que são os Açores, Cabo Verde, São Tomé e todas essas terras do nosso enlevo... Seria o meu prazer maior e o meu santissimo orgulho a afagar o vosso!

Não sendo, porem, possível fazê-lo, deixai que vos fale de Lisboa...

Dessa Lisboa maravilhosa a que a raça tudo verdadeiramente deve. A Lisboa das naus e da conquista, Lisboa a Roma da civilização lusitana!...

A sua tradição, só por si, é um livro aberto da nossa melhor historia!

Ela é o grande centro transformador das energias da nação, que recebe em seu seio mal definidas, e envia para a grande acção externa já completas.

Lisboa é na historia portuguesa uma cidade tão fundamentalmente criadora como as cidades expansivas do passado, pois foi da sua acção que nasceu

a navegação e a conquista, marcando definitivamente as qualidades basicas da raça.

Desde o principio da nacionalidade que Lisboa nos aparece com qualidades proprias e muito fortes. Já nos poemas Atlanticos, que segundo os melhores criticos modernos formam a base dos poemas homericos, ha referencias a Lisboa, a patria atlantica, a costa rochosa de Itaco, donde partem para as navegações antigas!... Na tradição classica, Lisboa aparece fundada por Ulisses, o rei do sonho aventureiro da velha Grecia e enquanto a linda capital não caíu em poder de Afonso Henriques, a reconquista aos moiros era, como a de Espanha, sem fixidez. Foi desde esse feito, que devemos considerar dos mais importantes da jovem nacionalidade, que Portugal tomou o seu norte. Logo após os combates navaes dados contra os moiros nas aguas de Lisboa, ainda no tempo do primeiro rei e do filho, iniciam as descobertas, partindo dali para as mais proximas costas de Africa. D. Diniz inicia as construções navais e pelas suas boas leis protege o porto de Lisboa e a nevegação.

Quando as traições duma politica sem ideal trouxeram às portas de Lisboa os exercitos de Castela, foi dentro da propria cidade, fortalecida com a energia desse povo cheio de civismo, que o Mestre de Aviz, em nome da vontade nacional, se proclamou protector do povo e organisou a defesa da Pátria ameaçada.

Chega o momento culminante para Portugal, que são os descobrimentos, e Lisboa torna-se então o imperio do mundo. Dela partem as naus de Vasco da Gama; nela se armam as primeiras frotas e se juntam os heroicos navegadores, que partem em demanda do caminho para a India! Pedro Alvares Cabral, como todos os grandes descobridores, largam de Lisboa para espalharem pelo mundo o sangue e o genio português, formando novas Patrias de que o Brasil é a maior e a mais

amada! Então a cidade, cresce, faz-se forte e opulenta, tem a sua casa da India, onde se acumulam as especiarias e todas as riquezas que veem servindo de lastro às naus que dia a dia chegam ao animado porto do maior comercio maritimo da Renascença.

Lisboa, que recebe as riquezas de todo esse velho mundo oriental, desvendado em seu fácil caminho maritimo pelo genio lusitano, acumula em seu seio as primicias dos novos mundos chamados à civilisação europeia e torna-se o emporio comercial mais procurado pelos mercadores e traficantes de toda a parte.

Lisboa, no dizer do cronista que a descreve uma babel de linguas e de costumes, é uma cidade de "muitas e desvairadas gentes„, que à sua opulencia iam buscar mercado para todas as produções das industrias, das artes e da terra...

Com a expansão portuguesa a capital do nosso imenso imperio ultramarino cresce cada vez mais, sem nunca perder as qualidades proprias.

No meio da sua agitação, da sua opulencia e da sua vida duma formidável intensidade comercial, Lisboa mantem-se incorruptivelmente o baluarte da resistencia nacional, a transformadora de todas as energias vitaes da nação no sentido de manter sempre a nossa grande acção exterior. Em troca, recebe as novas influencias trazidas do Oriente e de todas as conquistas e navegações, dando-lhe a base para a sua identificação com o caracter nacional.

Filipe II delira pela sua formosa cidade de Lisboa e quer realisar o sonho da união iberica tornando-a a capital do imperio.

Por ter sido contrariado nessa realisação que a lucidez da sua visão politica indicava, ela se libertou heroicamente em 1640, arrastando com o seu gesto toda a nação e as suas colonias.

Com o oiro do Brasil, D. João V aformoseia-a e dá-lhe o aspecto monumental que correspondia exteriormente à opulencia usada no serviço dos palacios da nobreza e nas casas da riquissima e afidalgada burguesia de mercadores e navegantes...

O Marquês de Pombal ergue-a dos escombros do terremoto, onde ficaram sepultados os tezoiros mais admiráveis, acumulados nos dois grandes seculos lusitanos, e dá-lhe uma vida equilibrada e forte, correspondendo ao impulso economico e utilitario do seu governo energico, embora sem a graça idealista, que faltava ao seu temperamento forte e à sua educação sem requintes de cultura ancestral. Da sua autoridade e da energia do seu mando nasceu uma cidade arruada comercialmente, com bases tão bem lançadas, que ainda hoje existem as casas fundadas sob a protecção do grande administrador da fazenda publica.

Foi de Lisboa, combalida pelo terror da invasão francesa, que vieram as naus abarrotadas da gente mais representativa de Portugal e de riquezas incalculáveis que se queriam furtar à rapina dos soldados invasores. Foi desse exodo, trazendo para o Brasil tudo quanto havia de melhor e de mais culto e opulento na côrte brigantina de D. João VI, que partiu o impulso definitivo para a formação do Brasil, nação independente.

Com a tomada de Lisboa pelas tropas constitucionais do Duque da Terceira pode dizer-se que terminou a guerra fratricida, que tragificou a vida portuguesa no primeiro quarto do seculo desanove.

Foi ainda Lisboa patriotica que proclamou a Republica em 1910, cançada dum governo provadamente

inútil. Esse gesto, que se deve tomar na sua verdadeira significação de civismo e ânsia inquieta duma nova acção, que ela, tem a certeza, a raça ha de realizar partindo do seu solo sagrado para uma nova e mais equilibrada acção expansiva e dirigente, foi completado pela jornada explendida a Monsanto, defendendo-se a peito descoberto, sob uma chuva de balas, da triste ilusão duma restauração brigantina.

São estes factos que a fazem proclamar erradamente a cidade mais republicana do mundo, quando só a devemos compreender como a mais patriotica e nacionalista de quantas existem!

Como vemos, as condições historicas e geograficas aliam-se duma forma completa para fazerem de Lisboa esse agrupamento de gente e de esforços, que determinam um bem nitido ponto de acção lusitana.

Um porto de mar é sempre um local concentrador de energias humanas em volta de facilidades geograficas. Ás vezes essas facilidades são adquiridas à custa de dinheiro e despendio de inteligencia, que não atingem as facilidades naturais da Capital portuguesa, que, tudo o indica, em breve retomará o seu antigo predominio de primeiro porto da Europa.

É ali que se devem ligar todos os interesses naturais da expansão portuguesa e brasileira, pois que a sua posição geografica a faz uma das chaves do mundo, cabeça do grande Atlantico, base naval que apoia na Europa todas as linhas de navegações Atlanticas e tambem as que pelo Canal de Panamá se escoam do Pacifico.

Lisboa, Caes da Europa, Lisboa tornada um grande porto de largo desenvolvimento comercial, pode e deve concentrar adentro das suas docas e entrepostos o maior intercambio comercial da America com a Europa, de que é a primeira, mais fácil e larga porta!

Ponto *terminus* da navegação do Oriente, é tambem um explendido ponto de contacto com o Mediterraneo que lhe fica à mão, por assim dizer. Ligada por via terrestre com o centro da Europa, facilita o comercio do interior encurtando as viagens alguns dias, entre a America e a Europa central.

Para o Brasil a questão do porto-franco de Lisboa afigura-se das mais importantes e imediatas, pela dupla caracteristica da nossa posição geografica e da força humana e de acção conjunta, que a grande aliança luso-brasileira representará para o futuro.

Pode mesmo dizer-se que, sob o ponto de vista da tradição historica e do idealismo nacionalista dos dois povos irmãos, é uma questão fundamental.

O porto-franco de Lisboa deverá ser o concentrador do largo comercio exportador do Brasil. O café, a borracha, o algodão, o assucar teem aí o melhor ponto de partida para o comercio europeu, sem prejuizo dos nossos similares produtos coloniais.

E' que Lisboa, a maravilhosa capital do grande imperio lusitano, necessita de abrir largamente os braços para o trafico do Brasil irmão, recebendo no seu porto-franco todas as suas riquezas, com todas as facilidades para o comercio largo que a nossa aliança moral e material ha de desenvolver.

Neste momento revejo Lisboa na minha saudade e não receio proclamá-la o mais lindo porto do mundo, como cidade sobranceira às aguas acolhedoras do Tejo, estirando-se pelas suas margens e internando-se pelos campos, já conquistados para a sua enorme aria urbana!

Visitar Lisboa com um verdadeiro sentimento lusitano é folhear deslumbradamente os nossos oito seculos de historia, a que ela imprime caract r e coesão.

E' vê-la das alturas da velha alcaçova, dominando a baía por onde sairam as caravelas e as naus da conquista, e por onde saiem todos os dias os transatlanticos, que le-

vam os emigrantes, na mesma ânsia de sonho, na mesma ambição de dominio, que espalhou pelo mundo os desbravadores das terras invias; mar largo por onde partem os soldados gloriosos, que em expedições continuas manteem a soberania das Colonias com uma bravura jámais desmentida.

Para compreender Lisboa em suas fundas raízes sentimentais é necessário rezar à santa energia da raça deante dessa velha porta carcomida, aberta nas famosas muralhas mouriscas por onde irromperam em tropel os homens de Afonso Henriques à custa do sacrificio inegualável de Mem Moniz.

E' preciso percorrer os claustros e terraços da velha Sé, hoje reconstruidos pela fé messianica do renovo da raça e conhecer os velhos corvos heraldicos que nela vivem, como quem tem a consciencia do seu valor representativo.

Conhecer o velho e aristocratico bairro de Alfama, que a nobreza quinhentista e seiscentista encheu da opulencia dos seus palácios, hoje abandonados ao povo, que se comprime por essas ruas e escadarias medievais, dum pitoresco incomparável...

Compreender, em sua força comercial e activa, os bairros que a energia rígida de Pombal fez alinhar com uma segurança de alicerces que desafiam os tempos.

E' visitar a cidade que o seculo XIX fez subir por novos outeiros e colinas, rasgando essa avenida formosíssima, uma das mais belas das cidades europeias, que absorveu campos e quintas de luxo para criar a Lisboa modernissima do Seculo XX, que não fica atraz das mais belas, arejadas e floridas cidades do novo periodo de urbanismo.

É preciso ver essa Lisboa linda, que vai dos Estoris aos Olivais, do Terreiro do Paço ao velho Lumiar aristocratico, para se compreender o sentimento tradicionalista da cidade, que o modernismo não consegue vencer, não consentindo em destruir o passado e tão somente aumenta-lo com o presente.

Lisboa, é, por assim dizer, a sintese de Portugal,

não só como beleza e pitoresco, mas como alma sempre a vibrar na sua intensidade de vida intelectual e moral.

Lisboa, porem, sendo imenso como valor representativo, não é tudo no movimento de renovação nacionalista que se produz actualmente na nossa terra.

Em todos os recantos de Portugal ha uma saudade que recorda com orgulho a grandeza do passado e uma aspiração de futuro, que a esse passado corresponda!

Vamos, por exemplo, à arte regional, que tem a função muito especial de radicar o amor à terra, como um dos meios de melhor a sentir nas suas directas produções e nas suas expressões imediatas no contacto directo com o homem, e vemos que ela é hoje uma expressão portuguesa mundialmente conhecida, que pela força das circunstancias representa, moral e economicamente, um grande valor positivo.

Todo o país hoje trabalha e produz, não só pelas industrias que a guerra fez surgir, como pelas que já existiam e se valorizaram e pela agricultura que se tornou um valor compensador. Mas, sobretudo, pela valorização do capital humano, cujo labor é pago duma forma mais justa.

Pode bem afirmar-se que o povo português sai hoje da sua terra, mais pela fatalidade expansiva da raça do que, verdadeiramente, pela necessidade imediata que o obrigue a um exilio de trabalho compensador.

Portugal renova-se em beleza, em força e, sobre tudo, em aspiração febril de Arte que se imponha, não só na graça ingenua da sua expressão popular e tradicionalista, como no culto da nossa grande arte do passado e na expressão moderna do sentir.

A nossa propria representação na grande Exposição é uma palida amostra deste renovamento, não só pelos valores humanos que procuraram o Brasil, numa ânsia de fraternidade simpatica, como pelo valor material e artistico que representou a propria exposição.

Isto sem falar, neste momento, na Arte maxima, como expressão da Alma e do sentimento dum povo, que é a literatura, ultimamente mal conhecida no Brasil e que é necessário pôr em contacto directo e imediato com todas as almas lusiadas.

Esse renovo admirável da nação vem da certeza que existe instintivamente em todos os corações, de que a raça persiste, apesar de tudo, no seu caminhar para um grande destino de que fizemos a nossa fé e a nossa imensa e consoladora religião.

É aqui, no Brasil, que mais nitidamente se percebe o aproximar dessa hora em que a consciencia nacionalista dos dois povos se ha de unir numa aliança tão intima que reduzirá ao eterno silencio aqueles que não tiverem a sensibilidade orgulhosa da raça e a aspiração do seu destino cumprido.

Da colaboração portuguesa no centenario do Brasil, uma das que mais nos deve orgulhar é a publicação da obra monumental "A Historia da Colonisação„ que a Colonia muito inteligentemente compreendeu dever ser o nosso verdadeiro monumento comemorativo desta data, em que a joven nação se julgou capaz de bem se governar, porque assim a fizeram os proprios filhos e irmãos de Portugal.

E' dever nosso levantar esse padrão glorioso da nossa obra de descoberta, penetração e administração colonial, que entregou ao povo brasileiro, filho do nosso sangue e do nosso genio, a maior Pátria geografica, que hoje existe no mundo.

Não podemos consentir que sejam só os brasileiros ilustres, como Alberto Rangel, Graça Aranha, Elisio de Carvalho e tantos outros, que conhecem a historia e dela se orgulham, os unicos a glorificar os valores raciais que fizeram o alvorecer brilhante deste grande país, fundamentalmente lusitano.

E' dever nosso trazer tambem a contribuição de estudo e de trabalho que documente o generoso e no-

bilitante esforço dos portugueses, que fizeram a colonisação do Brasil com o melhor sangue de Portugal.

Em vez das emprestáveis e indesejaveis, que formam o fundo étnico doutras imigrações, Portugal enviou para o mais belo e acarinhado florão da sua coroa imperial, a flôr da sua gente.

Guerreiros, letrados, poetas, jurisconsultos, naturalistas, sábios, santos, donas e donzelas, tudo veiu para a grande terra aberta ao sonho dominador da raça.

Sangue honesto e nobre, sangue dum povo naturalmente formador de *élites*, êle foi a fecunda semente lançada ao solo para a formação duma família com tradições; duma Pátria com historia antes mesmo de ter a sua independencia política.

Após a descoberta do Brasil a corrente emigratoria estabeleceu-se com tanta energia e persistencia, que não houve desastre nem suspensão da vida civica portuguesa, que lhe puzesse diques.

Os governos desinteressaram-se do povo, a política interna absorveu todas as actividades cultas, o país foi atraiçoado, cedido pela covardia interesseira de uns e pela ambição dominadora de outros, ao estrangeiro opressor; mas nem por isso a corrente expansiva da raça foi estancada, nem por isso os portugueses que se espalharam pelo mundo perderam o sentido historico do passado e do futuro.

Enquanto na metrópole se vivia esmagado e vexado pelo castelhano que atraiçoara todos os compromissos de aliança, os portugueses levantavam por todo o mundo, com uma energia invencivel, o pendão duma nacionalidade autonoma, defendida heroicamente de todas as rapinas e de todas as absorções, cabendo ao Brasil colonial a maior honra nesse movimento admirável.

E assim se explica o facto, talvez unico na historia, de um país; territorialmente pequeno, se desligar violentamente dum colosso que o esmagava num abraço de ferro, e correr para o seu posto de honra entre as nações livres, levando atraz de si as suas imensas e riquissimas colonias, tão disciplinadas e firmes no ideal

lusitano, que não houve corrupção nem violencia, que em 60 anos de perseverante trabalho de desnacionalisação, conseguisse desvia-las do caminho que a Historia lhes marcara!

A emigração portuguesa, momentaneamente impulsionada pela orientação forte das leis do Marquês de Pombal, que são ainda hoje modelos a seguir, porque ainda não foram excedidas nem talvez igualadas, por nenhum dos grandes povos colonisadores modernos, voltou depois a ser desorientada e entregue a si propria, quando o embate da política transformou a metrópole numa arena sangrenta em que os partidos se trucidavam com uma sanha cruel.

Com a independencia do Brasil o movimento imigrativo continuou, ou antes recrudesceu, passando a valorisar a terra como estrangeiros amigos os que dantes a tinham como propria, numa ignorancia e incapacidade dos governantes, que mais eleva o instincto admirável da raça, que entregue a si propria susteve, sem trepidar nem desfalecer na violencia do choque, o embate do jacobinismo natural num povo moço, delirando com a sua emancipação.

Se ha um seculo a emigração portuguesa se tivesse suspendido para o Brasil, ou sequer afrouxado a corrente continua do seu sangue, era bem possível, para não dizermos certo, que a "grande aliança„ moral, política e economica, que é hoje um facto assente entre os dois grandes povos lusitanos, não tivesse razão moral para existir, nem interesse étnico para a tornar indispensável.

E' certo que as grandes colonias portuguesas necessitam de muito sangue lusitano para se não perderem para a influencia e dominio da raça, mas é tambem certo, que Portugal não pode, nem deve, nem quere perder este amor entranhado que tem pelo Brasil e que os emigrantes que lhe manda, embora muitos não voltem mais à Pátria de nascimento, são valores raciais a aumentar étnicamente o lusitanismo desta grande Pátria Lusitana. Se em face de interesses imediatos este facto se pudesse mesmo considerar um mal;

em face do interesse sagrado do futuro e do sonho maior duma nova civilisação de caracter lusitano, será sempre um bem! Outras correntes imigratorias ha que são valores perdidos para o nosso ideal; nucleos isolados a anularem-se na absorção forte de nações étnicamente opostas à nossa e para essas sim, para essas é que é urgente lançar os olhos e vigiá-las e defendê-las com energia!...

O ensinamento que a grande guerra nos deixou, veiu destruir por completo as utopias de certos espiritos, aliás bem intencionados, que julgam que as ideias por mais belas que sejam, podem vencer as tendencias naturais da humanidade!...

Após o periodo, que poderemos classificar de teoricamente cosmopolita, da segunda metade do seculo XIX e primeira decada do XX, a guerra veio, e por assim dizer mecanicamente, pela propria força esmagadora dos factos baralhou e destruiu todas essas ideias que só na paz se podem desenvolver e tomar a aparencia de verdades fundamentais.

O que nós vimos saír desta guerra não foi uma nova humanidade unificada num pensamento comum, porque essa humanidade seria um paradoxo contra a Natureza, que nem as proprias religiões conseguiram jámais realisar, em absoluto, mesmo nos periodos do seu maior predominio; mas sim vimos resultar um facto mais logico, porque mais se harmonisa com a propria condição natural da vida, que foi o renovamento do amor pátrio, fortalecido nos agrupamentos raciais que naturalmente se formaram.

Ao contrario do que pensam aqueles teoristas, que se desgostam da humanidade porque tem as qualidades inerentes à propria especie, deste choque formidavel de paixões e interesses veio-o dispertar e fortalecer esses sentimentos inactos no ser humano.

O homem esqueceu o egoismo individualista dos periodos de paz e prosperidade material, e compreendeu bem intimamente, que toda a sua força reside nas raizes que o ligam á terra donde provem, à familia a que pertence, à raça que em sucessivas gerações o

ligam por todos os filamentos da sua propria alma à tradição do passado dando-lhe o sentimento do que já viveu atravez das vidas sucessivas dos antepassados.

Da confusão e do sofrimento que o grande cataclismo trouxe, mais uma vez resultou a prova de que o homem não pode furtar-se ao que representa a sua estrutura moral e física, que é o interesse instintivo da sua propria continuidade em acção e força.

Eis, meus senhores, o milagre da natureza, que mais do que nunca nos aproximou na compreensão do futuro e no profundo sentimento do passado comum.

No momento perturbado que passou, o Brasil e Portugal sentiram instintivamente a fraternidade racial que os une e estenderam-se as mãos num movimento tão espontaneo e sincero, que a paz só o pode fortalecer e estreitar cada vez mais.

Dum lado e do outro do Oceano os dois povos sentiram ao mesmo tempo a necessidade de se afirmarem, defendendo o ideal nacionalista.

Mas a boa e sã e útil campanha nacionalista de que esta grande nação brasileira precisa, tanto como nós, portugueses, nunca poderá ser senão um redobramento de simpatia a unir-nos cada vez mais.

Entre o Brasil e Portugal, nem sequer pode haver indiferença ou alheamento, sem cometermos um crime contra o nosso proprio sangue!

Como nenhum outro povo saído do mesmo tronco vindo da Europa, o português conservou nos dois países, que se procuram e enlaçam atravez do Atlantico, as qualidades que lhe deram um caracter inconfundível.

Se o Brasil quizesse deixar de ser lusitano pela força estravagante dum nacionalismo desorientado, deixaria de ser o Brasil, a nação gloriosa, o colosso que se impõe a todas as outras nações sul-americanas para ser um conjunto desconexo das variadas correntes migratorias, que a força étnica da raça tem conseguido dominar e caldear admiràvelmente, numa unidade de pensamentos que eu propria acabo de constatar na minha explendida viagem atravez dos Estados Sul,

que uma desorientada propaganda nos dizia germanisados.

O fenomeno luso-brasileiro é, perante a Historia Universal, um dos mais interessantes sob o ponto de vista étnico, tradicional e imigratorio, quando estudado com serena e inteligente imparcialidade perante os factos que nos mostram dois ramos da mesma arvore, desenvolvendo-se paralelamente, alimentados pela mesma fonte inexgotável de vida, nunca confundidos e sempre amorosamente entrelaçados, olhando com a mesma ternura e o mesmo orgulho o passado glorioso e ambos caminhando para o futuro na criação dum sonho que se completa, vivído dos dois lados do Atlantico!

Meus senhores, minhas Senhoras, meus Patricios:

Não quero abusar mais da vossa bondosa paciencia!

Perdoai o tempo roubado neste desfiar de conceitos que só teem por desculpa o intenção com que foram ditos, que é o mostrar-vos a ternura imensa que sinto por esta grande Pátria, produto maravilhoso da energia da raça, e o orgulho imenso com que assisto ao seu progresso e ao caminhar para o futuro, correspondendo ao destino sagrado da imposição lusitana!

Senhores! Deixai-me ter a esperança de que vós todos ficareis a viver comigo o maior sonho da Raça. Que o Brasil caminhe à frente das nações latino-americanas, mantendo a egemonia do progresso dirigente; como Portugal saberá manter a egemonia dos povos da Peninsula, como sempre o fez na historia do progresso e da civilização moderna, para se unirem na acção futura que havemos de realisar e impôr ao mundo.

É preciso que o novo idealismo da raça viva comnosco em fé e aspiração sempre crescente, para que venha já inacto no coração das crianças, transmitido com o sangué pelo justificado orgulho das mães!

Com a nossa vontade e a nossa fé, a nova imposição lusitana ha de realisar-se como se realisou nos nossos grandes seculos, que são o XV e XVI. Lembremo-nos que nesse tempo foi um punhado de almas, um povo que tinha pouco mais de um milhão de pessoas, que em plena escuridão e perturbação medieval abriu à Europa uma nova era de poderío, expansão e grandeza, chamando à vida e ao convivio civilisado a maior parte do mundo que vivia ainda o seu periodo, por assim dizer, vegetativo.

Que muito é, pois, meus senhores, que hoje que a nossa gente se multiplicou e desdobrou pela terra, criando a força espantosa desta nação, que é a maior esperança do mundo; com novos Brasis a crescerem na Africa do Ocidente e do Oriente, o apoio dos nossos arquipelagos atlanticos e a força da metropole europeia, a viver em mocidade eterna o novo sonho da nossa imposição civilisadora... Dizei-me: que muito é que uma tão grande força realise o pensamento que está estruturalmente vincado à nossa alma de Lusiadas?!

Que muito é pois, Senhores, que a raça que unificou todas as correntes raciais que à Peninsula convergiram em diversos periodos imigrativos, unifique e amalgame todas as diversas influencias que ao Brasil concorrem, dando-lhe uma só alma e um só pensamento?!...

Esse milagre o vemos aqui já realisado no carinho e na harmonia com que a simpatica colonia Italiana se integra no nosso proprio idealismo, ajudando-nos na absorção progressiva de todas as outras raças.

Esse milagre o vemos realisado no Rio Grande do Sul, um dos Estados mais lusitanamente tradicionalista, apesar das suas imigrações germanicas.

Esse milagre o vemos no Paraná onde a cultura e a literatura se impõe numa acentuada imposição luso-brasileira.

Façamos pois a Grande Aliança dos povos lusitanos, que é a unica que está adentro da nossa alma, que vive nos nossos corações, que se impõe pela tradição do passado e vive o maior sonho do futuro!

Trabalhemos, meus Senhores, todos unidos no mesmo pensamento pela maior grandeza do Brasil e de Portugal! E vivendo este sonho colectivo, cada um de nós realise em si proprio a maior acção pelo engrandecimento das nossas duas Pátrias!

A mulher de Portugal e do Brasil

Senhores!

O assunto que tomei para tema desta palestra é daqueles que um coração lusitano recebe sempre em extasi, erguendo-se num ofertorio de amor!

Venho falar-vos da mulher da nossa raça, da mulher de Portugal e do Brasil, mas da mulher elevada pelo talento, nimbada de gloria, tocada da suprema graça da bondade, do heroismo e do orgulho santissimo duma maternidade dirigente e apaixonada.

Venho falar-vos da mulher em suas altas qualidades, honra e simbolo das nossas Pátrias, irmanadas pelo coração e pelo ideal que as faz grandes!...

Venho falar-vos das mulheres da nossa raça, daquelas que foram a eterna saudade de vossos Pais e daquelas que são já a alma mater desta grande terra brasileira, simbolica Terra Prometida à nossa raça, que Deus fez o seu novo povo eleito!...

E porque assim o quiz a minha boa sorte e a gentíleza dos meus patricios, esta palestra é feita sob a carinhosa protecção das Senhoras, que representam em sua beleza, graça e cultura, a nobre mulher brasileira.

Assim, meus senhores, com a força dos seus sorrisos a amparar as deficiencias da minha voz, espero que perdoareis o sacrificio a que tão amavelmente vos sujeitais.

Minhas Senhoras:

E' principalmente a vós, senhoras brasileiras e portuguesas, que me dirijo, porque é das mulheres da nossa raça que desejo falar-vos neste momento único da Historia em que dois povos saídos do mesmo berço longinquo da raça se encontram fraternizando numa alvorada de esperança para um grande futuro social e civilisador.

Eu sei, minhas senhoras, que nenhuma novidade vos venho dar, e muito menos aos vossos maridos, aos vossos pais, aos vossos irmãos e camaradas, falando-vos nas extraordinarias qualidades de espirito e de coração e de amor heroico da Pátria, que através de todos os tempos tem vindo a especialisar, entre todas, as mulheres da raça portuguesa, de aquem e de alem mar.

Parecerá talvez imodestia, a quem não conhecer o santo orgulho e a fé exaltada da raça, vir falar-vos das vossas e minhas compatriotas, todas irmãs pelo sangue, pela lingua e pela tradição heroica, como o hão de ser sempre pelas aspirações idealistas duma grande acção civilisadora, que por nosso intermedio de novo levante a sociedade, que os baixos egoismos vem mutilando em sua graça e beleza.

Isto, porem, não é imodestia, mas tão sómente a compreensão do que tem sido o nosso passado e o compromisso tomado, em face da Historia, de que bem saberemos cumprir a missão do futuro.

A mulher foi sempre e em todos os tempos o elemento fixador das raças, porque é ela que verdadeiramente representa a continuidade tradicional das Pátrias.

É por ela que a familia se prende à terra, porque é atravez da sua ternura que os filhos se ligam estruturalmante ao passado longiquo de que nos vem toda a força e toda a grandeza. É por ela que a familia caminha para o futuro, porque é do seu sangue, do seu leite, do seu amor e da sua divina ambição de mãe, que os filhos partem para os mais altos destinos!

A mulher tem o orgulho do seu sangue, tem o santo egoismo da sua raça, tem o respeito sagrado do seu solo, que é a Pátria dos seus filhos e dos seus antepassados; e por isso a mulher — em todos os países, como o foi no passado e o será no futuro — é fundamentalmente patriota!

Mas o seu patriotismo é, quasi sempre, e por circunstâncias independentes da sua vontade — mais instinto do que raciocinio, mais paixão do que consciencia, mais ciume do que orgulho, mais heroismo do que justiça!...

É que a mulher, mal preparada para as lutas sociais defende assim instintivamente, com todos os defeitos e tambem todas as reais qualidades, o principio sagrado da continuidade das raças, adentro do ideal da Pátria.

É que não ha quem melhor compreenda, mesmo na obscuridade duma vida cheia de modestia, esse sentimento que para muitos homens se alarga subjectivamente, conforme os seus interesses ou as suas momentaneas paixões, e na mulher é concentração dum sentimento, que muitas vezes até a vida contraría e faz retraír, mas não vence jàmais!

A mulher, na sua fundamentál função materna tem em si propria o verdadeiro sentido da palavra *nacionalismo*, que veio alargando progressivamente atravez da familia, de civilisação em civilisação, desde o limite estreito da sua primitiva caverna, em que ela foi a primeira base duma sociedade que mal se reconhecia, até ao alargamento maximo das pátrias, que se desdobram em ambições de imposição civilisadora.

O sentimento patriotico da mulher é mais fácil de ser restringido, perante a hostilidade do meio, no exclusivismo da familia do que alargar-se num grande ideal extensivo à humanidade.

A historia de todos os tempos está cheia de abnegações e heroismos patrioticos da mulher e não conta grande numero de sacrificios femininos pela ideia abstracta duma grande familia e duma grande pátria colectiva.

Ainda ha pouco, nessa enorme guerra, que passou por nós todos como um traço de fogo a marcar para o futuro um doloroso momento humano, um dos mais lindos gestos de morte foi o de Miss Cavel, a enfermeira que devia não ter sentimento exclusivo da raça e esquecer os interesses da Pátria para só cuidar dos interesses imediatos dos feridos, sem distinguir amigos e inimigos, e corajosamente se sacrificou pelo instinto sagrado de mulher, que acima de tudo, exclusivamente, quere o seu sangue e ama a sua terra! Miss Cavel desmentiu os preceitos internacionais da sua profissão; mas, porque foi mulher, foi mais humana e mais digna de ficar na historia como uma heroína verdadeira!

Não pode haver uma grande nação se não houver nas mulheres este sentimento que as faz as guardas e fiadoras das qualidades e tradições da raça; mas nas mulheres de Portugal e do Brasil êle é tão exaltado, que é dificil, encontrar outros povos que se lhe comparem, como vamos provar com a nossa propria Historia.

A mulher heroica

A historia especial da mulher brasileira e portuguesa está ainda por fazer, destacando-se apenas como padrões que muito alto se erguem, a marcar os factos mais gloriosos, alguns nomes que são pontos de referencia a que todos se apegam quando se querem referir às qualidades femininas da raça.

Sem querermos ultrapassar os limites historicos da nacionalidade e ir buscar à laboriosa e rude lusitana as qualidades atavicas que fazem da mulher portuguesa e brasileira as verdadeiras fixadoras da raça ao solo pátrio, vamos encontrar logo no alvorecer da historia portuguesa (que é a historia comum dos nossos dois países) a acção admirável da Infanta D. Tereza, a verdadeira iniciadora da nacionalidade. Foi ela quem me-

lhor interpretou a aspiração dos ricos-homens de Entre-Minho e Douro e as do povo que os tinha por dirigentes e, mais do que o marido, principe estranjeiro da fase medieval dos *sem-pátria*, que em nome da fé e da Santa Cavalaria iam pelo mundo a defender principios abstractos e não a fundar pátrias novas, foi ela que disputou corajosamente à irmã e ao cunhado a legitimidade e independencia da sua herança.

E só depois de viuva, quando os ricos-homens de Entre-Minho e Douro, fortes da ideia brilhante duma Pátria a enfrentar-se com outras Pátrias, que nasciam na confusão da Peninsula espano-arabe, a viram inclinar-se pelos interesses de coração para os senhores da Galisa, bateram com força as manapolas de ferro nos copos das espadas e disseram a essa bela infanta, que lhes tinha dado o direito duma Pátria: — "Retirai-vos porque a vossa missão acabou! Enquanto fosteis o politico habil que defendeu letra a letra as palavras do contracto do vosso casamento; enquanto fosteis a energica regente do territorio que consideramos nosso; enquanto fosteis a inspiradora dum pobre bom principe que de França nos veiu em cata de aventuras, então sim! Nós vos tinhamos como senhora suzerana! Agora que reclamais direitos de actuar livremente, quando só vos reconhecemos o dever de nos dar a independencia duma Pátria, a vossa missão está acabada e para penhor dos direitos de herança basta-nos o vosso filho."

De facto, em nome da nacionalidade que nascia com todos os direitos dum organismo feito para a luta e para o triunfo, ninguem hesitou em deixar condenar e vilipendiar essa mulher, que deixou como herança preciosa ao filho a energia no querer e o sonho politico que o sagrou fundador da Nação, que de facto a mãe já lhe entregara com direitos à resistencia heroica, que depois teve.

E no entanto, hoje, a oito seculos de distancia, e vendo como a Galisa e Portugal teem crescido lado a lado irmãs na origem, na fala e na resistência à absorção de Castela, é-nos licito pensar se a aproximação

com os senhores dalem Minho, embora tornasse mais dificil o direito legal à herança paterna, não teria logo de principio dado umas fronteiras mais naturais à Pátria Portuguesa?...

Um dos mais interessantes aspectos da vida e acção da mulher portuguesa através dos nossos oito seculos de existencia politica, é a sua paixão patriotica e o heroismo como se tem distinguido sempre nos mais dificeis momentos da nossa historia, tanto no continente como nas colonias, onde acompanhou o homem desde o periodo que se seguiu às descobertas.

É muito longa a lista de nomes femininos que orgulhosamente podemos pôr ao lado das mais puras glorias masculinas.

Se temos como exemplo quási fóra da natureza o gesto do Alcaide de Faria incitando o filho a defender o Castelo que lhe estava confiado, o que diremos da mãe do Alcaide de Trancoso que em tempo de D. João I mandava dizer ao filho: — "Que o proferia morto a vê-lo deshonrado, se entregasse às gentes embravecidas de Castela e aos portugueses traidores que as acompanhavam, o castelo que à sua guarda a Pátria confiara.„

Um nome de mulher resalta nesta mesma época, que não tem conseguido reabilitar-se, apesar dos seculos decorridos, esse nome é o de Leonor Teles. Ambiciosa, formosissima, habil politica, Leonor Teles teve nas suas mãos os destinos de Portugal, mas dos seus triunfos e do seu dominio nada ficou e o seu prestigio desfez-se como um fumo de mato seco, só porque não teve o que teem muitas das mais humildes filhas do povo — o instinto sagrado do amor pátrio!

Pode ter-se muito talento e muita habilidade politica, que não pode triunfar em Portugal senão aquele que acima de tudo, e dominando todos os outros sentimentos, tiver esse instinto sagrado da raça!

Foi o motivo porque a rainha D. Leonor Teles não conseguiu em vida, como na morte, ser desculpada em seus erros e estimada em seus talentos.

Já vimos que o mesmo sucedeu à rainha D. Tereza, apesar do seu incontestável valor, e pela historia vai sucedendo a todas as que não souberem compreender o sentimento português.

Em oposição a Leonor Teles, que se perdeu por atraiçoar o sentimento nacional, combinando-se com estrangeiros, temos a heroica Deusadeu Martins que salvou a praça de Monsão atirando para o arraial espanhol com o pão que ordenara da ultima farinha existente na vila, gritando: —"Que se julgavam que os renderiam pela fome bem enganados estavam, pois de sobra havia pão para dar aos esfomeados de Castela„.

E em vista deste rasgo, os sitiantes desistiram de continuar o cerco.

E o que diremos de Helena Pires e das suas valorosas companheiras, que nessa mesma defesa das muralhas de Monsão, se bateram como soldados que não temem a morte?!

Essas, como Brites de Almeida, a tão afamada *Padeira de Aljubarrota*, são o simbolo que atesta a energia inata na alma da mulher portuguesa.

Ela é bem a mulher do povo que na hora suprema aparece a afirmar o caracter indomável da raça e serenamente desaparece, integrando-se de novo na grande colectividade afirmativa, que impôs ao mundo a civilisação moderna, quando se julga desnecessária.

Brites de Almeida de quem a tradição afirma que matou sete soldados castelhanos com a pá do forno é a heroica simbolisação desse povo, sempre em contacto com os defensores da Pátria, quando eles encarnam o idealismo que a torna eterna e invencível.

Para melhor a fixarmos em simbolo vamos ler um soneto que a tomou por assunto:

BRITES DE ALMEIDA

Historia certa, ou lenda, a ingressar
Já pelos condominios da anedocta,
Padeira varonil de Aljubarrota
E's verosimil simbolo sem par.

Simbolisas a alma popular,
Na sua ânsia simplista e patriota
Que relucta de estranhos ser ilota,
Por seus se deixe embora escravisar.

E para mais, heroína, mulher sendo,
Teu nome e biografia estão dizendo
O que aliás toda a nossa historia aclama:

Que na mulher mais firme a tradição
Se guarda, e se enraiza uma Nação:
Passado que o futuro ensina e inflama.

Paulino de Oliveira

Tanto em Portugal como no Brasil a mulher afirma-se em nomes tão gloriosos, que o citá-los em detalhe seria tarefa para requerer largo tempo e muita erudição.

Demasiadamente conhecidas são as grandes heroínas das lutas do Oriente, as defensoras de Diu, as generosas damas de Goa, as mulheres de Chaúl, as mães heroicas que orgulhosamente davam os filhos em holocausto à Pátria, vendo-os morrer estoicamente pela honra do sangue português!

Onde os homens portugueses tiveram combates e acção, não lhes faltou nunca a força moral dos corações femininos.

Lindo exemplo foi esse da formosissima D. Isabel de Castro, que aos 16 anos se casava com D. Duarte de Menezes, o grande heroi da India, a esse tempo um moço da mesma idade, já governador da praça de Africa, Alcacer-Ceguer.

Quando a noiva gentil desembarcava com a sua comitiva, para se juntar ao esposo que ansiosamente a aguardava, encontrou a praça em estado de guerra, pois o rei de Fez a vinha cercar. A formosissima senhora não se intimidou com o aparato bélico e, abraçando o moço guerreiro, lhe disse a rir: — "Muito folgo, senhor, em vir em tão boa ocasião para vos poder ajudar!..."

E entrando na cidade começou logo a conduzir pedras, cal e agua, na faina em que andavam os sitiados para a defesa da praça.

De tal maneira o seu gesto entusiasmou os valorosos portugueses, que D. Isabel de Castro, suas damas e donzelas, formando um batalhão aguerrido, nada mais fizeram do que cuidar dos feridos e velar os mortos. E a praça defendeu-se até aos ultimos recursos, sem um desfalecimento nem uma hesitação, fazendo finalmente retirar os moiros, para maior gloria do nome português.

Falando no heroismo das mulheres portuguesas no Continente, na Africa e na India, não podemos esquecer as mulheres pernambucanas, que tanto sofreram e lutaram e tão alto levaram a sua coragem, que os seus feitos bem podem ser igualados aos maiores da antiguidade.

Como a padeira de Aljubarrota, Clara Camarão é uma explendida encarnação da mulher do povo, aparecendo com impetos de leôa para defender a honra da raça, desaparecendo, logo após o triunfo, no anonimato da grande alma colectiva.

Brilhando sobre todos os nomes gloriosos da historia da mulher luso-brasileira, temos que recordar a pernambucana heroica, D. Maria de Sousa.

Como Filipa de Vilhena, o simbolo da grande alma das mães portuguesas, sempre recordada com devoção na nossa terra, D. Maria de Sousa ao saber que os filhos mais velhos e o genro haviam morrido na luta contra o estranjeiro inimigo, enviou a Matias de Albuquerque os dois que ainda tinha, de 12 e 14 anos, para que os utilisasse na sua brava guerra contra os invasores estrangeiros.

Os nomes destas duas mulheres, mães como só fala a grande Historia quási mitologica do passado, hão de viver enlaçados na memoria das duas nações irmãs, erguendo bem alto a fama das qualidades de abnegação e corajosa fé patriotica das mulheres da nossa raça.

Para as honrar só podemos colocar ao lado dos seus o nome dum pai, como D. Francisco de Almeida, bradando na demencia da sua dôr, ao ver caír ensanguentado o mais formoso cavaleiro do seu séquito, que era o garboso moço D. Lourenço de Almeida, filho do seu profundo amor: "Por cada pedra de Diu, daria um filho!..." e levando os inimigos a ferro e a fogo, numa vingança sem treguas, só no fim da batalha sentiu as lagrimas, que lhe caiam no coração e não lhe corriam pelas faces!...

Como uma heroina medieval, tambem D. Maria Cezar soube impôr-se como premio, chamando o transviado João Fernandes Vieira ao heroico cumprimento do seu dever de patríota, defendendo Pernambuco do invasor holandês.

Na defeza tão ardorosa de Pernambuco as mulheres luso-brasileiras demonstaram bem claramente o grande principio que vimos afirmando: — de que é a mulher a verdadeira fixadora do solo! Se bem que haja teoristas, que lamentam a reconquista de Pernambuco aos flamengos, cujas qualidades administrativas dizem admirar, o que é certo é que o Brasil não seria esta grande Patria una e magnífica, com a mesma historia, a mesma lingua e o sonho imenso dum mesmo futuro se não se tivesse libertado desse enxerto a contrariar todas as tendencias e ancestralidades historicas da raça.

Na religião, nas letras e nas qualidades heroicas da raça, as mulheres do Brasil colonial honraram a Patria de origem e a Patria que se ia defenindo numa gloria e pujança que é hoje o novo triunfo da nossa raça. As mulheres do alvorecer da nacionalidade brasileira fo-

ram as filhas bem dignas das portuguesas, que do outro lado do Atlantico lhes mandavam os filhos para paes dos seus netos. Em quatro seculos de historia poucos povos podem apresentar, como este, um tão grande numero de nomes femininos que ilustram a sua historia, desde a meiga e fiel Marilia, que ficou a encher de lendaria e melancolica simpatia os alcantis da velha *"Ouro Preto"*, até às voluntarias heroicas da independencia, que repetiram como soldados valorosos o brado do moço Imperador: *"Independencia ou Morte!"*

Portugal deu à Italia uma das mais romanticas figuras femininas da sua efemera e generosa republica Parthenopeia, essa linda Leonor da Fonseca Pimentel, poetisa e heroina, que tão nobremente soube morrer no cadafalso infamante, pelo sonho sempre belo da Liberdade da Fraternidade e Igualdade!

O Brasil deu tambem à Italia a figura quási lendaria de Anita Garibaldi, que soube ser mulher heroina, digna companheira dum heroi, que entrou pela historia moderna com todo o prestigio da lenda.

Influencia da mulher portuguesa na arte e na literatura

Sendo a nossa palestra um apontuado de notas, que tem só por fim demonstrar a persistencia das qualidades excelsas da raça atravez da acção feminina, deixamos outros muitos nomes e factos que nos seria grato recordar e procuremos dar um outro aspecto interessante da vida social da mulher portuguesa, influindo, como influiu sempre, nas artes e nas letras, não só em Portugal como no estranjeiro.

Logo na primeira descendencia de Afonso Henriques vamos encontrar uma mulher de alto valor não só pelas suas qualidades de politica inteligente, como pela sua rara energia e, sobre tudo, pela influencia que exerceu na cultura europeia do seu tempo. Trata-se da

filha do primeiro rei de Portugal, que foi casada com Filipe de Alsacia, sendo assim soberana duma das cortes mais intelectuais da Europa mediavel, cujo requintado sentimento produziu o maravilhoso romance de amor que é "Tristão e Iseu". Esse drama eterno da fatalidade da paixão desceu da côrte a que presidia uma inteligente dama portuguesa para a alma sincera do povo e de geração em geração se foi transmitindo como um sorriso de luz, entrando no folk-lore de todo o mundo. Assim, podemos bem afirmar que a sentimentalidade amorosa da raça portuguesa influiu no grande ciclo de que o poema de "Tristão e Iseu" é o eixo; como mais tarde influiu pelo romance de cavalaria de que foi a obra prima o "Amadis de Gaula" de João de Lobeira o gentil cavaleiro e poeta português.

Mas ainda mais do que o poema e do que o romance influiu moralmente no mundo, como um dos grandes dramas da humanidade, a tragedia sagrada na constancia da paixão e na violencia da dôr, que é a historia de D. Pedro e D. Ignez de Castro.

Esse drama de paixão, de revolta, de odio e de saudade, é bem um violento e fundo traço do genio português! Ama-se com a doçura constante de Ignez, vendo a morte avançar sem a pretender evitar, no fatalismo dum sentimento que se não pode vencer; e ama-se como D. Pedro levando o impeto da revolta até às mais atrozes crueldades na vingança!

Ama-se em abnegação e orgulho na dôr, como soror Mariana Alcoforado, a doce freira portuguesa, cujas cartas de amor e de saudade todos os apaixonados sem esperança leem com as lagrimas nos olhos...

É que o amor, quando se apodera duma alma portuguesa, é absorvente e constante como todas as manifestações da raça.

Como um dos mais altos valores a afirmar as qualidades de inteligencia da mulher portuguesa, não pode ser relegada a figura moral dessa gentilissima Infanta, filha do Mestre de Aviz, D. Isabel, irmã dos "inclitos infantes", que exerceu uma grande influencia nas relações diplomaticas, artisticas e até mesmo comerciais,

entre Portugal e o Ducado de Borgonha, então um dos mais poderosos e florescentes estados da Europa.

A infanta D. Isabel de Aviz foi mãe de Carlos o Temerario, essa figura de heroicidade e de cavalaria, lendaria encarnação das virtudes e beleza moral duma época, que o espirito arguto de Luís XI ia derrubar.

O jovem principe, foi bem o herdeiro do sangue português, morrendo em beleza e heroicidade, como anos mais tarde morreu o nosso "Cristo da Desgraça" o sempre amado e lendariamente vivo D. Sebastião!

É que saber morrer em beleza, num grande gesto de heroicidade, é ainda um dos mais caros ideais da gente portuguesa!

Quantos e quantos atravéz da nossa historia, no passado como no presente, sacrificam tudo por um só gesto de gloriosa morte.

Abençoada raça que sabe morrer em abnegação e heroismo!

Carlos o Temerario não poderia negar as qualidades que lhe legou o nobre sangue de sua mãe, que nunca deixou de ser uma portuguesa pelo coração, vivendo em saudade e em orgulho da Pátria na opulencia do seu faustoso Ducado.

Portuguesa pelo sangue, pelo caracter e pelo nobre orgulho, tão caracteristico da nossa raça, ela provou-o sempre por todos os gestos da sua vida até mesmo quando escolheu para paladino da causa de Borgonha, contra o direito arrogado pela França, o cavaleiro gentil e heroico que foi na historia e na lenda a mais nobre encarnação do caracter português, Alvaro Gonçalves Coutinho, o Grão Magriço.

Por influencia desta princeza a Arte pictoral portuguesa sentiu o influxo da cultura flamenga, preparando-se para o período a que chamamos de píntura primitiva e tem como afirmação admirável o genio de Nuno Gonçalves e seus continuadores.

Como valores que bem se devem contar na maior grandeza e brilho que atingiu a civilização portuguesa, não podemos esquecer as três filhas do rei D. Manuel I, o "Venturoso".

A infanta D. Maria, depois de ser pretendida pelos mais altos senhores da Europa, não escol .eu esposo e manteve, adentro da explendida e cultissima corte de seu pai, uma verdadeira academia onde brilharam os mais cultos espiritos femininos do seu tempo. Eram da sua privança poetisas, artistas sabias que mostravam os seus talentos entre os sabios mais cotados, como sucedia na velha Grecia.

Nesse corte da mais requintada cultura, brilhavam os talentos de Camões, Sá de Miranda, Gil Vicente, e Bernardim Ribeiro... para só citarmos dos maiores.

Foi desse ninho de erudição e graça intelectual, que saíu a princeza D. Beatriz, a linda exilada que a sorte levou para o pobre Ducado de Saboia, consumindo-se de amor pelo poeta, como o conta — para a eterna ternura de todos os corações namorados — o livro das "Saudades", que se chama a "Menina e Moça".

A terceira, a princeza D. Isabel, foi a maior formosura do seu tempo; mulher de Carlos V, Imperador da Austria e rei de Espanha e dos Países Baixos, e mãe dessa formidável figura, na expressão genial da vontade, que foi Filipe II de Castela, I.º de Portugal.

Por a ver morta e decomposta a sua beleza divina, o Duque de Gandia, grande de Espanha, gentil-homem dos mais opulentos da côrte, entrou no claustre de penitencia e santificou o nome de Francisco de Borgia, que adoptara ao deixar o mundo, magoado "porque tão grande formosura se fizesse ascorosa podridão!..."

A influencia da mulher portuguesa nas côrtes em que entrou como soberana é bem evidente, mesmo quando se não distinguem pela formosura nem pelo talento, como sucedeu com a princeza D. Catarina de Bragança, mulher do rei Carlos I de Inglaterra, que adentro dessa côrte da mais degradante dissolução conseguiu manter-se duma pureza de lirio, que ao pr. prio marido impunha respeito e ternura.

E da saudade da sua pobre alma de exilada brotou o interesse pela musica religiosa, de que o pai (D. João IV) era um apaixonado cultor, resultando não se perder por isso em Inglaterra a tradição da musica sacra.

Foi ainda ela que levou para a côrte de que era soberana o costume do chá das cinco horas, que depois a moda britanica impôs, como tradição propria, ao mundo ignorante da nossa tradição e influencia.

Essa delicada refeição, a mais agradável do dia, que hoje se usa com todos os requintes duma sociedade civilisada, não é mais do que a persistencia da merenda, que as recatadas mulheres de Portugal tomavam nas tardes calmas do seu viver caseiro, assentadas em cochins e tapetes da Persia e de Arraiolos, em volta de pequenos bufetes torneados em pau santo, que nos parecem hoje mobilario para crianças.

Por traz das grades dos conventos em que viviam representantes do melhor sangue de Portugal, ou nos salões luxuosos, servidas por escravos e donzelas da sua privança, as senhoras portuguesas impunham ao mundo o prazer do chá, que os homens haviam importado da China, e o gosto e tradição dos bolos e dôces, que ninguem ainda faz como portuguesas e brasileiras...

Como sucede com os homens portugueses tambem as qualidades de inteligencia e de acção se depuram na mulher da nossa raça afirmando-se mais ainda em contacto e confronto com o estranjeiro. Um dos mais belos exemplos desse valor é a obra magnifica de diplomata e de escritora da Marquesa de Alorna, que se impôs na corte formalista da Austria e foi em Lisboa um dos mais altos valores mentais do seu tempo, influindo brilhantemente na vida intelectual portuguesa.

Acompanhando os homens da conquista e das descobertas, as mulheres de Portugal tiveram uma bem forte acção nesse lidar e trabalhar para impôr o nome português.

As senhoras das mais altas familias espalharam-se pelo Oriente, ajudaram a colonisação dos novos arquipelagos encontrados, vieram para o Brasil e auxiliaram poderosamente a estabilisação duma vida, que sem elas seria precaria e dificil, sem raízes, como um arraial de colonos. Com as senhoras portuguesas das mais ilustres familias que vieram para a colonisação do Brasil, vieram as damas e donzelas, que trouxeram as artes e industrias caseiras, que são aqui uma continuação de Portugal.

A doçaria variada que é uma das caracteristicas da vida caseira no Brasil, é a continuação da variada doçaria que em Portugal era fabricada para a fartura das casas opulentas e nos conventos, que exploravam essa simpatica industria feminina em receitas privativas e especializadas.

As rendas de bilros, hoje uma florescente industria artistica e regional do Norte do Brasil, como tudo quanto representa o trabalho delicado da mulher, o trouxeram as mulheres de Portugal para as mulheres da nova patria de seus filhos.

Industrias, artes, maneiras, convivio, interesse literario e artistico, tudo fez parte daquele viver de familia tradicional portuguesa, que tão nobremente enceton a grande vida brasileira, em pequenos nucleos de cultura, que eram verdadeiros centros de arte, como foi Ouro-Preto e outras cidades coloniais.

Esta é a nossa tradição comum, senhoras brasileiras e portuguesas, este é o nosso orgulho, que não devemos esquecer.

Na literatura propriamente dita a mulher portuguesa tem sempre tido uma grande influencia, não só inspirando os maiores poetas, como Camões, Bernardim Ribeiro, Bocage, Garrett e quási todos, senão todos, os escritores portugueses e até estranjeiros (como sucede com Tirso de Molina, que escolheu portuguesas para

as mais simpaticas heroinas das suas comedias) como influindo socialmente na formação de diversas épocas de verdadeira cultura literaria.

Isto sem querer falar na literatura verdadeiramente feminina, que é suficiente para manter-o nosso país à altura dos mais cultos.

Presentemente a mulher portuguesa representa-se por tantos e tão altos valores na arte, na sciencia e na propria vida social e de trabalho, que não nos compete enumerá-las e sim afirmar, que ela se mostra, cada vez mais energicamente, o valor social que sempre foi no nosso país!

Desejaria poder aqui enumerar todas as que em Portugal teem erguído bem alto a honra do nosso nome, como escritoras, artistas, eruditas e propagandistas, como educadoras, como agricultoras, como comerciantes, como operarias...

Não me é possível fazê-lo, tão grande seria a lista de nomes a lembrar!

De resto, esses nomes, pela propria exteriorização da sua obra nem sequer precisam de ser enumerados.

E se muitos são os nomes femininos que em Portugal se distinguem, não menos são os que no Brasil representam uma honra para a nossa raça. Desde a grande mulher que foi Nisia Floresta Augusta, a primeira mulher que na America escreveu sobre os direitos femininos! — foi pois brasileira a primeira feminista do Novo-Mundo — até à grande romancista, que é Julia Lopes de Almeida, quantas mulheres a ilustrar esta Pátria!

Neste momento em que vem de se realizar no Rio de Janeiro o primeiro congresso feminino, que tem por fim estudar o levantamento e progresso moral da mulher, tendo como delegada Norte-Americana a leader do movimento nos Estados-Unidos e representantes da Argentina e de todas as republicas da America do sul, é de justiça lembrar o nome de Berta Lutz, a serena e presistente propagandista que votou a sua bonita mocidade ao trabalho e à causa feminina!

Alem destes, quantos nomes a inscrever no livro

de oiro da moderna actividade intelectual feminina do Brasil?!

Desde o Rio Grande ao Amazonas, de polo a polo deste imenso páis, quanta mulher que se impõe pelo seu talento, que trabalha e vence na luta intelectual, quantas vezes mais dolorosa e cruel do que as outras!...

Sem pretender dar uma lista completa de valores mentais da mulher brasileira de hoje, não seria possível esquecer os nomes ilustres de romancistas como Albertina Berta cuja prosa nervosa e perturbante é toda sensibilidade reveladora; como Adrandina de Oliveira, a riograndense de tão alto valor; Crisantéme, a incansável psicologo da alma feminina de certos meios modernos; Maria Lacerda de Moura, a distinta mineira que deixa voar o coração e o talento atraz do sonho duma sociedade perfeita; poetisas como Zilah Menteiro, a interessante jornalista carioca, Walkiria Neves, moça, a viver o seu sonho de ventura, Gilka Machado e tantas outras!...

Publicistas, educadoras, propagandistas, oradores polemistas como Margarida Lopes, Mariana Coelho (que bem podemos literariamente considerar brasileira) Ana Cesar, Carlinda Amorim, Julia Costa, Perciliana Duarte de Almeida, Ana Aurora, Maria Amelia Daltro Santos e outras cujos nomes não é possível dar em todo o seu conjunto brilhantissimo.

Não devos tambem esquecer sociologas como a Dr.ª Mirtes de Campos, a primeira senhora que se formou advogada no Brasil.

Alem destes poucos nomes que o acaso da memoria me foi lembrando, quantas e quantas professoras distintas, quantas e quantas senhoras em todas as profissões e no seu proprio lar influindo brilhantemente, que são o orgulho do nosso sexo e da nossa raça no Brasil!

Propositadamente destacados dois nomes devemos evocar neste momento, pelo que de nobremente belo representam: são os de D. Revocata e D. Julieta de Melo, as senhoras que todo o Rio Grande do Sul respeita e venera como reliquias sagradas.

Poetisas, professoras, jornalistas combativas, as suas mentalidades colocam-nas ao par dos mais nobres e dos mais modernos ideais femininos.

Elas são para todas as mulheres brasileiras um belo exemplo de inteligencia progressiva.

Ainda ha pouco se impozeram por um belo exemplo de civismo, pois ao primeiro "Congresso brasileiro pelo Progresso Feminino" foram essas duas senhoras, vergadas ao peso de dores, que a vida impiedosamente acarreta sobre todos os corações generosos, que tomaram a iniciativa de enviar um telegrama, significando o desejo da mulher riograndense em trabalhar pela Pátria, trabalhando pela elevação e progresso do seu sexo

Devemos ainda frizar, no esplendor do progresso marcado dia a dia na grande civilisação brasileira, o trabalho admiravel da mulher paulista, digna colaboradora dos homens que tão energicamente teem colocado o seu Estado à frente do movimento admiravel da America latina.

Pedagogas, medicas, advogadas, publicistas, filantropas, sociologas, grandes agricultoras, comerciantes e industriais, a lista de nomes seria tão grande que não caberia no rapido correr destas paginas.

Não podemos porem furtar-nos ao prazer de citar dois que a nossa convivencia particularmente conheceu e distingue: D. Evelina de Arruda Pereira a chefe incontestada do movimento paulista, espirito duma alta cultura literaria e social, a par de todo o movimento intelectual e social da Europa, e D. Eleonora da Silveira Cintra a alma-mater da assistencia educativa às mulheres pobres do futuro, hoje as crianças que a sua linda alma acolhe maternalmente e encaminha para o trabalho, que è a unica libertação seria.

Esperamos com toda a confiança, que do movimento feminino que se está pronunciado no Brasil, levando a mulher para um novo campo de acção e de trabalho, resulte o maximo progresso deste país, que será o mais admirado e o mais culto da America latina, se a mulher o quizer, continuando a vencer a luta em que se empenhou pelo seu progresso e levantamento moral.

Unidas pelos mesmos sentimentos, pela mesma origem, pela lingua e pelo mesmo ideal de grandeza e imposição da raça, é necessário que para o futuro a aliança das mulheres portuguesas e brasileiras seja profunda e indestrutivel para o triunfo do nosso sangue como para a grandeza das nossas Pátrias irmanadas.

A mulher portuguesa e as suas obras de Assistencia

As melhores obras de Assistencia social que ainda hoje existem em Portugal, pode dizer-se que têm todas no inicio um nome de mulher a consagrar-lhes a intensão generosa e altruista.

Já não falamos na bondade transbordante da rainha que a igreja colocou fóra da vida, dando-lhe virtudes e abnegações que estão para alem da humanidade e digamos, do caracter português, pois D. Isabel de Aragão foi uma alma de misticismo contemplativo, uma apaixonada da bondade abstracta, uma fonte de amor a correr deliciosamente para se perder na terra maninha, mas não foi uma acção construtiva e socialmente forte como foram outras senhoras verdadeiramente portuguesas.

Assim, logo no primeiro seculo da nacionalidade portuguesa vamos encontrar em outras senhoras uma atitude bem diversa, convergindo no intanto para um fim da mais alta justiça.

Temos, por exemplo, nas filhas do rei D. Sancho I., aquele espirito de altivez e independencia, que fez da mulher nobre da Idade Media, quando tinham direitos representatívos, a verdadeira igual ao homem, na politica e na sociedade.

Com os seus homens de armas, em verdadeiro pé de guerra, as infantas disputaram à avareza de Afonso II a herança que haviam de seu Pai, o grande administrador previdente, que soube povoar as terras conquistadas nas correrias e batalhas com os mouros, dando consistencia à nacionalidade alvorescente.

Vencedoras nessa luta em que o direito se chocava com a vontade soberana do rei que iniciava o principio da autoridade suprema, as infantas não aproveitaram para seu luxo e regalo as riquezas conquistadas com tanta dificuldade e heroismo, mas transformaram-nas na obra tão bela, tão humana e tão generosa, como socialmente util, que teve por nome AS GAFARIAS!

Essa instituição, a que mais tarde a Rainha Santa deu a ternura da sua alma a desfolhar-se em prodigios de bondade extra-humana, ainda hoje é duma necessidade tão imperiosa que o Governo português acaba de nomear uma comissão, escolhendo os mais distinctos medicos especialistas, para ressuscitar em condições que a moderna sciencia preconisa, esses verdadeiros lazaretos preservativos para a saúde publica e para o futuro da raça.

O Brasil no seu ultimo valioso congresso scientifico tambem a outra conclusão não chegou, pois o unico preservativo para a horrorosa doença, que foi o flagelo da Europa medieval, como é hoje no Brasil e em toda a parte o pavor do contagio, são as instituições de isolamento para os desgraçados que adquiriram o tremendo e incuravel mal.

Nesta cruzada do bem que a mulher portuguesa tem realisado atravez dos seculos, coloquemos bem alto, bem acima de todos o nome santificado pela inteligencia e pela dôr, da nobre mulher de Portugal, que foi a rainha D. Leonor, mulher de D. João II. É ela que do seu coração torturado de mãe e de esposa soube arrancar, à força de dedicação e ternura inteligente, essa obra ainda hoje admirável e bela que se chama "As Misericordias", instituição, que veio disciplinar e metodisar a assistencia publica no alvorescer da Renascença, quando a Europa se agitava numa crise social perturbante e à qual o povo português soube imprimir um rumo seguro.

A rainha D. Leonor, que é bem pelo sangue, pelo caracter e pela acção uma verdadeira mulher portuguesa, aceitando e compreendendo primeiro que ninguem,a ideia das Misericordias, dando-lhe o seu valioso auxilio, acarinhando-a como propria e desenvolvendo-a conforme as necessidades do seu povo, fez uma das mais belas obras sociais que teem existido, não só em Portugal, come em todo o mundo.

Porque na acção das Misericordias cabe tudo quanto é assistencia e os seus gestos podem ser tão largos, tão generosos e piedosos como o seu proprio nome indica!

Foi por essa instituição — tão admirávelmente organisada, que ainda hoje a sua acção se mantem e pode desdobrar-se infinitamente — que a generosidade dos ricos, como a migalha dos pobres poude ser canalizada para dar assistencia a todas as miserias, consolação a todas as dores, abrigo a todos os desamparos.

Os velhos, os condenados, os insepultos, abrigaram-se sob a bandeira santa da Misericordia e foram consolados!

As crianças encontraram nela a mãe, que a vida impiedosamente lhes negava! E até sob o ponto de vista da riqueza publica as Misericordias prestaram e prestam, grandes beneficios ao povo português na sua função administrativa de emprestar a juro razoável os seus fundos de reserva aos pequenos proprietários rurais, até certo ponto libertando a terra do gravame dos agiotas.

Mesmo que a rainha D. Leonor não tivesse outros actos a provar a inteligente superioridade da sua passagem pela terra, bastaria à gloria do seu nome o ser a fundadora das Misericordias, que estenderam a sua acção a todos os pontos onde chegaram os portugueses, especialmente a este Brasil onde tão fundamentalmente enraizou a alma lusitana!

No entanto a rainha D. Leonor soube ter, alem das suas obras de caridade, uma grande acção social, que auxiliou em muito a eclosão maravilhosa da grande época portuguesa!

Foi ela que fundou o explendido estabelecimento

das Caldas, ainda hoje por amor dela, chamadas da Rainha, e dotando generosamente essas termas renovou a tradição que ia perdida, desde os tempos dos romanos, da cura metódica, higienica, e scientifica pela aguas medicinais.

Ainda em vida do marido, o grande rei D. João II, o receituario medico para a escolha das aguas se fazia por experiencias feitas sobre varios doentes atacados do mesmo mal, mergulhando-os nas diversas fontes que à reveria o povo ia usando e consagrando santas, e são hoje das maiores riquezas da nossa terra.

Pelas suas mãos dadivosas, compreedido pela sua alta e bem equilibrada inteligencia construtiva, passou tudo quanto trouxe a Portugal um gesto de beleza, de arte ou de sciencia. Os sabios, os poetas, os artistas, os nautas, todos encontraram nela a protecção moral e material que necessitavam. E sabios poetas e artistas produziam maravilhas nas letras, na pintura, na arquitectura, na ourivesaria, na imprensa e em todas as manifestações da beleza, criando multidão de artifices que puzeram a Arte portuguesa numa altura que ainda hoje nos orgulha.

A rainha D. Leonor é uma das mulheres mais representativas da nossa raça, porque todas as suas qualidades e os seus proprios defeitos, os sentimos e compreendemos como se nossos fossem.

Não é duma religiosidade mistica e contemplativa, mas duma bondade inteligente e construtiva que a põe a nosso lado como alma irmã e protectora.

O exemplo da rainha D. Leonor foi sempre seguido pelas mulheres portuguesas, cuja acção benificente é bem clara e bem nitida através da historia, não só reflectindo a vida mundana onde as grandes damas, como as opulentas burguesas e até as pobres mulheres do povo tiveram sempre um papel decisivo, como num desdobramento de energias superiores que se concentraram nos conventos, onde se acolheram os mais altos valores morais do sexo feminino em Portugal.

A lista de senhoras que foram socíalmente alguem na sociedade portuguesa, individualidades de destaque

que se impuseram através das grades dos seus conventos, é enormissima!

Desde o idialismo puro duma santa Joana de Portugal, a doce irmã de D. João II, que era uma artista na iluminura, até à ultima freira do Convento de Beja, que andou, segundo diz a lenda, vestida de soldado nas lutas liberais, os conventos femininos foram irradiações constantes da vida exuberante da mulher da nossa raça.

Dos conventos saíram escritoras e poetisas, de lá se impunha à sociedade civil o exemplo de caridade, de trabalho, e até de acção politica, em que as mulheres portuguesas tomaram sempre activa parte.

A cada passo se encontra em Portugal obras de assistencia que ostentam nomes femininos na sua fundação, como o Convento de Jesus, de Setubal e o magnifico Asilo de Runa para invalidos da guerra, obra da princeza D. Benedicta de Bragança, que se ergue no meio dum dos mais lindos trechos da paisagem estremenha a desafiar os tempos pela solidez da sua monumental construcção.

As primeiras *créches* que se fundaram em Portugal foram da iniciativa da rainha D. Maria Pia, como as "Cosinhas Economicas" foram a obra da Duquesa de Palmela, que foi uma inteligencia superior aliada a uma grande sensibilidade de artista.

A luta contra a tuberculose foi iniciada sob a égide da rainha D. Amelia, que a ela ligou a boa vontade de toda a sociedade portuguesa, especialmente feminina, sendo obra unica duma senhora um dos mais belos sanatorios que existem na Parede, junto ao mar sempre azul e sempre belo, que vai de Lisboa a Cascais.

É tambem da iniciativa feminina a assistencia à primeira infancia, a gota de leite, o enxoval dos recemnascidos dos hospitais, o Natal das crianças dos hospitais, e tudo quanto representa uma aspiração de bondade e de acção beneficente.

E no meio destes variados trabalhos, duma assistencia normal, vem a guerra com toda a sua pertubação e nessidade de trabalho inteligente e disciplinado e

imediatamente surgiram em Portugal actividades femininas que organisaram a defeza patriotica da raça.

Aos primeiros anuncios da luta, quando politicamente ainda se não decidira a entrada na guerra, um grupo de poucas senhoras, adoptando o lema *Pela Patria*, por ela trabalharam dando assistencia aos soldados das nossas campanhas de Africa, protegendo e auxiliando as familias, e enviando para os aliados roupas e agasalhos de que tanto careciam.

Com a declaração pública da guerra fundou-se a "Cruzada das Mulheres Portuguesas" cuja acção larga e multiforme surgiu com um plano de vida futura, que marcava a sua estabilidade.

Com uma boa vontade e uma energia no trabalho que não queria desmentir a acção masculina, as senhoras que fundaram essa Agremiação protegeram as crianças que a ida dos pais para a guerra deixava em más circunstancias, deram assistencia pelo trabalho às mulheres, protegeram os velhos pais dos soldados chamados às fileiras, cuidaram da sua correspondencia, olharam oficialmente pelas suas pensões, trataram de legalisar-lhes a familia, enviaram-lhes roupas e comida, quando estavam em França e depois, quando presos na Alemanha, não quanto e como desejavam, mas como foi possivel.

Mas o que a "Cruzada" sobre tudo fez foi dar uma valiosa assistencia aos feridos mutilados e estropiados da guerra, criando o "Instituto de Reeducação" que ainda hoje se mantem para alargar a sua acção de modo a valorisar, pelo trabalho, todos os insuficientes, aleijados e estropiados, pois que a hora é de aproveitamento de todos os valores humanos.

Alem desse "Instituto" talvez uma das obras melhores das que em toda a parte ficaram da guerra, a 'Cruzada' mantem a sua assistencia às crianças, criando a obra encantadora dos "Casaes dos orfãos da guerra" e esperando que essa ideia realizada dê a cada orfão seu protegido uma pequenina casa, que seja o seu bem futuro, nucleo enraizador da familia à terra, que lhe tirou o pai em nome dos interesses da Pátria! Assim espalhados

por todo o país os "Casaes dos orfãos da guerra" serão uma lembrança do trabalho e da acção feminina e um incentivo para se melhorarem as demais habitações das aldeias humildes de Portugal.

Com as suas largas vistas duma acção futura a "Cruzada" tem nos seus estatutos o desdobramento da sua actividade, de modo a criar a assistencia interna e externa ao emigrante e à familia, tantas vezes ficando na maior desgraça com a falta dos chefes, e que ninguem ainda tomou no seu devido valor, como verdadeiros soldados, pioneiros da raça, desdobramento da acção lusitana por todo o mundo.

Alem da "Cruzada" e da "Liga Patriotica do Norte" do momento terrível da guerra outras obras surgiram de assistencia ocasional como a das "Madrinhas de Guerra" a "Assistencia das portuguesas às victimas da guerra" o auxilio à "Cruz vermelha"... Tudo quanto, enfim, representou a assistencia, a bondade e a fé patriotica o realisaram as mulheres portuguesas nesse momento terrível!

Como em Portugal, a mulher no Brasil tem dado às obras de assistencia e de educação o generoso interesse da sua bela alma.

Desde a lei que libertou os filhos das escravas, corajosamente firmada por uma senhora, até às numerosas obras em plena actividade no Brasil, os nomes femininos são um verdadeiro rosario de luz e de amor.

Citá-los seria dizer o que todos bem sabem e alongar esta palestra que vai sendo já demasiada, como abuso da vossa paciencia.

A influencia da mãe na raça portuguesa

Deixei propositadamente para o fim o falar-vos do mais nobre aspecto do caracter das mulheres da nossa raça, que é a sua paixão pelos filhos e o estoicismo heroico com que os vêem caminhar para a vida,

As mães do povo português vivem em sacrificio e abnegação!

Elas vêem partir os seus filhos, às vezes crianças ainda, para a grande luta do trabalho que é a colonisação deste grande mundo, pequeno para as aspirações da nossa raça!

Elas estão habituadas a ver partir os seus filhos, moços na flor da vida, para as continuas guerras de afirmação da nossa soberania, em Africa, na Oceania, na India e na China, liça valorosa em que se mantem sempre álerta o heroismo português.

Quando se tratou da nosa participação na guerra, elas aceitaram com uma resignação heroica o facto doloroso.

Era dever! Tinham que marchar e marchavam em nome da Pátria, que é preciso honrar!

Quantas e quantas pobres mulheres vieram até nós e murmuravam numa préce o seu estribilho sagrado: — Se é pela maior honra do nosso Portugal, que partam e que mostrem quem somos!...

Pelas nossas mãos passaram milhares de cartas dos soldados para as familias e destas para eles. Atravez das suas letras insipientes viamos a filtração angustiosa das lagrimas da mais funda inquietação e saudade, mas nem uma unica vez a tragedia miserável da covardia e do derrotismo se escancarou com descaramento deante dos nossos olhos!

E' que esse sentimento, tão contrario ao caracter português—feito de força e de imposição orgulhosa—só na sombra poderia gerar-se, só na traição poderia medrar!

Não o sentiam as mulheres, não o compreendiam as mães do povo, dum tão forte enraízamento atàvico, duma tão grande perseverança nas tradições heroicas da raça, que é comovidamente que evocarei sempre um dos mais belos momentos dessa tragedia gloriosa, que passou por nós num arrepio de dôr e de triunfo, que foi o grupo das oito mães, vindas das oito provincias de Portugal, para acompanhar os soldados desconhecidos, os seus filhos anonimos, mortos gloriosos das guerras de Africa e da Flandres.

Esse grupo, que se conservou junto aos féretros cobertos com as bandeiras gloriosas dos combates, desaparecendo sob montões de flores, de palmas, e coroas, seguiram-nos até ao repouso que a Pátria lhes quiz dar no templo de Santa Maria da Batalha, que representa a mais alta expressão da grandeza do povo português.

Entrando nas arcarias trabalhadas como uma filigrana, na gloria duma tarde a morrer em purpura e em oiro, o grupo dessas pobres mulheres do povo embrulhadas nos seus chales de luto, eram bem as mães sempre serenamente heroicas, que dão à Patria o sangue generoso dos filhos da sua alma!

Serenas, simples, recolhidas e heroicas na compenetração da sua dôr foram bem dignas do gesto de maternal orgulho com que a Pátria recolheu as cinzas desses anonimos soldados, como se recebesse todo o sangue que por sua honra verteram os filhos heroicos do povo português.

Essas humildes mulheres do anonimo povo, silenciosas e tragicas eram o simbolo da terra bem amada, que elas cultivam com os seus braços e amam com todas as raizes da sua alma, semeando no coração dos filhos o mesmo amor e o mesmo orgulho, que as acompanha e eleva, tanto faz que dêem o seu sangue na guerra, como o suor do seu rosto no trabalho de conquistar o pão e de imporem o nome português na expansão da nossa raça ajudando a criar e manter uma civilisação que tanto nos deve e de nós espera um novo esforço

Falei-vos das mães portuguesas, senhores! Mas o mesmo é falar das mães brasileiras, que iguais são no amor e na dedicação aos filhos.

No entanto, é para vós, meus patricios, que uma palavra mais de saudade venho trazer-vos! Elas não vos esquecem jamais, as vossas pobres mães, vivendo na eterna esperança de vos abraçar um dia!...

E eu, que tambem sou mãe, ir-lhes hei dizer, a elas, logo que volte à nossa Pátria, que tambem vós as não esqueceis jamais e que é tambem da esperança de um

dia repousar no seu regaço a vossa cabeça cançada, que lutais e trabalhais com ardor, com fé e coragem inquebrantável!

Dir-lhes hei que é para que haja no mundo mais corações que as amem, que lhes levareis os vossos filhos e as vossas esposas brasileiras, como elas, filhas da mesma raça heroica!...

Esta missão sentimental, que os nossos patricios do Rio, pela boca dum distinto conterraneo me impuzeram, eu a cumprirei religiosamente, como a mais bela obra de toda a minha vida!

Senhoras:

Diz-se que não há mulheres mais absorventes no seu nacionalismo do que são as brasileiras e as portuguesas.

Assim é e assim deve ser, porque assim o reclama o interesse da raça! A mulher portuguesa pertencendo a uma raça expansiva e forte, que vive na ânsia duma contínua emigração, precisa de amar com mais ardor a sua terra e sentir mais forte o orgulho da raça para que os filhos levem bem vincado no seu sangue, bem impresso na alma o grande sentimento da Patria. A mulher tem a função fundamental de guarda das qualidades e tradição da raça. Como a terra ela é a fixadora e o reservatorio de todas as energias raciais, mormente dum povo como o nosso, que aprendeu cedo o caminho aventuroso da navegação, da conquista e da colonisação emigradora.

Emquanto o homem, vai, se dispersa, luta e ganha novas qualidades, que nos filhos serão já imposições raciais, filtradas pelos corações das mães, elas ficam, vigiando o fogo sagrado do lar!...

E quando o homem, depois duma existencia dispersiva, cheia de trabalhos e de aventuras, volta à terra bem amada, encontra ali todo o passado, todo o encanto dos seus primeiros anos na mulher da sua raça.

Com ela revive todas as tradições, com ela revi-

gora todas as qualidades ancestrais, que formam o fundo étnico e inconfundível da nação.

Renova-se e fortifica-se no amor e no orgulho do seu nome, revive para a continuidade da grandeza racial.

As mães portuguesas vêem voltar os filhos com um orgulho comovedor! Cada um que vem triunfante é a sua obra!

E não há filhos que mais compreendam o sacrificio das suas mães e mais ternura tenham no seu coração filial, do que os portugueses!

Velhos, novos, esquecidos da fortuna, ricos, pobres, felizes ou infelizes, nenhum homem português ouve a sangue frio evocar o nome sagrado da mãe que é a evocação e a concentração de todo o passado, o verdadeiro sentimento da Pátria e o orgulho da sua origem.

A mulher brasileira necessita de ser tambem, como é, profundamente nacionalista, porque a ela a natureza confiou o papel de fixadora da imigração que vem chamar á vida a imensidade desta terra que generosamente foi dada ao orgulho da nossa raça.

Á mulher portuguesa coube o papel de defensora e guarda das qualidades da raça. E' ela que cultiva a terra na ausencia do homem, é ela que mantem com energia a dignidade da familia, é ela que conserva as industrias regionais, que lida e que trabalha e que administra com inteligencia os bens do casal, que tantas vezes o marido abandona em demanda doutros paises, que a sua ambição mal enxerga e a sua ânsia de se expandir o faz procurar afanosamente.

Á mulher brasileira cabe o papel de fixadora e continuadora dessas qualidades, estando-lhe reservado o papel de companheira dos homens que hão de fazer a penetração intensa do solo para que o Brasil seja a verdadeira terra prometida da humanidade de amanhã.

Ambas são irmãs no sentimento, ambas são gran-

des no desempenho da missão que o destino das coisas lhes entregou.

E de tal forma ambas teem o sentimento da sua força, que é raro o estrangeiro casado com portuguesas ou brasileiras que em pouco tempo não seja, pelo coração, tão bom patriota como os nacionais.

E' essa uma das grandes qualidades absorventes da raça, vencendo pela paixão e pelo sentimento da sua propria força.

Irmãs somos e tão entrelaçadas em nossa conjunta acção, que nenhum dos povos que ligam na origem a Velha Europa à Nova America o são mais do que nós!

E' pois do nosso amor que ha de partir sempre o traço de união, que levará para os mais altos destinos as nossas Pàtrias irmãs.

Desculpai, senhoras, o tempo que vos roubei e aceitai com a minha profunda estima os protestos de gratidão e de simpatia por esta terra fraternalmente acolhedora para tudo quanto vem da velha Pátria da raça, o Portugal longiquo que vos ama e de vós se orgulha.

O Idealismo da Raça sempre heroica

e sempre moça

Senhores, Senhoras, Patricios

A Historia de Portugal pode bem chamar-se uma historia de amor, uma linda historia de paixão e de mocidade!

Toda ela é beleza, toda ela é impulso heroico, sonho e idealismo construtivo!

Falta-lhe por vezes, internamente, a ligação duma forte urdidura que possa garantir a estabilidade material duma sociedade economicamente organisada e equilibrada; mas essa propria falta não apouca as admiráveis qualidades da raça, antes é uma prova do seu excesso de vida, da sua inteligencia exuberante e do irrequietismo proprio da mocidade.

Em Portugal, pode bem afirmar-se, não há velhos! Ha por vezes criaturas que um excesso de vida cansou: ha por vezes derrotistas; ha bastantes vezes traidores ao grande sonho expansivo da raça, mas não ha velhos no sentido material da palavra, porque adentro dos proprios corpos que se dobram no cansaço material dos anos, ha almas cheias de mocidade e de fé que se exaltam na beleza das mais dificeis acções.

E a prova ainda ha pouco a tivemos todos nesse largo vôo de gloria em que um moço coração palpitava no arcaboiço dum homem de 60 anos que poude encontrar adentro de si os elementos necessários para realisar um facto concreto, positivo, grandioso, que valorisa a nossa historia dando coesão e certezas que desmentem os que quizerem mostrar como *acasos felizes* duma raça de aventureiros argonautas, o que de

facto foi, ontem como hoje, o resultado previsto pela sciencia positiva.

Gago Coutinho resolveu praticamente o problema, que durante anos tinha estudado e a sua inteligencia e o seu saber tinham resolvido matematicamente, antes de o pôr em pratica. Mas para o realisar teve que concentrar na sua propria alma e entusiasmo, a fé ardente, a resistencia e a serenidade admirável dum moço.

E o seu companheiro, o seu corajoso timoneiro apesar de não estar ainda no limite dos anos que se convencionou chamar juventude, completou o belo esforço com a fé e a coragem dum moço horoi, que tem deante de si a vída e acima de tudo a fé na raça, que a todos nos impõe deveres maiores do que teem os outros povos sem a historia explendida que é o nosso escudo contra a velhice, a flamula que nos leva para a frente, sempre para a frente, para o sonho sempre renovado, sempre moço da gloria!

O *velho do Restelo*, é, em toda a luminosa sequencia da nossa historia o baixo relevo que representa o côro na tragedia grega.

Não é a realidade! É apenas um simbolo, que significa a vaga ansiedade duvidosa e humana dos que partem para ignotos perigos e presentindo as dores, anteveem a possibilidade do sofrimento, mas não temem a derrota e não desistem por isso da acção!

Admirável gente a nossa! Até essa concretisação estilisada da duvido dá bem a nota grandiosa do que foram esses dois seculos de historia nos quais, bem senhores da nossa propria consciencia, partimos, não para uma vaga aventura sem finalidade, mas para a certeza humana do triunfo com todas as possibilidades que a sciencia nos assegurava!

Só um povo cheio de mocidade e de fé podia ter realisado o esforço enorme dos nossos oito seculos de historia e encontrar-se ainda hoje, perante o futuro, com a certeza magnifica de que muito tem ainda a fazer para cumprir o seu destino humano!

Toda a historia portuguesa está cheia de nomes

que proclamam o heroismo e a graça de gente moça, levando à gloria e ao triunfo a alma de Portugal.

Ser moço e ter um ideal de grandeza nacional, é ter em si proprio a certeza de o poder ver realisado!

Todas as grandes figuras simbolicas do nosso passado tinham como garantia de realisação a sua propria mocidade, que tanto se harmonisa com a acção e com a esperança dum povo, que aínda não está satisfeito com o esforço que já realisou e sonha e cogita novas emprezas.

Era moço Afonso Henriques quando aos 16 anos se revoltou contra a influencia dos barões da Galisa e proclamou a independencia nacional. E foi desse gesto de bravura e de revolta duma criança, como hoje diriamos, que partiu a linha que no mapa foi marcando em volta do mundo a gloria da raça portuguesa.

Criança era ainda D. Sancho quando entrou a pelejar em terras da moirama e arrancou aos inimigos as cidades que lhe iam ficando a geito por essas lindas e ensoalhadas terras do Alentejo e do Algarve.

Eram moços Nun'Alvares, o Mestre de Aviz e os seus heroicos companheiros da defesa de Portugal, que venceram os velhos egoistas que trocavam a independencia da Pátria pelo dinheiro de Castela!

Moços, generosos e apaixonados eram todos os que na "Ala dos Namorados„ e da "Madresilva„ sonharam levantar com honra e amor o nome português, abatendo o orgulho do leão de Castela.

Era moço o Infante D. Henrique quando foi armado cavaleiro em Ceuta com seus irmãos e a flôr da raça portuguesa, que já tinha no coração a ideia enorme do engrandecimento da Pátria!

E uma criança aínda essa figura luminosa de santo, que foi o Infante D. Fernando, morrendo e sofrendo em hostia de consagração pela religião magnifica da Pátria!

E tão meninos e tão moços eram Afonso V e seu irmão, lutando em Africa pela expansão imperialista da raça, que mais parece lenda o que foi sempre historia!

E tambem moço D. João II, quando impôs a grandeza da sua ideia patriotica e tão moço era, que ao morrer tinha apenas a idade em que hoje se começa a triunfar na sociedade banal que o seculo XIX preparou com o seu egoismo burguês.

E que mocidade mais linda e mais cheia do orgulho e do sonho da raça, do que essa do nosso Cristo da Pátria, D. Sebastião da fé e da certeza do futuro, que morreu no areal de Alcacer Kibir para viver eternamente na fé ardente da certeza nacional!

Toda a grande epopeia das descobertas é realisada com homens que tinham por brinquedo de infancia guerras e correrias contra os moiros de Africa, como esse grande D. Duarte de Menezes, feito cavaleiro em em Ceuta aos 15 anos, governador de Alcacer Ceguer pouco tempo depois e que sabia responder ao inimigo que lhe propunha a entrega da Praça, sem mantímentos: "que o Rei lha dera para a defender e não para a entregar".

Quando Vasco da Gama, com vinte e seis anos, embarcava comandando a aventura maravilhosa da raça, era já alguem que se afirmara valoroso para poder desempenhar tão grande missão!

Afonso de Albuquerque, o nome maior da nossa historia, que iguala, se não ultrapassa, o dos herois lendários do passado, morre aos 62 anos tendo delineado um imperio tão formidável, que ainda hoje é enorme perante o poderío da Inglaterra! E morre a viver ainda o seu sonho cheio de fé e de certezas duma alma sempre moça!

E não só o passado nos aponta a influencia da mocidade nos grandes feitos da nossa historia, como toda a nossa influencia colonisadora nos mostra, muito especialmente no Brasil, uma percentagem enorme de emigrantes afirmando-se como reais valores, em crianças que de Portugal partiram corajosamente como combatentes para a grande luta afirmativa da vida, quando em outros países ainda sómente na sua idade se cuida dos brinquedos da infancia!

E ninguem melhor do que vós o pode comprovar,

porque entre tantos portugueses que neste grande país conseguem afirmar-se valores que todos respeitam, muitos e muitos vieram, crianças ainda, e já cheios da responsabilidade da vida!

Ha até quem alegue, que é desamor das mães o deixarem vir os seus filhos meninos para as grandes incertezas duma luta que tem por formidável arena um dos maiores países do mundo! Mas não! Que não há mulheres que mais queiram e mais se orgulhem dos seus filhos do que as nossas. Mas é que, acima de todo o carinhoso anseio dum coração maternal, ha na mulher portuguesa a imposição da raça que ordena, que imprime caracter e que força a vida na aspiração do triunfo.

Bem sabeis, vós, homens de Portugal, que outróra crianças partisteis, cheios de fé, para a conquista da fortuna, quantas lagrimas visteis brilhar nos olhos de vossas mães!

E no entanto, eram elas as primeiras a esconder com sorrisos a sua dor e a dizer-vos com toda a corajosa fé: — Ide, meus filhos, fazei-vos homens!

Porque em Portugal só se é homem quando se realisa uma acção e se impõe o proprio nome como uma força criadora.

Se isto não fosse a verdade que vós todos conheceis, um exemplo vos daria para o comprovar adentro do meu proprio sangue: Minha bisavó, que ainda hoje é venerada em cheiro de santidade numa terra triste da Beira — feia e forte — (que é a Beira Alta das serranias escalvadas) teve quatro filhos que partiram, quási crianças, para honrarem o nome herdado e espalharam a sua fama pelo mundo.

E tão pouco ela sentiu a grande dôr da ausencia, que de os chorar cegou e já os não viu voltar!...

No entanto ela sorria ouvindo a narração que depois lhe faziam voltando da India, da China, da Africa dos Açores, do Brasil... dando por bem empregado o sacrificio dos seus olhos, pois que eles se realisavam em orgulho dum nome honrado.

Quatro filhos teve minha mãe e todos partiram do

seu lado e todos voltaram a procurar o sorriso da sua linda alma de ternura e de força, dando-lhes a certeza de terem cumprido o dever que o sangue nos impõe.

Ninguem compreenderá como vós, portugueses, estas verdades, porque tambem viesteis e fosteis laboriosos e conquistasteis o direito de impôr socialmente o vosso nome pela inteligencia, pelo trabalho, pela persistencia e pela coragem para as lutas modernas de concorrencia e de competencia, como outrora as crianças — como vós fosteis — partiam para a Africa e para a India a afirmar um nome, que nesse tempo só se distinguia pela gloria de matar e de morrer com honra.

Os anos passam por vós e não envelhecem a vossa alma, sempre a sonhar a maior grandeza da Pátria; porque não se sabe ser velho em Portugal!

E' que dentro de cada alma vive a eterna mocidade duma raça, que não desistiu nem poderia desistir do triunfo, renovando-se constantemente em novas Pátrias que vão nascendo para a expansão da nossa força!

Iludem-se muito os estrangeiros, que superficialmente nos conhecem, julgando Portugal um país em decadencia, desorganisado e anarquico.

E' certo que temos atravessado uma crise bastante grave, não exclusivamente criada por nós, mas reflexa de quanto por outros países, bem mais assustadora, tem surgido.

Mas é exatamente porque essa crise é bastante grave que a ninguem é licito furtar-lhe o seu apoio e muito menos aos novos que, trabalhando por melhorar as condições morais da vida, trabalham pelo seu proprio bem; porque eles são o futuro, emquanto nós já quasi nem somos o presente, mas o melancolico passado!...

E' aos novos que cumpre armazenar trabalho e fé, sobre tudo muita fé, que é o alimento por excelencia da vontade, para que o dia de àmanhã resplandeça mais limpido, mais fecundo de alegria e força criadora.

O grande mal das ultimas gerações, que o egoismo

do seculo passado fez dominantes, diremos mesmo, o seu crime, foi preparar com a sua descrença dissolvente a falencia de caracteres, que nos atirariam para a vala comum dos miseráveis, que não teem destinos a cumprir nem deixam atraz de si uma saudade nem um interesse, senão fosse a energia reagente da nossa eterna mocidade.

Foi de princípio uma pequena minoria que reagiu, mas esse movimento sagrado de amor e orgulho pela Pátria e respeito pela raça, encontrou no povo a grande força, que em todos os tempos da nossa historia tem vincado duma maneira iniludivel o direito de vivermos a nossa propria vida e afirmarmos a marcha para o futuro. E' aos novos que cumpre o dever de rebustecerem nos seus proprios corações o amor à tão nossa e tão admirável terra portuguesa e armarem-se com a fé, que revolve montanhas, para poder cumprir o destino reservado a uma raça tão vivaz, tão rica de qualidades absorventes e irradiantes, como é a nossa!

Só morrem os povos que não teem consciencia do seu passado e a crença absoluta no futuro.

Ora nem uma nem outra nos podem faltar, a não ser que voluntariamente e traiçoeiramente resolvessemos suicidar-nos.

E, mesmo assim, o povo, essa grande força acumuladora de energias, mais uma vez saberia resistir ao derrotismo e ao egoismo dos perturbadores da sua marcha ascensional e caminharia para o destino que as nossas qualidadades nos apontam.

No entanto, ter fé, não é bastante! E' necessario criar com essa grande força moral uma atmosfera de crença colectiva que, condensando um grande e único ideal, obtenha as condições de triunfo!

Por melhor e mais bela que seja uma ideia, se não encontrar em outros cerebros a simpatia que a tornam uma força irradiante, logo murcha e cai na terra esteril da indiferença.

Os povos, como os individuos, não realisam uma obra grande se não tiverem dentro de si proprios um conjunto de qualidades psiquicas que se exteriorisam

quási sempre pela ideia religiosa, porque é ela a mais propria a reunir esforços com um sentimento de fé, que não é pensamento nem raciocinio individual.

Quando a religião deixa de ser crença indiscutivel para ser pensamento, perde a sua força politica e a sua acção de imposição colectiva e torna-se a consolação individual dos crentes ou a dúvida metafisica dos filosofos.

É certo, como dizem os catolicos, e todos temos o dever de o confirmar, que o povo português obrou maravilhas sob a coesão magnifica da religião catolica.

Quando eles afirmam:—Foi com os olhos postos no corpo divino e chagado de nosso Senhor Jesus Cristo e o coração transbordando ternuras pela Virgem, que os nossos homens e as nossas mulheres, desde o inicio do grande movimento separatista que nos libertou de Castela, conseguiram empurrar para fóra do territorio português o estrangeiro infiel, o arabe doutra fé e doutra crença, não exageram!

"Foi para maior honra e gloria do Deus dos nossos maiores,—dizem eles—que se descobriram mares e continentes, que se abriram caminhos novos à civilisação, que se conquistaram impérios, que se dominaram povos, que se praticou muito heroismo e muita crueldade, que se fizeram milagres, que se comoveram os corações impedernidos dos selvagens e se chamaram à comunhão e ao convivio dos nossos colonisadores.„

E nesse ponto, é justo confessá-lo, a unidade de crença deu ao povo português uma unidade de acção, que só trouxe resultado para o conjunto da imposição lusitana.

Não foi a religião catolica que nos fez grandes, mas foi a religião catolica que serviu de ideia conjunta e de ligação, que nem sequer deixou desunir os que fundamentalmente se odiavam e moralmente se hostilisavam.

Com o simbolo da cruz deante dos olhos e no pensamento, o povo português realisou a maior acção da moderna idade e escreveu com sangue e com genio a continuação maravilhosa da grande historia do povo

romano, paralisada durante seculos pela eclosão na vida social do Império dos barbaros da Germania!

Mas esta força não lhe veiu da religião em si, mas da unidade no pensamento, que ela representava nesse momento.

Porque da mesma forma que os catolicos, tambem os mahometanos podem dizer:—Foi em nome do nosso Deus Verdadeiro e da sua santa religião, prégada e codificada pelo maximo profeta, Mahomé, que o povo arabe atingiu, num dado momento, toda a porção de idealismo e de fé, que são indispensáveis à realisação duma grande obra de expansão e de conjunto, conseguindo impôr ao mundo a sua explendida civilisação, a sua arte e a sua sciencia, dominando, ensinando e elevando a humanidade, caídas na ignorancia e na barbaria!

—É fortificados pela graça da nossa santa religião,—dizem-nos tambem os judeus, apoiando-se na sua Biblia, alicerce bem fundo, raiz bem tenaz de que se alimentam as forças animicas da raça, que por essa única coesão, mantida através dos seculos, consegue a unidade que não podiam ter doutra forma, no desenraizamento do sólo, que lhes dá a falta duma pátria territorial — é pela nossa bela religião que tanta coragem no sofrimento temos tido, que tão grande tenacidade temos mostrado, que tanto temos contribuido para o progresso da humanidade!

E o que dizem estes dizem-no protestantes, budistas e todos os crentes das diversas seitas e confissões religiosas, por mais opostas que na aparencia se nos mostrem.

Mas isto prova apenas que são todas iguais em seus efeitos, todas conduzindo a fins sociais e uteis, em certos e determinados estados da alma colectiva dos povos e como forma de idealismo auxiliando a realisação dos movimentos humanos, que conduzem à elevação progressiva para alem da simples materialidade, tendendo sempre para a espiritualisação que mascára e embeleza o que de interesses materiais existe nas acções humanas.

Mas a religiosidade dos povos, como a dos individuos, não implica fatalmente uma crença neste ou noutro qualquer crédo de dogmas e preceitos de moral codificados, porque da mesma forma, em nome da sciencia, em nome da justiça humana, em nome da moral e dos preceitos filosoficos, as maiores abnegações, os maiores sacrificios, heroismos, devoções, sofrimentos e alegrias, teem sido feitos pelos homens.

O ideal filosofico tem os seus martires, os seus santos e os seus apostolos e dispõe duma tão formidável energia de bondade e de graça, como o ideal sectarista de qualquer outra religião.

E chegamos, logica e naturalmente, à conclusão de que as formulas exteriores nada valem e sim o que é necessário é criar em cada povo, é dar a cada individuo, a porção de idealismo necessário para que a sua acção tenha a força imperiosa das grandes e inabaláveis convicções.

A nossa raça está precisamente no ponto em que este resultado pode ser fácilmente atingido, se todas as vontades inteligentes convergirem sinceramente para o fim magnifico de criar um idealismo colectivo da raça, sem exclusivismo duma religião que já hoje é impossível unificar em todos os portugueses, diremos mesmo, em todos os lusitanos, uns porque não pertencem a nenhuma, outros porque julgam outras superiores, outros mesmo porque são indiferentes às suas formas exteriores e sem elas não ha imposição religiosa.

O que é certo, porém, é que a raça portuguesa não é propensa a uma religiosiosidade mistica e contemplativa, antes se tem sempre intensificado uma acção de combatividade de que o proprio florilegio português é a convincente prova. Os nossos santos fazem milagres portugueses, têem acção, têem alma nacional, trabalham pela humanidade, mas ainda mais trabalham pela propria grei. Podemos bem dizer que o povo português é orgulhosamente idealista e não tem, nem teve nunca, o sentimento duma verdadeira humildade cristã.

A caracteristica que bem resalta da nossa grande acção social, no passado como no presente, é sempre, a exteriorisação magnifica dum nobre sentimento de emulação, que em frente de estranhos quer que os proprios feitos sejam sempre superiores aos dos outros.

Colectiva e individualmente o português eleva-se tanto mais, quanto maior e mais valiosa é a concorrencia dos estranhos que o enfretam.

Exemplo mais do que convincente é a nossa extraordinaria acção colonizadora, especialmente neste Brasil operoso e magnifico, arena admirável onde cada colono português é um atléta que orgulhosamente levanta a cabeça desafiando em competencia a invasão cosmopolita, que ameaça o lusitanismo da raça, de que se julga fiador bastante o mais humilde como o mais categorisado dos nossos patricios.

E que mais extraordinaria prova dessas qualidades animicas do povo lusitano podemos hoje apresentar, do que a nossa colaboração efectiva na grande guerra, para onde os nossos soldados foram na certeza religiosa de irem cumprir o destino historico da raça, mantendo-se sempre, apesar de todas as desgraças, os iluminados que tantas vezes choraram de raiva porque os não deixavam caminhar para a frente, e que outros muitas vezes se revoltaram contra aqueles que os queriam impedir de mostrar ao mundo "o que valem os portugueses, continuadores dos grandes antepassados de que reza a Historia?!„

Nós não precisamos senão de coesão e disciplina para meter toda a ardencia combativa da raça dentro de uma só e grande fé, onde cabem todas as fés, onde têem logar todas as crenças, que é a grande religião da raça, dando-nos a certeza de que a nossa missão na continuidade da civilisação humana não terminou ainda e não terminará jamais, emquanto houver na terra um coração que sinta o orgulho santissimo de sêr português e uma boca que pronuncie as palavras que deram a Camões a imortalidade!

A religião da Pátria será o traço de união para

todos os que sejam dignos de serem portugueses. A certeza do futuro, como a convicção da maxima grandeza do passado, será o evangelho de força em que todos os povos lusitanos irão retemperar a sua energia combativa, na defesa dos seus direitos principais.

Dentro deste credo não ha pequenos gestos, não ha insignificantes acções, e cada iniciativa, cada nova ideia, se deve auxiliar e animar de modo a produzir a maior soma de grandeza colectiva!

Foi sentindo instintivamente esta verdade que Portugal inteiro se movimentou no sentido de trazer ao país irmão, que orgulhosamente festeja a *sua maioridade politica*, a certeza de que são duas partes do mesmo coração que palpita áquem e álem-mar no mesmo sonho formidável da raça, desta raça sempre heroica e sempre moça, vivendo na certeza magnifica dum grande futuro de imposição civilisadora!

Portugal alvoroçou-se tanto com as festas da Independencia do Brasil e entusiasmou-se de tal forma com a exposição, que muitos mêses viveu na ânsia de se fazer representar de forma a honrar as suas tradições gloriosas e dar ao Brasil razões palpaveis para se orgulhar da irmandade da raça.

O nosso país, como se fosse uma simbolica romã, imagem da fecundidade e da riqueza, abriu-se num riso de graça e mocidade perfumada e fez quanto poude por se representar aqui, em todos os seus valores morais e materiais.

Desde a terra sagrada de Portugal presente *ideologico* dum alto espirito de artista, guardada religiosamente no relicario que representa uma das mais delicadas manifestações da nossa Arte, até á copia fiel de um dos tripticos de Nuno Gonçalves, tudo quizemos trazer a esta bem amada terra de Santa Cruz, segunda Pátria da nossa raça.

Não foi uma vulgar manifestação de orgulho, mas o desejo de afirmar o resurgimento explendido dum povo que tem a certeza do seu grande destino e quiz dar á nação irmã motivos para mais do

que nunca se orgulhar da origem comum e aos seus filhos a certeza de que, embora afastados, nunca são esquecidos.

E dêste momento grandioso em que todos estamos unidos para levar a cabo a missão que nos impozemos de confraternização e apoio, é necessario que parta uma nova fase das relações luso-brasileiras.

Todos que conhecem historia e sociologia sabem perfeitamente que os interesses economicos imediatamente seguem a propaganda idealista, tornando-a compreensivel à grande maioria, que se não movimenta por questões morais.

O interesse economico é, por assim dizer, a materialisação do ideal e a forma como, através de todos os tempos, ele sempre se definiu e impôs. Depois dos iniciadores que esboçam os movimentos espiritualmente, numa grande visão abstrata, que vae álem das preocupações materiais, seguem-se os realisadores, impelidos pela vontade imposta espiritualmente, mas imediatamente procurando a sua realisação no interesse material, que a todos se impõe.

Outro não foi o segredo dos grandes movimentos colectivos da humanidade.

Despresativamente, numa grande ignorancia e falta de serenidade perante os factos historicos, tem-se falado muito no movel comercial e nos interesses materiais da guerra, em que ainda estamos envolvidos, apesar das chancelarias terem de ha muito ploclamado a paz. E no entanto, esses interesses e esse movel é tão logico e humano como logico e humano foi sempre o movel de todos os movimentos colectivos sem exclusão dos religiosos, como o mostra o movimento arabe invadindo a Peninsula sob o pregão idealista da guerra santa; as "Cruzadas„ que foram a ressaca do mesmo movimento feito pelos europeus; assim como teve um aspecto mercantil e economico o movimento portugês das descobertas e conquistas, o que de modo algum nos apouca, antes pelo contrario.

Todas as guerras são, de principio, idealistas porque a força que as impõe é a ideia de grandeza da

raça, de defesa, ou de imposição dum destino a realisar, e não ha duvida que, inicialmente, a guerra que passou pelo mundo como um flagelo mandado pela divina colera dos Deuses, não foi contrária a êste principio; porque se o fosse não se teria realisado!

Foi premida pelo ideal da sua grandeza e expansão racial que a Alemanha movimentou os seus milhões de homens para o mesmo fim, mas para que esse resultado se produzisse ela necessitou mostrar à maioria o interesse imediato, que os obrigava a uma concordancia absoluta na acção.

A França defendeu-se pela imposição da propria raça, que seria esmagada moralmente, como materialmente seria arruinada pelo triunfo economico dos germanicos.

A Inglaterra, a Italia, nós próprios — os mais idealistas de quantos procuraram o seu logar na grande guerra — todos foram por principios e por ideias, mas acima de tudo por interesses, que são o seu logico resultado. De facto, se a riqueza só por si pouco representa, nenhuma ideia grande, nem povo algum se impõe, sem a ter por base. A riqueza só é antipática quando dela se faz um fim e não um meio de triunfo.

Esperemos pois que dêste momento de aproximação, em que todos estamos de acordo em colaborar no engrandecimento da Pátria, resulte uma bem orientada acção economica que faça Portugal, como deve ser, o entreposto europeu do Brasil.

Pelas circunstancias, que todos melhor do que lho poderiamos dizer sabem, o nosso país pode e deve hoje concorrer com todos os países do mundo nos preços que apresentar e a todos os portugueses cumpre valorizar e forçar a produção para que se possa dizer com verdade que alguma coisa tambem nos veio, sob o ponto de vista economico, desta grande hora de concorrencia mundial.

E' necessario que o ideal lusitano se complete sob todos os aspectos e cada um lhe dê quanto seja possível para que se torne uma afirmação magnifica!

Nenhumas ideias nem condições individuais podem

hoje ter interesse perante a ideia e o interesse superior da nacionalidade, que se manifesta tanto em Portugal como no Brasil.

O interesse racial impõe-se para a afirmação do grande bloco Atlantico e assim como todos os portugueses devem trabalhar porque o nosso país tenha na Peninsula Iberica a hegemonia dirigente, que momentaneamente perdeu; assim nós todos os que conhecemos e trabalhamos no Brasil o devemos auxiliar na conquistada hegemonia dirigente da America do Sul. Isso representa o idealismo da raça adentro das suas grandes qualidades de expansão e de imposição.

Para nós todos, lusiadas, o momento é sagrado!

Estamos em face do mundo que não se lembra do que nos deve e até por vezes o quer negar! Cada um de nós é um soldado para a luta de que o santo e a senha é apenas: — *Pela Pátria e pela Raça!*

Conhecer o nosso passado e confiar no nosso futuro, eis o ideal que a todos nos deve ligar. Que haja hesitações, ou certezas absolutas, não importa, porque no que corresponde à exigencia nacional do momento todos os portugueses de áquem e além mar, que determinadamente e corajosamente põem na realisação lusitana do futuro a sua inatacável fé, estão de acordo! E esse acordo representa a fixação do ideal colectivo e a direcção firme e disciplinada para o conseguir.

E a prova de que a nova consciencia nacional despertou, finalmente, não como um milagre ocasional, mas como a realização messianica da raça, que se vem anunciando através da Historia, é que em volta do ideal lusitano se agrupam e fortalecem todos aqueles que pela sua fé no futuro souberam resistir, através de tudo, à dissolução e à violencia dos desnacionalisados dos criminosos, derrotistas e desorientadores.

Os grandes valores nacionalistas do periodo de reconstrução, que foi o século XIX vendo os seus esforços aparentemente frustados ou mal compreendidos, caíam dolorosamente feridos de desânimo, morrendo na tragica incerteza do triunfo do amanhã sonhado.

Hoje não! Quem não tem a compreensão nitida da hora que se aproxima para a realização lusitana, ou é afastado violentemente pela reprovação geral, ou, expontaneamente se afasta abdicando da sua propria obra.

Os outros ficam e continuam, através de tudo, na certeza de que a luta em Portugal não corresponde a ideais vindos de fóra, nem a correntes de opiniões, nem a influencias extranhas, porque as nossas ligações com qualquer outra acção externa são puramente subsidiárias e ocasionais, e só têem éco quando correspondem à acção que historicamente nos está bem definida.

Através de seculos de criminoso entorpecimento dirigente, fortalecido agora com a certeza da realização no futuro, a que já está bem claramente determinado e marcado o caminho a seguir, o povo português tem sabido cumprir o seu alto destino!

A acção nacionalista e o idealismo português, interessam e impõe-se aos povos da mesma raça e por isso o lusitanismo está tendo no Brasil o seu natural e simpático reflexo, tudo nos encaminhando para a única solução que a guerra já determinadamente apresentára, que são grandes agrupamentos em fortes alianças raciais.

A grande aliança da raça lusitana está pois lançada cumprindo aos novos realisá-la porque deles depende a grandeza futura. E' a eles que nós entregamos hoje a realização do sonho que nos tem amparado durante umas poucas de gerações de resistencia e fé sebastianista, mantendo a resistencia heroica que nos fez vencer todas as dificuldades e resistir a todas as tragédias morais e materiais. A hora presente é dolorosa e dificil, foram sempre assim, ansiosas e apreensivas, as horas que antecedem os grandes factos historicos.

Hoje é a velada de armas da raça em que os novos se preparam para o triunfo, que amanhã ha de encher o seculo XX com o nome Português; como já o foram os seculos XV e XVI.

Se ha povos tão ignorantes que o não saibam ainda é necessario que o aprendam para o futuro!

Aos novos, pois, compete dar a grande lição.

Mas novos somos nós todos os que temos fé nos destinos da raça e que sabemos vencer as dificuldades momentâneas, como outróra vencemos o mistério tenebroso dos mares.

Portugal tem um destino grande a cumprir e ha-de cumpri-lo, afastando corajosamente de si todas as más sugestões que de fóra lhe possam ir, porque nós só fômos grandes quando assumimos na historia o papel dirigente, impondo às outras nações uma civilização própria, porque só isso está de acordo com o caracter e o idealismo da raça.

E para terminar, meus amigos, eu só tenho uma palavra mais a dizer-vos pois que ela representa o meu profundo e reconhecido sentir — muito obrigada pela benevolencia com que me escutasteis, gentileza mais a juntar às que a todos devo nesta terra!

O Urbanismo

Suas causas — Regresso á terra

I

O Urbanismo

Todo o mundo necessita hoje de realizar um grande esforço inteligente de regresso à terra para enveredar pelo único caminho que nos salvará da ruína e do desespero.

E mais do que tudo, é necessário que a humanidade dê à terra o seu amor apaixonado e fecundo para apressar o seu renovamento pela sciencia e pela industria, que bem ligadas à agricultura aumentarão prodigiosamente a riqueza comum e trarão de novo aos homens a alegria expansiva e sã de viver.

Ora um dos males de que a sociedade vem sofrendo é o urbanismo exagerado contra o qual vai por essa terra fóra um clamôr apavorado, um pregão temeroso, anunciando o proximo despovoamento dos campos em beneficio das cidades.

Antes desta guerra monstruosa, a conflagração mais intensa e extensa de quantos se têem dado no mundo pelo menos até onde chegam os nossos conhecimentos historicos, o problema do excesso de *urbanismo* vinha préocupando muito todos os que vêem e sentem a vida com inteligencia.

O *urbanismo* exagerado, gritava-se de todos os lados, — eis o grande perigo!

Se a cidade, a *urbe* continuar a devorar o homem chamando-o, atraindo-o, absolvendo-o, na insaciável

ambição que a consome; os campos não terão, em breve, braços que os cultivem nem corações que os amem!

A humanidade morrerá de fome por não ter senão terrenos maninhos onde não amadurece o pão nem florescem os pomares.

O industrialismo chegará a um desenvolvimento mecânico tão intenso que Max Nordon bradava num arrojado paradoxo: "O homem terá em breve chapeus e vestidos quási de graça, mas precisará adquirir a peso de oiro o pão para se alimentar.„

Isto é: "toda a energia produtora se concentrará nas industrias dos grandes centros urbanos e a terra abandonada, voltará ao estado primitivo de quasi nula produção util.„

A guerra, pode dizer-se superficialmente, trouxe uma modificação agravante a esta paradoxal profecia, é que não barateando o pão antes pelo contrario, tornando-o cada vez mais raro pela falta de braços que o queiram cultivar, os chapéus e os vestido deixaram de estar quási de graça...

Mas todas estas lamentações, estes pavores, são sem duvida exagerados, porque na logica da oferta e da procura desde que a produção agricola seja mais compensadora do que a industrial, muitos a procurarão espontaneamente. E não são inéditos, não são novos estes factos, como afinal, coisa alguma o é, em absoluto, na Terra. Razão tinha na sua desconsolada frase o Eclisiastes, filho de David, Rei de Jerusalem, o sàbio Salomão, que conheceu, como todos os que têem a hiper-sensação intelectual, a tristeza maxima de viver demasiadamente pelo cerebro: — Nada ha novo sob o Sol! — E é a verdade! A vida é só uma, os factos repetem-se, se identicas são as circustancias... Mas estas é que se modificam com o evolucionar progressivo da humanidade.

Assim nós temos alguma coisa de novo, alguma coisa de mais belo do que as joias fabulosas do rei asiatico e as suas tendas magnificentes, os seus elefantes, as suas escravas, e até a sua poesia pessimista!...

Temos um ideal superior dos nossos deveres sociais para com o resto da Humanidade. E temos um facto com que no seu tempo mal se podia contar: a Sciencia que tem transformado o mundo, e faz brotar risos e cantos, o bem, a alegria e a fartura, onde nessa arredada época só havia lagrimas e desesperos e resignação.

Sim, os problemas sociais apresentam-se da mesma forma, desde que se dão factos mais ou menos semelhantes:—o que difere é o remedio que hoje, mais do que nunca, está na nossa mão, emquanto que nesses tempos era embrionario e metafisico.

Tem sido enorme, tem sido uma epopeia homerica, que nos faz curvar respeitosos, e ao mesmo tempo nos orgulha, o pensar na luta grandiosa que a Humanidade vem travando, atravez das idades, contra todas as forças hostís da impassível Natureza, com a unica força da sua inteligencia, que a leva quási dominada, senão vencida!

Ao contemplar o ser civilizado e culto, que dominou os terrores da alma embrionaria de seus avós, levantou a cabeça para o céu, num desafio sublime, aperfeiçoou e alindou a própria obra da Natureza; nós devemos sentir um reconhecimento sem limites por êsses primitivos sêres, que formaram o primeiro élo ascencional da cadeia, de que nós não sômos ainda o último! Assim, desde que uma civilização atinge o seu maior e mais belo desenvolvimento, tôda a preocupação do homem é exteriorisar a sua felicidade e o seu legitimo orgulho de criador de maravilhas.

A história da habitação, que tem vindo a acompanhar o desenvolvimento das sociedades com uma fidelidade que nos mostra como num livro de que se voltem as páginas, os factos que comprovam a sequencia logica da evolução humana; dá-nos bem clara a certeza do que afirmamos! O homem no seu estado primitivo contenta-se para a sua vida rudimentar, sómente presa às necessidades mais vulgares, duma materialidade animal, com a caverna que a Natureza cavou nas rochas, ou nas montanhas abruptas, com o ramo da

arvore voltado em forma de abrigo, com a tapéra de quatro estacas ligadas no tôpo, coberta de colmo ou sapé. Sigamos essa evolução progressiva, desde a casa lacustre que já denota um grande esforço de inteligencia, como meio de defesa, e um grande trabalho de construção, se pensarmos como eram fracos os meios de que dispunham esses arquitectos primitivos, até aos mais famosos e brincados palacios da Renascença e aos mais espantosos modelos da moderna construção em ferro e aço, que lançam para o céu o altivo desafio que fez condenar outrora os ambiciosos construtores dessa Babel, de cujas dimensões hoje se ririam, desrespeitosamente, os mais modestos cabouqueiros.

Seguindo a historia da habitação humana através dos séculos, vemos como o homem se agrupa persistentemente, se aperta em pequenos recintos, despresando a largueza mais bela e mais higienica dos campos que o rodeiam.

Isto quere dizer, que o ser humano é um animal sociável... embora às vezes o não pareça. Mas tambem quere dizer que é uma criatura absolutamente inteligente, porque é esse mesmo o seu caracteristico, e extremamente egoista.

Como é sociável agrupa-se em pequenos núcleos, constroi as suas habitações muito proximas, inicia a *urbs* futura no logar, que crescendo, passará a ser a aldeia ou a vila, e depois a cidade, mais ou menos desenvolvida, conforme as circunstancias e a posição geografica.

Como é inteligente desde que se sente forte pela agremiação de vontades, que multiplicam até ao infinito as suas forças, só pensa em melhorar o meio ambiente, em tornar mais cómoda e mais agradável a casa em que lhe é grato sentir-se o dono.

E porque é egoista, no seu proprio interesse trabalha, trabalhando pela felicidade dos outros.

O móbil de todas as acções humanas é o egoismo, condição natural de todo o ser vivo, que consciente ou inconscientemente, apenas na existencia procura e tem em vista, um fim: — a felicidade! Por uma falsa

e descabida vergonha tem-se feito cair sobre esta verdade incontestavel a mais absurda hipocrisia.

Todos nós somos egoistas e só raros dentre nós têem a coragem bastante de o confessar, chamando sobre si os protestos e as indignações de quem, no fundo, o é tanto ou mais do que esses que o proclamam.

As mais belas acções, como as mais abjectas e vergonhosas, proveem da mesma origem psiquica, como da mesma terra se alimentam as arvores que vergam ao peso do fruto, com que saciam a fome do pobre viandante, e os cipós espinhosos que rastejam pelo chão e lhe rasgam os pés doridos do caminho.

Não disfarcemos com palavras, mais ou menos bonitas, um facto que todos, os que de boa fé na propria alma procuram os porquês da vida, encontram sem dificuldade.

E' por egoismo que nos sacrificamos pelos nossos amigos, pela satisfação que nos causa a sua alegria, a sua felicidade; como é por egoismo que muitos torturam tudo e todos para lhes impôr a sua noção de felicidade. Tão egoista é o que só pensa na satisfação dos proprios prazeres, como aquele que se sacrifica pelos outros, gosando intensamente com o bem que por suas mãos espalha.

E' egoista o medico que se esconde para não ver sofrer, numa impotencia dolorosa, o doente que não pode salvar; como é egoista aquele que até ao ultimo instante procura vencer a morte e gosa com as esperanças e com o reconhecimento do moribundo, que já só nele tem fé.

E' egoista o que esconde nas mãos avaras o oiro que é a sua unica alegria, como é egoista o prodigo que o espalha sem conta para satisfação da sua louca fantasia, dos seus vicios e das suas paixões.

E' egoista o que pratica o mal, como é egoista o que pratica o bem; o que prega a bondade e o desinteresse, como o que faz cair sobre o seu semelhate o férreo peso da maldade.

E' egoista o que propagandeia os mais altos ideais;

o filosofo, o santo, o poeta; como da mesma forma o é o mais indiferente ou o mais despresível, o mais infimo semeador de mentiras.

Porque todos, convençamo-nos disso, apenas nos seus actos procuram a satisfação de um desejo proprio, todos buscam o goso intimo, a felicidade enfim!

Não contrariando defeitos, que são, afinal, qualidades inerentes à condição humana, não se deve espalhar uma falsa moral baseada na mentira e no absurdo mas educar o ser humano de forma a que a sua felicidade consista em criar a alegria e o bem dos outros.

Não se lhe dê uma falsa noção da existencia e das necessidades da vida, fazendo-o crer que o seu alheamento, o seu desinteresse podem trazer-lhe a ventura ambicionada.

Não! Convençamo-lo de que tem o dever de ser feliz neste mundo e contribuir com a parcela minima da sua felicidade para a soma total do bem estar e da alegria colectiva.

Façamos com que a alegria de cada um, o seu triunfo, a sua satisfação, tenham por base o bem-estar, a alegria, a satisfação alheia.

Não preguemos a tristeza de viver, mas a sua beleza criadora.

Não acatêmos os que nos pregam o desprezo da felicidade terrena, porque ela existe de facto na tranquilidade das consciencias que podem encontrar a natural satisfação do seu egoismo, espalhando a alegria e o bem estar por todos os que os cercam.

E sendo o homem, como vimos, um ser fundamentalmente inteligente e egoista, criou para seu bem a sociabilidade. Frisa-o bem o povo na sua filosofia instintiva: — "Só se veja quem só se deseja!„

Ora a sociabilidade humana desenvolve as faculdades da inteligencia e converte em virtudes os proprios defeitos. Porque, se esse pobre ser tão desprovido de meios de defesa naturais, procura o seu semelhante e a ele se liga, ao principio sob a forma primitiva de *clan* ou tribus, e em sucessivos estadios chega à complicada associação de interesses, que são as sociedades

civilisadas, esse acto espontaneo, que tão pouco condiz na aparencia superficial, com o seu egoismo náto, é no fundo a sua mais concludente prova.

Sendo a inteligencia o seu predicado mais característico, o homem mais cedo reconheceu a sua impotencia de ser isolado perante as forças esmagantes da Natureza que o envolve.

Contra as féras munidas de garras e de prêsas, tem apenas dois pobres braços, que embora musculosos, não podem medir a sua força com a dos outros animais; contra o frio que enregela ou o calor causticante, a sua pele, ainda que endurecida e curtida pelo tempo, é bem frágil abrigo; para vencer na carreira os outros animais tem apenas duas pernas e dois pés, que por um milagre de equilibrio o sustentam e o movem; para alimento não encontrará à mão mais do que frutos, alguns bem altos, a desafiar-lhe a impotente cubiça, visto não ser feito para trepador nem ter asas para voar... Isolado o homem é o mais infeliz dos sêres, o mais inferior e o mais exposto aos perigos.

Mas por isso que tem, como nenhuma outra especie, o instinto da conservação, porque é inteligente e porque é egoista, procura o seu semelhante no tácito acordo de mutua protecção.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Como é fácil de reconhecer este facto vendo com que presteza, e sem necessidade de serem obrigados, os membros de qualquer agremiação, ou seja familia, classe ou país, perante o inimigo comum, esquecem desavenças internas e se levantam irmanados no mesmo pensamento de defesa, que é um sentimento egoista, embora sagrado!

Constatamos pois, que o primeiro movimento humano para a sociabilidade é forçado pela instintiva necessidade de defesa, e assim, quando era mais dificil essa defesa pelos fracos meios de que dispunha para o combate, vemo-lo cavar fossos e fazer estacarias para proteger o arraial ou agrupamento como mais tarde emuralhar-se nas cidades, apertá-las no menor espaço possível acavalando as casas, mal alinhando as estreitas ruelas, porque assim o exigia a defesa.

Depois, procura o seu semelhante pela necessidade intelectual do convivio, que se desenvolve tanto mais quanto mais cresce em civilisação.

A convivencia nem sempre quere dizer afecto; às vezes nem significa simpatia, mas é sempre a necessidade de trocar impressões, de cambiar conhecimentos, de permutar o riso que se comunica, a alegria que se torna mais intensa, as lágrimas que menos custam a chorar quando em comum sentidas.

E' bem natural, portanto, que o homem procure sempre de preferencia a habitação na cidade.

E' mesmo um facto tal natural, tão constatado por todas as civilisações, que historicamente conhecemos, que chega a surpreender o brado de estranheza e de pânico que corre de boca em boca sobre o perigo do urbanismo exagerado e do despovoamento dos campos em beneficio das cidades...

Foi assim na linda Grecia onde em balde o cidadão, o simpatico professor, o filosofo de clara e justa doutrina que era Plutarco, chamava os seus patricios ao viver simples dos campos, descrevia-lhes as vantagens da vida rural, e clamava contra a existencia intensificada das cidades, que despovoavam as provincias fazendo com que faltassem os braços para o cultivo do pão e do vinho!

As suas lições escutadas com respeito não conseguiam desviar a corrente emigratoria que já se fazia então, não só para cidades da propria Grecia, mas para a capital do Imperio essa Roma avassaladora e magnifica.

Foi assim no soberbo dominio romano, onde era tomado como castigo, sacrificio que merecia o supremo premio de ser chamado à capital, o ter um emprego, embora rendoso, nalgum recanto do vasto Imperio.

E devemos compreender que assim fosse, pois seria uma verdadeira prova de coragem o sair da super-civilização da cidade eterna, com os seus palácios de marmore, florídos e perfumados, onde as tapeçarias e as purpuras de Mileto vedavam recantos mais

íntimos; Roma com os seus banquetes em que se bebiam os preciosos vinhos de topasico Falerno, comendo os mais raros acepipes, as mais delicadas frutas, que de tôdo o mundo eram enviados à mesa dos patricios, dos desfrutadores de todas as riquezas da terra; abandonar essa Roma-Augusta, com os seus teatros em que se exibiam os mais afamados artistas da arte grega; as suas termas magnificas, lugar de reunião da sociedade culta; as suas mulheres lindamente despidas com os transparentes e finissimos tecidos de Cós, cobertas de joias, perfumadas e pintadas como idolos; as salas de conferencias onde os mais conceituados filosofos e professores iam dizer a um publico curioso as suas lições, e recitar as suas poesias os mais queridos poetas; deixar a Roma com os circos e os seus espéctaculos formidáveis, ultrapassando os limites da nossa fantasia, roçando entre a extrema civilização, e a barbarie feroz; seria na verdade o maior dos sacrificios!...

Roma com o seu fausto ainda não tornado a atingir nas modernas civilizações, devia chamar a si, atrair, sugar, sugestionar o mundo de então, que entrava como corrente caudalosa pelas portas escancaradas a da cidade do Tibre.

Comparando, então, o que era a formosa capital do Imperio, com o que devia ser o resto do mundo, quási todo mergulhado ainda na mais obscura treva, devemos confessar que a coragem não devia ser pequena para deixar de boa mente a amável e fácil vida da cidade da luz e do amor pela intolerável intriga da triste Judeia, a barbaria da Galia, a rudeza normanda, a dureza aspera da Lusitania...

Em vão pregava o desiludido Cincinato regressando à terra e rasgando-a com o arado, no seu louvado, mas não seguido exemplo!...

Debalde o velho Catão, o Censor, escrevia o seu curioso trabalho sobre a agricultura e prégava com energia contra o luxo desenfreado da *urbs* romana!...

Voltar à terra, à existencia simples e dura do agricultor primitivo... só por castigo, só por obrigação

de escravos sem vontade, nem luzeiro de esperança, que entremostrasse o prazer da vida.

Por mais literariamente agradáveis que fossem as "Georgicas" e as "Bucolicas„ dos poetas, era preferível lê-las estirado num comodo *triclinium* à hora calma do dia, quando os panos de seda trazidos do Oriente pelos mascates de Tyro temperavam suavemente a luz intensa do sol da Italia.

No entanto, quando, pela força das circunstancias, esses filhos duma civilização tão brilhante eram coagidos a acompanhar o vôo audaz da sua aguia triunfal, batendo as possantes asas por todo o mundo então conhecido, tinham o supremo bom senso de completar a conquista férrea e violenta das armas, apossando-se dos espiritos vencidos pela doce beleza da Arte, que em nome da civilisação superior que representavam, espalhavam generosamente.

Viver em Roma era o ideal de todo o romano, como ser cidadão romano a ambição de todo o conquistado pelo genio latino. Mas quando se tornava impossível a residencia na capital, cada romano se julgava no dever de transportar para esses novos dominios um pouco do conforto que fazia o supremo encanto da sua querida cidade.

Cada lugar de mais demorada residencia desse grande povo, é uma documentação palpável das suas poderosas faculdades civilizadoras. Em qualquer insignificante cidade de que hoje se ponha a descoberto graças ao trabalho e ao sacrificio persistente e desinteressado dos sábios arqueologos, a ruínaria coberta pelo pó dos seculos, não deixamos de encontrar os alicerces dumas termas, colunas truncadas, torsos de estatuas, baixos relevos e mosaicos, como fragmentos de loiças e vidros vindos de Roma, joias e objectos varios que denotam habitos de civilização requintada, não excedidos talvez ainda na civilização moderna, mas tão sómente postos pela industria mais ao alcance de todos.

Onde chegava o romano tenaz e hábil, brotava a civilização como um benéfico efeito da sua actividade.

Os povos mais barbaros eram assim conquistados pela inteligencia, quando tantas vezes seriam dificilmente vencidos pela força.

Ainda hoje, no nosso proprio país, podemos ver em pequenas cidades de provincia, como por exemplo Evora, as ruínas do templo votado a Jupiter segundo uns, a Diana segundo a mais corrente tradição, erguendo as suas colunas jonicas duma pureza de linhas que impressionam.

O templo romano era logar votado aos deuses, mas era tambem ponto de reunião e lugar dos espectaculos sugestivos e cultuais.

Não só as termas e os templos se erguiam na sua brancura marmorea e linda, como se construíam aquedutos e se realisavam trabalhos importantes para a agricultura, como por exemplo as albufeiras,—grandes reservatorios para as aguas pluviais e que ainda hoje não conseguimos refazer! — e as estradas que cruzavam o imperio e eram um dos seus maiores dispendios. O romano sabia que sem vias de comunicação não pode existir progresso e não se poupava a sacrifícios para cruzar de estradas as terras onde pousava o seu pé dominador. O seu primeiro cuidado de conquistador era encetar a construção dessas magnificas calçadas de que ainda os povos se servem e dessas solidas e pitorescas pontes até hoje inabalaveis e que ainda em muitos sitios se conservam altivamente em serviço activo.

O romano dispendia como um pródigo sublime os beneficios da sua inteligencia e cultura, impunha os seus habitos de conforto, civilizando pela força do seu espirito os mais rudes inimigos.

Por isso o seu dominio foi poderoso, tão forte que o podemos dizer eterno, visto ter sobrevivido á propria morte material.

Ha centenas de seculos que o colosso romano se dissolveu, pulverisando-se diante da força brutal das armas barbaras, roído pelo descontentamento e pelo protesto dos infelizes que no seu seio abrigava; mas o dominio moral chegou até nós, porque as nossas

modernas civilizações são a sequencia logica do poder da sua inteligencia avassaladora.

Pois bem: apesar de nos separarem tantos seculos, devemos adaptar aos males da nossa epoca os remédios e a pratica daquele grande povo, que tinha encontrado o verdadeiro sentido da civilisação e que sem o triunfo dos barbaros a teria levado a cabo.

De que serve clamar contra o urbanismo e pregar o regresso à terra se a prática nos demonstra que nas circunstancias em que nos encontramos dentro das sociedades modernas, a vida só é tolerável nas grandes e civilizadas cidades?!

Com que direito vamos nós impor a uma parte dos nossos irmãos a vida obscura, a vida monotona, a vida desoladora e cheia de privações, (embora o dinheiro não falte,) que o campo faculta?

Como podemos nós, que temos a electricidade às nossas ordens, obrigá-los a que se satisfaçam com a candeia de azeite, ou mesmo, o já antiquado candieiro de petroleo?

Nós, que temos o espectáculo, o concerto, as esposições artisticas, as escolas, o convivio social, a conferencia literaria ou scientifica, as bibliotécas, as salas de leitura, o correio diario, o jornal, o telegrafo o carro electrico à disposição, que temos o ventilador e o gêlo para abrandar os calores do estio, e os caloríficos para temperar os rigores do inverno: temos o pão fresco a cada refeição, o peixe de todas as qualidades, a carne, as frutas, as flores... tudo enfim, quanto representa o conforto da civilização, trazido diariamente às nossas habitações, que nos esforçamos por tornar cada vez mais agradáveis; que autoridade podemos ter para dizer ao nosso semelhante: — vai para o campo, isola-te, sacrifica-te, embrutece-te mas trabalha essa terra ingrata e má, que sem o teu sacrificio me privará descaroavelmente do pão alvo para a minha mêsa e do oiro necessário para o meu gôso?!

E para compensação desse sacrificio exigido, o que faz o citadino? Cobre de ridiculo o habitante dos campos que é no teatro a figura tôsca com que se

simbolisa o lôrpa, o pacóvio, tanto na velha Europa, como na joven América...

Se é o pobre, o trabalhador humilde e ignaro, que vem ao povoado com a desconfiança natural de quem lhe não conhece senão os enganos, é o saloio, o campónio que faz rir os alfenins da cidade.

Se é rico, é o fazendeiro, o lavrador, que adulam sómente para lhe arrancarem das algibeiras fornecidas o oiro ambicionado.

A mais insignificante costureira das cidades olha com ironia a pobre menina que se sente acanhada fora dum meio que lhe dizem inferior, embora se conheça mais ajuízada e mais instruída de que as suas criticas.

O provinciano é sempre aos olhos do habitante da cidade, um exótico necessario, para que ele possa continuar a sua existencia mais fácil e agradável.

Ha alguma justiça, ha alguma razão, ha alguma verdade ou compreensão da psicologia humana em tal procedimento, que contrasta com as catilinarias que os moralistas prégam contra as cidades, donde são os primeiros a não quererem saír?

Isto não é razoavel nem lógico, pois o que é bom para uns ha de fatalmente sê-lo para os outros, aliás a justiça será uma palavra sem sentido.

Não falseêmos a Natureza, não contrariêmos a sciencia não—vamos de encontro aos seus preceitos sagrados!

A Natureza fez todo o sêr providencialmente egoista porque sem este instinto nenhum entraria na luta pela vida, de que resulta a natural selecção.

A siencia indica-nos o caminho por onde devemos seguir para chegar ao nosso fim de felicidade colectiva sem de forma alguma usar da violencia, que irrita e não convence.

A' força, como escravos sem vontade... nem para o céu a maior parte da gente desejaria ser levado.

Convicto, de bôa vontade, não ha inferno que não pareça um paraíso. Como sempre, na filosofia natural do povo encontramos razões que apoiam os nossos acertos, pois lá diz nos seus aforismos; "O que é de

gosto regala a vida„ "Quem corre por gosto não cança„.

Portanto, todos aqueles que tenham a verdadeira sciencia de dirigir os povos, não decretarão medidas violentas para obrigar o regresso à terra e criar amôr à agricultura!

Não! Isso seria contraproducente.

O que é preciso é criar o prazer de viver no campo, é criar a alegria da vida rural, dar-lhe bem estar, conforto e convivio.

A *urbanite aguda*, de que fatalmente sofrem todas as sociedades num momento dado do seu desenvolvimento material, combate-se pela educação, que hoje os povos mais ponderados preferem que se faça no campo ou nos pequenos meios urbanos, o mais possível em contacto com a Natureza, de que os moços e as moças se tornarão verdadeiro amigos embora dela os afaste a corrente da vida. De facto, pôr a mocidade em contacto com a Terra, a boa mãe criadora, fazendo-lhe nascer o gosto pelos prazeres simples e fortes do campo, é o melhor meio de tornar cada vez menos perigoso o *urbanismo* exagerado. Se juntarmos a esse gosto pela vida em pleno ar, o cultivo da inteligencia que cria um mundo novo de prazeres delicados e gostos superiores, formamos auto-educação, que é a verdadeira libertação do individuo.

No entanto, os governos, que em todo o mundo tanto se estão preocupando com os perigos do urbanismo, são quási sempre os que mais o favorecem com a centralisação exagerada de todos os poderes, gosos e estudos nas grandes capitais.

II

Causas do urbanismo

Vimos como o urbanismo é um fenómeno social que tem preocupado o homem em todas as civilisações quo se intensificam num grande excesso de cultura e numa grande exigencia de bem-estar.

O povo, atraído pela vida de intensidade nervosa que as cidades de si irradiam, como fócos de luz que atraem e matam as incautas borboletas nocturnas, foge dos campos e do seu trabalho persistente e monotono correndo para as cidades, sem ordem nem cuidado, perdendo nesse voluntario exodo qualidades adquiridas em seculos de vida enraízada e forte, em contacto com a terra. Assim se descaracteriza por completo.

São, de facto, elementos activos, que por essa perda de contacto com a terra perdem a sua força e se exgotam na acção imediata, ajudando apenas à grande fermentação racial que vai influir na civilização em conjunto.

Como já tivemos ocasião de ver, estudando o urbanismo e a atracção invencivel de Roma na civilização latina, as grandes cidades foram sempre o laboratorio onde o povo dum país realisa a sua acção externa, fócos, por assim dizer, de nacionalismo a exteriorisar-se e a gastar-se num desdobramento de energia que traz o enfraquecimento dessas proprias cidades que a

preparam, quando as energias do povo se concentram demasiadamente na acção exterior.

Lisboa, por exemplo, foi sempre o meio concentrador das energias do povo português para a sua acção externa, tanto mais violenta quanto se exercia sobre um núcleo pequeno de seres humanos.

Foi assim no periodo das descobertas e da grande colonização portuguesa e é assim ainda hoje, em que a vida da Capital se intensifica e erradia uma força expansiva que a tornam uma das grandes capitais do mundo, cabeça formidável duma Nação a estender-se ainda em posse directa por quatro partes do globo e a reflectir-se nas suas grandes colonias de emigrantes na América.

A função das cidades é absolutamente diversa da função dos campos, não se podendo exagerar a condenação das primeiras pois que são centros irradiadores de civilização, nos velhos como nos países novos.

E' evidente que o seu desenvolvimento em excesso é um perigo se não tiver a contrabalançar-lhe a acção uma grande actividade productiva nos campos, pois que a terra é o único reservatorio dar-lhe força que alimenta sem fadiga a humanidade e que uma vez estancada faria regressar à barbaria, pela fome e pelo desespero, as civilisações mais requintadas.

A guerra veio praticamente demonstrar esta verdade e foi ela um dos factores mais seguros da propaganda pelo regresso à terra, pois na ansia do sofrimento e da morte a humanidade tocou-a de perto e com ela reviveu para o trabalho e para a esperança, como o Anteu da fabula.

Sob o ponto de vista da moral, é o *urbanismo*, tambem, um grande perigo, como querem dizer alguns apostolos, que descrevem as cidades com as tintas carregadas com que a Biblia nos mostra a velha Gomorra a arder pelos seus pecados sem perdão, pintando a vida campestre com as tintas dôces das bucolicas arcadicas?!... Não se pode, em boa verdade, concordar com uma nem com a outra opinião, porque ambas são exageradas e... já o diziam os espertos

latinos: "no meio termo é que está a sabedoria...„ A édenica inocencia campesina é tão lendária e tão falsa como os lindos contos de fadas, que tanto nos divertem... mas não nos convencem.

As pastorinhas ingenuas como a Grisélia da lindissima lenda medieval, que à força de inocencia e de bondade consegue vencer as traças e malas-artes do proprio diabo... são motivos poéticos que nem já sequer nos comovem. Por mais que queiramos ver o campo, pelos quadrinhos adoraveis de Wateau e as poesias maviosas de que a "Marilia„ é um tão adorável especimen, nós não podemos tomar a serio a inocencia dos campos. O ser humano é sempre o mesmo animal de instintos barbaros, que só a Educação, ainda mais do que a Instrução, pode domar e disciplinar. Ora a incultura, o abandono, a promiscuidade e miseria em que vive a pobre gente do campo, não lhes dá aso a compreenderem preceitos e noções abstratas de moral, que os povos civilisados vão, mais ou menos similarmente, codificando sob o nome de religião ou filosofia.

Se alguma têem, é filha do proprio instinto, que a maior parte das vezes briga escandalosamente com as convenções das sociedades mais avançadas.

Afirmam os apologistas da inocencia campesina, que nos grandes centros urbanos a imoralidade é maior porque o individuo mais fácilmente se furta aos comentarios de visinhos e conhecidos, mas é tambem necessário concordar que ha factos naturalissimos entre os povos do campo que na cidade seriam verberados como impudicos. Será inocencia nuns e hipocrisia nos outros? Pode ser. Mas á luz dum critério justo e despido de preconceitos, uma sociedade só pode considerar-se moralisada quando é composta por individuos, que sabendo o que é o bem e o mal, sem constrangimento, ou receio da policia de costumes, praticam o bem e respeitam a justiça, esteja ou não esteja prevista nos codigos, porque acima de todas as leis têem a sua consciencia, que lhes indica o verdadeiro caminho. Estamos ainda muito longe de atingir

este ideal, é certo! Mas para o conseguirmos não podemos deixar o homem abandonado à sua incultura e primitivismo, porque as mais altas e mais belas noções de moral não estão inàtas no coração humano, mas sómente se alcançam após seculos de civilização e cultura, quando o espirito se eleva acima de todos os mesquinhos interesses materiais e pode construir as mais formosas teorias filosoficas.

E sob o ponto de vista da saude fisica, é a vida dos campos superior à das cidades? Se levarmos para os campos rigorosos preceitos de higiene, é evidente que é muito superior à vida febril, e por demais densa, dos meios urbanos. Mas se no campo o homem viver em pocilgas abjectas e na promiscuidade com os animais domesticos, se beber agua dos charcos, se não conhecer o uso dos banhos, se não afastar para longe os despejos, se viver em contacto directo com a terra cheia de microbios das piores doenças, é mais que certo que todo o cortejo de infecções, de que uma rigorosa higiene mais ou menos preserva as cidades, o não pouparão, apesar das vantagens do ar que respira. A prova está na vida miserável e triste do pobre e indefeso camponês de algumas afastadas regiões que nesta hora adeantada da civilização, ainda continua mergulhado na mais densa treva da ignorancia! Vemo-lo errar pelos campos impotente para os cultivar desprovido dos meios de combate que a sciencia põe nas nossas mãos, abatido pelo desanimo, vergado pelo impaludismo, tremulo de febre, louco de terrores e preconceitos, que só a ignorancia mantem!

Vemos os seus pobres filhos morrendo como flores sem viço, ou disformes, feios, entristecidos e esquivos, como animais do mato, os que conseguem escapar à morte! Pela ignorancia e deseducação é um pobre no meio de um tesouro; é um doente no meio da saude e da força; é um triste no meio da Natureza em festa! E' um escravo porque não sabe libertar-se pelo trabalho inteligente, pela previdencia, pela economia bem orientada, que não é de modo algum a miseria, o desconforto, a privação.

O ser humano, para se elevar moralmente e estimar e respeitar a vida, necessita da Arte que enobrece a existencia, da alegria, do amor e do conforto!

A saude moral não se mantem muitas vezes no habitante do campo porque a monotonia e a tristeza dum viver sem compensações espirituais o mergulha num invensivel tedio, que lhe desorganisa o sistema nervoso apresentando tantos exemplos de histería e neurastenía, que a sciencia medica comprova.

Conhecendo bem de perto a vida da provincia em Portugal, e um pouco a do interior do Brasil, especialmente a das classes elevadas—porque a vivemos e porque nunca deixamos de a sentir atravez das confidencias de amigas que contamos por todo o país, amigas desconhecidas muitas, mas amigas, sem duvida, bem certas, porque representam corações reconhecidos pela campanha que de ha muito vimos fazendo pela elevação social e moral do nosso sexo—podemos bem dizer o que é a vida triste das senhoras, que residem nas provincias e nas colonias portuguesas.

A vida das altas classes rurais teve em Portugal, como ainda hoje a mantem a Inglaterra—o unico país, talvez, que conseguiu fugir à pulverização territorial—um brilho e um encanto excepcional.

Houve terras de provincia em Portugal e do interior do Brasil, que se poderiam considerar umas pequenas côrtes cheias de fausto, de elegancia e de cultura. Vila Rica foi aqui um explendido exemplo nos tempos coloniais.

A extinção dos vinculos (medida aliás justissima porque nada mais injusto do que os privilegios hereditarios) e a dos conventos de ordens contemplativas —opulentos morgadios colectivos onde se abrigavam todos os que não podiam, fóra, manter o lugar que os seus nomes impunham,—pulverisaram, por assim dizer, os grandes dominios rurais e imprimiram à vida provinciana uma nova orientação.

O povo deixou de ser o servo adstricto à gleba e poude aspirar a tudo porque a tudo se pode chegar na concorrencia social em que alguns factores princi-

pais actuam, como a inteligencia, o trabalho e o dinheiro. Assim o que ainda ontem era o senhor incontestado, fossem quais fossem as suas qualidades, não comprendeu que o terreno lhe faltava debaixo dos pés e não soube adaptar-se às novas formulas e ideais da sociedade. Daí o desiquilibrio da vida de que principalmente veem a sofrer as mulheres, que na sua qualidade de elementos sociais passivos mal se podem defender dum mal que não provocaram. Emquanto o homem se escapou pela frequencia das escolas, pelo funcionalismo, pela carreira militar e até pela sacerdotal, a uma existencia estagnada e inutil porque lhe faltava o saber e o amor à terra para lhe ir pedir a força criadora e triunfante da fortuna, que asperamente guarda, a mulher começou a viver interminaveis e inuteis dias de profundissimo tédio, apertada entre preconceitos e falsas noções de moral convencional, tendo uma unica e longinqua esperança no horisonte: o *problematico casamento!*

Casamento tanto mais dificil, quanto nas provincias de Portugal estão ainda, de certo modo vivazes as antigas ideias de casta e uma senhora de familia aristocratica não casa, senão num esforço de rebelião ou de ambição, com pessoas que não são do seu meio.

Uma vez, era por uma dessas incomparáveis manhãs translucidas e formosas das primaveras em Portugal. Dir-se-hia que o sol vinha mais limpido e mais tépido duma longa travessia através do espaço. O azul lavado e intenso dava-nos a sensação embriagante e feliz de vivermos num mundo muito novo, sem poeiras e sem tristezas. Toda a passarada cantava a sua alegria de viver e os campos lavados pelas ultimas chuvas, oireciam e nevavam-se das flores singelas dos prados e das flores prometedoras das arvores,.. Visitavamos de surpresa uma familia amiga, que

residia tradicionalmente num desses solares armoriados, que se encontram dispersos, e já muitos em ruínas, por todos os recantos de Portugal. Eram cinco as jovens senhoras que se consumiam de aborrecimento num viver duma monotonia esmagante, adentro daquelas paredes do velho e lavrado granito.

Apesar da excitação e da alegria causadas por esse belo passeio matinal através dos campos, que estremeciam de seiva criadora e cantavam a alegria triunfante da vida não era possível deixar de esfriar o nosso entusiasmo ao chegar às onze horas ao velho solar e encontrarmos a família ainda mal acordada para a labuta do dia. Apenas o pai tinha saído de manhã a vigiar as obras num muro que as ultimas chuvas tinham arruinado e a mãe dava as ordens para o almoço.

As meninas, quando o sol já muito alto ia pelo céu azul descrevendo a sua magnifica derrota, espalhando a vida, a luz e o calor, com os vidros e as persianas das janelas bem calafetadas, os cortinados bem corridos, as portas bem cerradas, dormiam ainda um sono agitado e mau. Acordavam depois empalidecidas, com dôres de cabeça, anemicas, sofrendo dos nervos e do estomago, de mil queixas que as inutilisavam.

Escancarando as janelas, e fazendo entrar o sol criador preguntava-lhes surpresa: — Mas que ideia é esta de dormirem no campo até esta hora?!

— Pois o que queres que se faça durante estes dias sem fim?!

— Passear, criar saude, beber o ar puro da manhã...

— Passear?!... Fartas de terras cavadas estamos nós! Quanto menos tempo estivermos acordadas menos as vemos, menos nos aborrecemos...

— De modo que vocês, dormem...

— Para matar o tempo!...

Eis a triste verdade, infelizmente! — que ainda hoje se nota em muitas e muitas casas relativamente abastadas das provincias portuguesas, onde a mulher não é educada para o seu verdadeiro papel de dirigente social, que já mesmo desempenhou em tempos

idos. Porque a antiga senhora portuguesa, tanto na metropole como nas colonias, era o verdadeiro eixo que fazia girar toda a vida complexa da familia provinciana.

Não tinha tempo de se aborrecer, porque muitissimas vezes nem sequer tinha em casa para dirigir os trabalhos agrícolas, o marido, o pai, os irmãos, cuja vida mais dispersiva os levava para os campos sangrentos da guerra para as navegações, para as conquistas, para a colonização de todos esses mundos, que dia a dia lhes iam surgindo debaixo dos pés. Habituados depois a esse viver forte e aspero, ao voltarem ao remanso do lar não os satisfazia a vida serena do agricultor; procurando nas caçadas, nas pescarias e nas grandes feiras barulhentas, excitação e distracção que lhes faltavam.

A senhora, a dona da casa, que aliava, mais vezes do que se supõe, a uma grande energia para o trabalho, um razoável cultivo literario, chamava a si o auxilio de todas as outras mulheres: filhas, parentes, protegidas, que viviam na sua companhia, e todas juntas tinham bastante que girar e labutar para desempenhar o seu programa de trabalho.

Era necessario madrugar para dar ordens aos criados, distribuir os serviços, cuidar das sementeiras e das colheitas.

Necessitava não desprezar o cultivo do linho, e que era preciso trabalhar em casa desde a maceração e a espadelagem até ao fiado e à córa das meadas.

Depois, o proprio tecido que se fazia muítas vezes sob a sua direcção e se convertia nos lençois bem alvos e nas toalhas enramalhetadas que iam abarrotar os arcazes de madeira que vinham do Brasil, ou de couro e pregarias, que os homens da familia traziam da India e de Macau.

Todos os vestidos, por mais belos e preciosos que fossem as peças de seda de que os talhavam, eram feitos em familia, como os enxovais e todas as roupas de casa. Não contando ainda com as conservas e os dôces a fazer para a fartura das mesas ricas em toda a

roda do anno, que enchiam armarios e dispensas, e tão gabados e saboreados seriam nas grandes festas de familia.

A mulher era a verdadeira providencia da casa e de todos os que a rodeavam.

Era ela que sabia receitas para todas as circumstancias da vida; que armazenava as boas hervas uteis; que sabia preparar xaropes e cosimentos; que tinha á mão os diversos chás, que a medici a recomendava.

E isto não ia fóra da grande missão que através dos seculos sempre á mulher foi confiada, pois tempos de obscurantismo houve, em que a medicina, tão elevada hoje, apenas se conservava nas frageis mãos femininas e era o segredo dessas pobres *feiticeiras*, que tão cruelmente pagavam na fogueira a loucura de serem mais uteis do que os seus semelhantes!...

Era ela, a mulher, a mãe de familia que visitava os doentes, que sustentava as pobres parturientes, que lhes baptisava os filhos e lhes dava os enxovais, que cuidava das flores e olhava pelos fructos e pelas sementeiras.

Depois, as senhoras das classes abastadas das provincias, tinham ainda as distracções das visitas continuadas e demoradas, porque a convivencia era muito maior, tornada mais intima pela propria falta de communicação e de transportes.

Com o desenvolvimento industrial, com a desamortização dos morgadios; com as transformações sociais, enfim, a mulher foi a pouco a pouco deixando os velhos habitos e obrigações, sem que ninguem a fizesse compreender que a sua missão não terminara, antes se transformara, criando-lhe deveres mais elevados e mais uteis, social e moralmente falando.

Matar o tempo! É o verdadeiro crime cometido por muitas senhoras cujo destino as leva para a vida rural, sem que para isso ninguem as tivesse disposto e preparado!

São existencias perdidas, são forças inutilizadas, são criaturas sacrificadas sem proveito. Essas mulheres, que deviam ser a grande força do progresso, apenas

teem como ideal fugir, seja como fôr, a essa vida que as enerva e as irrita. E acaso teem culpa de serem tão infelizes quanto infelizes fazem tambem os que as cercam?

De modo algum! A culpa tem-na só quem as educa superficialmente, quem lhes ensina prendas e bagatelas que poderão servir-lhes na vida futil duma sociedade banal, mas que são um verdadeiro estorvo para uma existencia prática de agricultoras.

III

Regresso à Terra

O excesso de urbanismo manifesta-se na velha Europa pelo cansasso que dá a vida monotona dos campos em oposição ao nervosismo e à ambição de disfrutar os maiores beneficios e gosos materiais, fenómeno que se manifesta sempre que no seu evolucionar contínuo a humanidade se encontra em períodos de civilização, que fatalmente provocam o excesso do urbanismo, absorvendo e desiquilibrando a vida do campo.

Vimos como nas velhas sociedades de civilização intensa o excesso de urbanismo é uma concentração de forças irradiantes, que provoca mecanicamente a expansão pela emigração.

Quando, porem, as energias dum povo se concentram demasiadamente na vida urbana e numa acção exterior desiquilibrante, torna-se necessário o regresso à terra caída em abandono. Este fenómeno pode dar-se naturalmente, pela força das circunstancias prementes e imediatas e pode ser conscientemente provocado, se a sua eclosão fôr perigosamente demorada.

Em Portugal está-se já esboçando um salutar movimento de regresso à terra provocado pela valorização dos seus produtos após a crise improdutiva da guerra e pela perturbação irritada que o elemento operário está dando às grandes cidades.

Estes são os fenomenos naturais que devem ser reforçados socialmente pela direcção inteligente dos que tomam sobre si o dificil encargo de governar.

Acompanhando quanto possível os movimentos naturaes que as circunstancias impõem às sociedades, compete aos dirigentes dar-lhes consciencia e finalidade. Sem isso todos ainda os melhor, idealisados tornam-se desconexos, improdutivos e irregulares.

Como tivemos ocasião de dizer a educação da mulher é o primeiro passo a dar para se conseguir um inteligente e perseverante movimento de regresso à terra.

A mulher é a mãe de familia, é o elemento estável e enraizador, a mulher é, por assim dizer, a base tradicional da raça.

Nas sociedades dispersivas e egoístas que se têem acentuado desde o seculo XIX, a mulher perdeu muitas das suas qualidades tradicionais e não soube ainda adquirir outras, compensadoras, que a elevem e exaltem na familia e, consequentemente, na sociedade.

A mulher é, em geral, educada para os outros, para agradar, para divertir, para ser entregue ao esposo como um presente, o brinquedo dum momento, logo posto de parte por já visto e conhecido. É tempo, porem de se educar para si propria, em primeiro lugar, depois para a sociedade, que tanto dela necessita.

E quando a mulher fôr considerada como um sêr autonomo e livre, terá de saber dirigir a sua casa, como mandar cultivar as suas propriedades, como valorisar os seus cabedais, como procurar o seu norte sem auxilio de outra bussola alem do seu proprio critério.

A falsamente chamada questão feminista, que mais não é senão uma parte da grande questão social que tão mal compreendida e desvirtuada tem sido, é apenas a aspiração da mulher para tomar o seu lugar, que a pouco e pouco lhe foi roubado, nas sociedades egoístas em que a força subverteu o direito.

Hoje — felizmente! — todos os grandes espiritos estão commosco! Todos aqueles que lutámos e com

çámos a apostolar no meio da indiferença de uns, da má vontade de outros e da ironia de quàsi todos, temos a consolação de ver as nossas palavras e as nossas ideias, repetidas pelos homens mais representativos da sociedade. A mulher reclama, em toda a parte do mundo, o direito de viver consigo propria e para a sua propria alma. E quando a deixem, ela saberá encher com os seus proprios pensamentos a vida monótona do campo. Encontrará nos seus livros e no trabalho util e fecundo, as companhias mais uteis e que melhor a podem divertir.

Muitos livros encontra hoje a mulher que a orientem nos trabalhos e no viver util do campo: não os falsos livros em que os filosofos do seculo XVIII e principios do XIX faziam da vida campestre descrições mentirosas, que na realidade era impossivel encontrar, criando assim aborrecimentos e desilusões; mas livros verdadeiros e uteis que as ensinem a fazer da sua casa o centro amável de todos os que as rodeiam, como a tirar o lucro de todas as coisas de que se pode fazer uma pequena industria.

Enbelezar, falseando a verdade, a vida campezina é prestar um mau serviço social. A mentira só serve para criar desilusões e revoltas.

E' necessario que a mulher conheça o que a vida rural tem de bom, pois como a vida das cidades, ela tem coisas boas e coisas más. Para tudo ha compensações, e em toda a parte podemos e devemos encontrar meio de tirar o maior partido de tudo o que nos rodeia criando a felicidade propria e com ela a de todos sobre que possa exercer a sua benefica influencia.

Assim a mulher será no campo uma grande força civilizadora, como indiscutivelmente o foi em tempos idos.

Mas só por si a mulher não é bastante para solucionar o problema assustador do exodo para as cidades.

Um outro meio existe que ela bem compreenderá e auxiliará proporcionalmente; um meio que está de acordo com a razão e com a logica, não contrariando de modo algum as caracteristicas a que me referi atraz, e que são as qualidades inerentes ao ser humano: — o *egoismo*, a *inteligencia* e a *sociabilidade*.

Este meio é levar para o campo todos os beneficios da civilização, é tornar aí a vida tanto, ou mais, agradavel, do que nas cidades; é socialisar e aproximar não só as classes abastadas como todas as pobres criaturas, que vivem esmagadas pelo trabalho da terra, sem um conforto espiritual que as faça ter da vida uma ideia mais nobre.

Nesta ordem de ideias, temos, em primeiro logar de enfrentar corajosamente o problema do ensino primario e da escola, encarando a professora rural não só como a mestra de primeiras letras das crianças, mas tambem como a guia e orientadora do povo e em especial, das mães.

A professora rural, que é a pobre creatura que aceita como um castigo a sua colocação fóra da cidade só porque não teve bastantes empenhos para fazer proteger a sua colocação urbana, deve desaparecer para dar lugar a uma entidade completamente diversa tornando-se conscia da grande missão que tem de cumprir.

Falando deste modo do professorado rural penso no meu país, mais do que no Brasil porque não julgo conhecer suficientemente este país para avançar afirmações categoricas neste sentido.

Pois a professora rural no meu país é a pobre menina de familia modesta e quasi sempre pouco culta que sai da Escola Normal com a vaidade academica dos inferiores, julgando ter conquistado o direito à consideração admirativa do mundo, quando apenas merece a sua espectativa sôbre o valor a provar em obras reais.

Sem conhecimentos praticos nem uma forte compreensão da responsabilidade que vai tomar sobre os seus ombros, ela vai ser atirada sem preparo algum

para as mais estranhas e mais diversas regiões do país.

Caída num meio bisonho e desconfiado é imediatamente posta numa situação em que só uma grande inteligencia, uma grande prática da vida social e um grande fundo de energia moral e bondade pode salvá-la da inveja de uns e da hostilidade dos outros. As mulheres olham-na com inveja, os homens procuram conhecer as suas qualidades para avaliar das suas fraquezas e a pobre — muito cheia da sua pequenina bagagem scientífica — ou se isola desconfiada, ou se banalisa. Em qualquer dos casos anda mal.

A' professora rural, como é recrutada no nosso país, falta quasi tudo para ser um elemento civilizador no campo, desde a idade até aos conhecimentos necessários para preencher um lugar que devia ser um verdadeiro sacerdocio de lições e orientação moral entre o povo rude de que vai educar os filhos.

Para evitar este mal a professora rural deverá ser de futuro colocada em condições tais de defesa moral e de aproveitamento, que corresponda em absoluto às necessidades que o momento social exige.

Partindo do princípio geralmente aceite de que a vida no campo é um continuo sacrificio espiritual, começariamos por pagar esse sacrificio generosamente. Assim a professora rural gosaria, alem das vantagens duma boa habitação e respectivo terreno hortícula, um ordenado superior ao da professora urbana que tem outros meios de auferir lucros alem dos profissionais com lições particulares e outros empregos que nas horas vagas pode exercer, meios exteriores de cultura e distração em museus, bibliotécas e sociabilidade.

A professora rural é uma isolada intelectual e, porque não convem que o seja, é necessário que se lhe dêem meios materiais para continuar a sua instrução e não ficar atrazada no meio da civilização para fazer parte util da qual tem de preparar os seus discipulos.

Mas como a instrução media, geral que é a Escola Normal, não pode preparar uma mulher de vinte e poucos anos para o desempenho duma tão grande

missão, à professora que pretenda ser aproveitada para desempenhar o seu mister numa escola rural tem de exigir-se-lhe alguns cursos de especialidades indispensáveis a quem tem de viver no campo com a consciencia da missão que está a desempenhar.

Esses cursos praticos de especialisação devem ser todos aqueles que a tornem uma pessoa util no meio do ignorante, de que deve ser a guia e a providencia.

1.º—Um curso de agricultura pratica e elementar com o conhecimento de todas as pequenas industrias agricolas e suas dependentes de modo a poder, não só orientar como crear nùcleos de pequenas industrias rurais, especialmente entregues às mulheres, como a avicultura nas suas variadissimas formas de industrialmente se explorar, a jardinagem, a horticultura, a sericicultura, o cultivo e exploração das frutas verdes, secas e em conservas e tantas outras que repeti-las a quem tão bem as conhece e enumera-las seria apenas impertinencia pedante.

2.º—Conhecimentos praticos de trabalhos manuais sob o ponto de vista de industrias caseiras, regionais, como as rendas, bordados, tecidos e muitos outros trabalhos que industralisados podem tornar-se verdadeiras fontes de riqueza familiar.

3.º—Curso de enfermagem sob um largo ponto de vista geral e da higiene preventiva e profilatica.

Assim preparada para bem desempenhar uma boa parte da sua missão, a professora rural tem ainda de ser bem dotada de equilibrio moral e de saude de modo a poder ser uma boa mestra de civismo e dar um salutar exemplo de dignidade nacional.

Um outro meio temos ainda de fazer canalizar para o campo muitas energias, hoje desaproveitadas, que é o de fazer irradiar para fóra das cidades os asilos e casas de educação gratuita.

Em geral os internatos são pessimos meios educativos, seja qual fôr a sua classe ou o seu preço, porque é na familia que a criança deve ter o seu meio, embora a cultura lhe seja dada em estabelecimentos apropriados. Mas ha circunstancias especiais, que nos

fazem aceitar o internato como um meio que se não pode dispensar para a educação e instrução infantil e assim o aproveitá-lo nas melhores condições nos parece de boa orientação.

Os asilos existentes nas pequenas cidades do interior todos deveriam ser convertidos em escolas agricolas e profissionais criando-se oficinas das pequenas industrias regionais conforme o meio em que estivessem localisados.

O asilo, a escola ou o colegio que criam pobres sêres deslocados do seu meio, sem utilidade nem finalidade, são apenas laboratorios onde se preparam — especialmente para as moças — os miseraveis destinos que vemos tão frequentemente ostentar-se na sociedade, ofendendo o decoro das mulheres honestas e fazendo recair sobre elas uma inferioridade moral de que são as primeiras vitimas.

Um outro meio está sendo posto em pratica em Portugal fortalecendo cada vez mais o amor á terra e o enraizamento do seu povo, que é a protecção à ideia do "Casal de Familia„ do "Casal dos Orfãos da Guerra„ do "Casal do Soldado„ que todos se resumem no intuito de dar uma estabilidade maior à familia rural.

O sistema da enfiteuse que tão explendidos resultados tem dado sempre para o desbravar dos campos maninhos está a ser contrariado em Portugal em benefício do pequeno proprietario livre, com leis que obrigam a remição dos fóros. Estas leis, porem não se entendem ainda com paises novos como o Brasil onde o regimen da pequena propriedade aforada terá de ser iniciada em algumas regiões com as mesmas vantagens que têem mostrado ainda hoje, na charneca alentejana.

Tudo quanto possa servir para chamar e fixar à terra os elementos que o excesso de urbanismo depaupera e estraga, fisica e moralmente, sem utilidade social ou racial é um caso que merece ser estudado e devidamente protegido.

Nas sociedades novas, como o Brasil, as cidades são, como tambem já vimos, centros absorventes de

energias externas, que necessitam de ser canalisados com inteligencia e disciplina.

Não é só nos velhos países cansados de civilização, como tambem nos países novos, que o excesso de urbanismo começa a tornar-se perigoso, como uma concentração de força excessiva, que é necessário irradiar para os campos, evitando assim o congestionamento da *urbe* e as correlativas dificuldades, motivadas pela falta de trabalho, carestia da alimentação, falta de habitações e outras, que criam o nervosismo irritado e perigoso das multidões descontentes.

Sendo as cidades nos países novos de imigração constante um como regulador da vida social, todo o cuidado dos governantes deverá ser aqui no Brasil, como nos países similares, o canalizar essas correntes imigratorias para a cultura intensa da terra para que todas as suas energias vão convergir sobre a agricultura e industrias a ela inerentes, pois que a terra, tanto ou mais ainda do que na Europa, necessita de braços e de carinho dos que a vão arrancar ao seu primitivo abandono.

O imigrante, homem do campo, uma vez desenraízado do seu proprio torrão, dificilmente se prende a outro que não seja aquele em que nasceu e a que o ligam as primeiras, e mais intensas, impressões da vida.

Tudo o choca e desorienta numa transplantação que não seja bem vigiada e cuidada, pois a propria fisionomia exterior da Natureza o irrita em oposição às ideias adquiridas desde a infancia e que a sua falta de instrução e cultura não deixam bem compreender.

O simples mudar de instrumentos de trabalho, a diferença de estações, os costumes a propria vegetação e produção diversa da que desde pequeno conheceu, o isolamento forçado, tudo o faz fugir da vida rural nos países de imigração e dirigir-se à cidade onde encontra distracções e facilidades imediatas, que o fazem sofrer menos o contraste com o passado, sempre visto com olhos de carinhosa ternura, por peor que tenha sido.

Ao português, por exemplo, tem-se lançado muito em cara o seu desamor pela agricultura vindo êle quási sempre de regiões fundamentalmente rurais.

Mas que admira que êle, o pequeno e simples aldeão todo impregnado do bucolismo terno da sua terra, em que cada árvore representa o trabalho de muitas gerações, em que o próprio fumo elevando-se das pequeninas chaminés brincadas do seu lar representa a tradição do seu próprio sangue em muitos seculos de amôr ligado à terra, se sinta hostilizado por esta Natureza que o esmaga, que o entristece e o absorve?!

Emigrando quási sempre isolado, o português já désde os tempos coloniais que prefere o comércio à indústria e a indústria urbana à agricultura.

Mercanteando, servindo, sofrendo e gosando a seu modo, o português não compreende a terra para cultivar senão aquela doce e linda terra de amores que lhe fica na alma como um badalar de saudades num crepusculo longinquo.

Para que êle se prenda à terra de imigração — e isto é mais o interesse do Brasil do que o de Portugal — é necessário que se sinta proprietário, que se conheça alguem com dominio e com direcção. Então sim, êle faz propriedades magnificas, funda cidades, é o grande agricultor que o Brasil e os Estados Unidos apreciam e aproveitam.

Para, até certo ponto, evitar o que é realmente um mal para os países imigrantes, a concentração urbana dos colonos, torna-se necessário que os dirigentes em geral, e em especial os grandes proprietários agricolas, os fazendeiros, criem ao imigrante um ambiente quanto possível simpatico ao seu coração e ao seu espírito pela semelhança de costumes que o liguem ao da Pátria de origem nos elementos étnicos que mais convêm aproveitar.

Sob o ponto de vista brasileiro, êsse elemento é, sem dúvida nenhuma, o português, que revigorará cada vez mais a vida lusitana, preparando os dois povos irmãos para a grande acção conjunta do futuro.

Quanto mais o Brasil mergulhar na tradição portuguesa e revigorar os velhos costumes dos verdadeiros fundadores da nacionalidade, chamando à sua vida rural os valores raciais que o fortaleçam etnicamente, mais fácil lhe será combater o urbanismo exagerado que é um perigo em toda a parte e enormente num país da grandeza dêste, que absorve os rios de sangue que para êle correm de toda a parte do mundo, aumentando as suas cidades desporporcionalmente aos campos cuja riqueza está ainda mal explorada por falta de braços e de corações que amem a terra.

Vêmos, pois, que o regresso à terra é uma necessidade premente tanto nos velhos países tradicionais em que o homem se sente cansado de por ela se sacrificar, como nos paises novos onde ainda se não habituou a querer-lhe.

O problema está posto nestas condições e o que é necessário é favorecer por todas as formas o regresso à terra, orientando-o com critério e inteligência.

Para que isto suceda sem violência é necessário que as populações rurais se tornem mais cultas do que as da cidade pois para o serem teem mais tempo e menos distracção. Que as escolas se multipliquem, que os livros se espalhem, que cada núcleo de agricultores tenha a sua associação, a sua bibliotéca, a sua sala de leitura, e enquanto a maioria fôr analfabeta, tenha quem dia a dia ou semana a semana, lhes leia tudo quanto possa interessar e instruir, e lhes vá tambem contando os progressos que a Humanidade não pára de realizar.

É urgente que o campo se torne: — não o desterro mal sofrido dos que não conseguem empregar-se nas cidades, mas o lugar onde melhor nos corre a existência, mais doce e mais alegre a vida se apresenta.

Para isso instituam-se as grandes festas rurais; conservem-se as romarias, que são os restos dos cultos da Natureza aos quais o nosso bom povo se apegou com tanta inteligência e critério, que seculos de fanatismo mistico não conseguiu destrui-las.

Conservem-se as tradições do passado mas, a par delas, vão-se criando novos ideais e novos simbolos, em harmonia com a moderna filosofia espiritual e com os novos interesses da civilização.

Ás festas educativas, como por exemplo a da Arvore, dê-se o verdadeiro significada espiritual e por assim dizer, religioso, não se consentindo que delas se faça um brinquedo para ignorantes, que chegam por vezes ao cumulo de arrancar e incendiar velhas arvores sagradas, num dia, para no outro fingirem de civilizados, organizando uma festa para plantar vergonteas que mal poderão chegar ao que as outras foram.

E não só é necessário que a festa da Arvore entre na consciência nacional; é preciso tambem criar as festas encantadoras da *Ave*, dos *Renovos*, das *Flôres* e das *Colheitas* e com elas chamar ao campo os citadinos, ânsiosos de ar e liberdade, criando assim no mutuo convivio a troca de simpatias que a todos una no mesmo desejo de bem estar e de progresso.

Ao cinematografo pode dar-se um destino útil aproveitando-o para educar e distrair as populações campesinas que por meio dêle podem aprender os melhores cultivos, conhecer os maquinismos mais aperfeiçoados e mais novos, as indústrias mais rendosas, mostrando-lhe os lugares onde mais exploradas são.

Esta idéia é tão logica que ainda há dias encontrei num jornal do Rio a seguinte noticia:

Ensino Agricola por meio do cinematografo

Paris, 10--"O gabinete francês aprovou a adopção do sistema de ensino agricola, nas herdades do país, por meio do cinematografo. Dêste modo, será destinada uma verba anual de 500 mil francos para a compra de aparelhos cinematograficos, destinados às escolas agricolas e a todos os centros onde possa ser permitido aos agricultores assistir às exibições do cinema, com demonstrações dos métodos sciêntificos

empregados nos diversos ramos da agricultura. O dinheiro para êsse fim será o da arrecadação da percentagem sôbre os resultados do sistema de apostas nas corridas, autorizado pelo governo.„

Por êsse meio conhecerão as vantagens da Associação e o resultado da economia e da previdência dos seguros, efabulando-se, para que o compreendam melhor, historias simples em que o operário por meio das sociedades pode tornar-se o senhor da sua casinha e do seu campo, rodeada de flôres e de frutos, ter os seus animais, viver alegre e satisfeito, e contar na velhice com o seu peculio, que o livrará da horrível contingência das doenças e da mendicidade.

Pelo animatografo podem conhecer os perigos da falta de higiene e aprender os seus preceitos mais intuítivos, os efeitos perniciosos do terrível alcoolismo, do fumo, do ópio, do jogo e doutros vícios que inferiorisam o homem.

Assim como poderão conhecer a história do seu semelhante através das idades e o seu imenso esfôrço, o seu inenarrável trabalho dia a dia, hora a hora suado para a libertação pela sciencia que nos dá o progresso,

Podem dar-se-lhe por este meio noções gerais, embora simples, da botânica e sua aplicação e utilidade, de zoologia, de mineralogia e de geografia, e outras, para que não desconheça completamente este pequenino globo, que é a nossa habitação que o homem, á custa da sua inteligencia e trabalho, consegue cada vez mais tornar agradável e lindo.

A par disso será necessário mostrar-lhe a arte sob todas as suas mais delicadas formas para que conheça e respeite a obra humana, distraindo-o com as obras literárias mais célebres e não esquecendo tambem as tradições do tempo passado. Enfim, é necessário que o homem do campo entre definitivamente na civilisação, de que é um elemento imprescindível, fazendo-o aprender pelos olhos o que só pelo ouvido difficilmente se aprende, sem um grande preparo intelectual.

Mas que esses cinematógrafos sejam factores educativos e civilizadores, utilizando-os para distrair e

tambem para instruir e não mercancía de industrialismo feroz, que sem consciencia nem pudor estão a perverter e a estupidificar mais a sociedade, ainda tão inferior e tão baixa, na sua grande maioria.

O cinematógrafo tem um grande papel a representar na educação futura, mas será preciso que não seja uma exploração, mas um meio educativo como já é na Belgica, onde quási todas as escolas dêle se utilizaram para complemento do ensino falado.

As representações apropriadas são duma capital importancia, porque o teatro é a forma mais sugestiva da Arte; mas a arte séria e honesta tendo como base a sciencia, que é a libertadora do homem, a dispensadora de todas as graças, a semeadora de todas as venturas.

A sciencia! Eu creio nela firmemente; e porque nela creio é que desejo a sua vulgarisação e aplicação imediata querendo que a mulher a conheça e utilize para seu bem e para felicidade das gerações futuras.

A sciencia está chamando a mulher de todo o mundo a um alto destino!

A mulher, a tradicional amiga da agricultura, deve estar pronta a atender ao apêlo, mas estudando e conhecendo bem o seu proprio valor, compreendendo a missão que o destino lhe reserva e o que a sociedade lhe vem pedir!

Que saiba o que a terra lhe deve no passado para que mais a ame no futuro compensador, e chame a êsse fecundo amor o coração do homem seu companheiro.

A sciencia aplicada às industrias, a que ela já deve a simplificação dos seus trabalhos caseiros, seja no futuro, a sua guia segura e a sua mestra bem amada.

Para a mulher, como para o homem, não pode, não deve haver limites na instrução. E as populações rurais, tanto ou mais ainda de que as urbanas, necessitam ser instruidas e educadas de modo a bem compreenderem o papel importante que a civilização lhes exige pois a instrução tem de ser um bem geral; e cada um que vá até onde intelectualmente poder chegar.

A Humanidade é una, e o sacrifício duma das suas partes só redunda no mal comum.

A sciencia não é, nem pode continuar a ser, o património de um sexo, nem duma classe, porque ela é a grande mestra comum, a grande libertadora da humanidade colectiva.

Que nós todos, e principalmente as mulheres, acreditêmos nela e lhe sigamos as verdades, e todos os perigos, até o tão proclamado do urbanismo, desaparecerão em breve! Tornando o campo agradavel sómente viverá na promiscuidade, no barulho, na febre citadina, quem de todo não puder ter um lindo recanto de paisagem, onde se abrigue e onde tenha a certeza da fartura e da paz, que tanta falta faz nas grandes cidades enervadas e doentes. Vêde o que a próspera agricultura e as industrias agricolas dos Estados Unidos devem ás suas inteligentes e laboriosas cultivadoras!

A' mulher compete a missão de ligar à terra o coração dos homens! E que mulher, mais do que as do nosso país e a do Brasil, filho da nossa expansão civilizadora, merecerá ser chamada à consciencia desse grande papel social, ela que tanto fez no passado para auxiliar o enorme esfôrço da raça?

As mulheres de Portugal, as mulheres fortes deste povo de herois, as filhas, as esposas, as mães e irmãs de emigrantes, teem mantido intacto e ardente o amor sagrado da terra dos avós, que pela liberdade verteram sem avareza o seu sangue generoso.

E a mulher do Brasil que lhe recebe os filhos, presos por invisíveis laços a um passado distante, a uma terra longínqua que ela não conhecerá jamais, luta em amor e carinho por enraízar esses corações vadios por criar novos habitos, gostos e interesses a esses emigradores de imaginação ardente e coração onde a saudade tem sempre moradia:—a saudade dos que deixou, talvez para sempre! Saudade intolerável dos que deixaria, se porventura voltasse à terra mãe!...

Podemos bem afirmá-lo:—Sem a mulher a ideia da Patria não existiria já. Ai da Patria de que a mulher

se desprende sem interesse, ou dela se afasta, por não corresponder já ao seu ideal!

No entanto, é necessario que ela deixe de ser a formiga laboriosa que no seio da terra oculta o seu imenso labor, e venha à luz do dia exercer o seu verdadeiro destino. Não ha razão para que continue a esconder nos velhos cortiços, á moda antiga, a maravilha do seu esforço inteligente.

Assentada comodamente sôbre a maquina de semear ou de lavrar, dirigente de industrias agrícolas, consciente do alto papel social, ela é hoje, finalmente, a dominadora pelo trabalho inteligente dessa terra aspera que até aqui a tem sómente escravisado!

E', enfim, a dona da terra! E como os proprietários teem sido sempre os mais fortes, ela, chamada ao seu verdadeiro papel de cultivadora e guarda territorial, será, no futuro, a melhor fiadora dos destinos sociais!...

Minhas senhoras, é a vós principalmente que cabe o dever de cuidar da terra e transformar em alegria e fartura o apavorado horror da hora presente, prégando pelo exemplo o regresso à terra, movimento salvador que se torna urgente realisar em condições de triunfo e de felicidade colectiva.

Se a mulher portuguesa o quizer com toda a sua alma energica de acção, à qual tanto deve a raça que se impôs ao mundo, num desdobramento de força tal, que chega a parecer-nos uma fantasia de efabuladores de lenda, ela tornará desse lindo rincão da Europa, que é a Patria tradicional da raça, o pomar e o jardim do velho mundo, porta triunfal de entrada por onde todos os americanos, do sul e do norte, desejarão penetrar na velha terra dos seus avós.

Nada ali nos falta para sermos os primeiros, senão a vontade energica, a persistencia, a alegria de bem fazer, que só a educação e a acção feminina traz às sociedades mais avançadas.

E se vós, senhoras brasileiras, o quizerdes tambem, quanto vos ficará devendo a imposição futura desta Pátria à qual nós tanto queremos e tanto desejamos engrandecida pois que ela representa uma das mais

belas manifestações das qualidades raciais do nosso povo.

E ele que diz sorrindo numa síntese tão simplista como graciosa: *"Portugal é um ovo, o Brasil uma eira"* há de agradecer-vos que guardeis carinhosamente o recheio precioso do nosso ovo e façais desta grande eira a fartura do mundo.

Bem sabeis, minhas senhoras, que uma das maiores acusações, que é feita ao nosso sexo é... o sermos espíritos de contradição! — Pois bem, é agora o momento de convertermos em facto esta acusação e de de cotrariarmos energicamente a opinião e o desconsolo masculino trabalhando com energia, com fé e, sobre tudo, com alegre disposição, para transformarmos em alegria a tristeza que vai pelo mundo. Senhoras portuguesas e brasileiras, minhas irmãs pela raça, a nossa terra tudo espera de seus filhos, para ser grande entre as maiores! Para de facto nos tornarmos as mulheres dignas deste Brasil acolhedor e admirável onde nos sentimos como se na nossa terra estivessemos. E para que os dois grandes países sejam a força civilizadora que temos direito de esperar que venha a ser, não se faz só mister de soldados e de navios, mas, tanto ou mais, de trabalho honesto e continuado, de instrução e educação que transformem cada um de nossos filhos num verdadeiro propagandista e num verdadeiro defensor das suas Pátrias em qualquer parte em que se encontrem. Pela educação, que lhe dermos façamos com que as qualidades nobilissimas da raça se manifestem em toda a parte para maior gloria e maior brilho da união de todos os lusitanos do mundo!

Fazer com que este sonho, entrevisto por todos os nos os grandes avós, se realise, eis a missão das mulheres da raça portuguesa, eis a nossa missão, senhoras brasileiras e portuguesas.

As pequenas industrias regionais portuguesas

Meus Senhores:

Depois de ouvir aqui (1) as palavras tão simples, tão claras e sugestivas do Sr. Lisbôa de Lima digno Comissario Geral da Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro, pensei que seria ocasião de vos dizer alguma coisa sobre um assunto que tanto nos interessa a todos.

E porque o pensei e comuniquei a pessoas amigas, na maneira como foi acolhida a minha ideia reconheci que não era de todo inutil.

Foi o motivo porque solicitei da digna directoria desta Câmara o favor de nos abrir as suas salas para uma simples conversa de amigos, que não é uma conferencia, nem sequer uma palestra, mas serão de familia, quando um de nós volta de longo viajar e quere dizer o que viu e aprendeu por esse mundo de Cristo.

Ora o que pensei em dizer-vos, não o aprendi por longínquas paragens, nem com desvairadas gentes, mas no cantinho adorado da nossa terra, percorrendo com muita fé e muita ternura as nossas provincias, pondo-me em contacto com os que trabalham, lutando e pugnando pela valorisação de tudo quanto é nosso.

Disse-nos aqui o Sr. Comissario Geral quanto foi intenso o trabalho e a propaganda para que se possa dizer hoje, com a certeza de não ser desmentido ama-

(1) Camara Portuguesa de Comercio e Industria do Rio de Janeiro

nhã, quando se abrir o nosso pavilhão de exposição, que a concorrencia de produtos portugueses será a maior e a mais variada de quantas vieram a este grande Brasil com o propósito de lhe demonstrar quanto é aminado e acarinhado por todas as nações do mundo, como uma das mais radiosas e consoladoras certezas da continuidade da civilização europeia, nesta joven América, que é a nossa filha predilecta.

O Sr. Comissario Ceral da Exposição Portuguesa disse-nos aqui, e tem-no repetido em toda a parte, o que representa para os portugueses esta demonstração das nossas amistosas relações.

E dito por S. Ex.ª não é necessario repeti-lo aos brasileiros, mas tão sómente explicar aos portugueses alguns factos, que parecerão estranhos a quem de ha muito está afastado de Portugal, ou para estes assuntos não tem dirigido a sua atenção.

Vou-me referir tão sómente às pequenas industrias regionais artisticas, porque é delas que ha anos venho cuidando em missão oficial, e pelo voluntario e pessoal interesse que sempre lhes dediquei, como um dos mais seguros factores do resurgimento nacional pela tradição.

Tratamos, pois, de rendas, bordados, tecidos, tapeçarias, olaria regional, obras de verga, de filigrana e outras pequenas indústrias que já hoje começam a ser em Portugal "grandes indústrias„ no resultado economico, sem por isso perderem a sua bela qualidade de industrias artisticas, regionais e caseiras.

Parecerá estranho que venhamos dizer que isso que aí vem representa o fruto duma grande e intensa propaganda, promovida pelo Comissariado e feita por intermédio dos seus agentes e, sobretudo, da imprensa, que bem orientada e dirigida duma forma inteligentemente patriotica, pela jornalista Virginia Quaresma, levantou a ideia da concorrencia a esta exposição, como uma verdadeira devoção de patriotismo?!

Toda a imprensa portuguesa se movimentou neste

sentido, não só a de Lisboa e Pôrto, como a de todos os recantos das provincias, escrevendo sobre o assunto os profissionais do jornalismo, como os artistas, os escritores, os nomes mais consagrados de Portugal.

A propaganda para que a exposição portuguesa do Rio fosse um expoente dos valores industriais, morais, intelectuais e comerciais de Portugal foi uma verdadeira cruzada cujo sentido é necessario que ressalte nitido aos vossos olhos, para que bem comovidamente o possais sentir.

E eu vos digo porquê, meus irmãos portugueses, que longe das vossas terras tanta saudade tendes curtido, que por vezes os olhos se vos turvam de máguas e não tomais no verdadeiro sentido os gestos dos que de lá vos seguem com tanto carinho e fé.

E' que a vinda de tantos e tantos expositores ao Brasil, como tereis ocasião de verificar pelos vossos proprios olhos, especialmente nas pequenas industrias regionais artisticas, não representa um gesto de cubiça ou mercantilismo inferior, mas tão sómente o desejo patriotico de vos trazer a oferta graciosa dos seus primores; porquanto não precisam hoje essas industrias, que são sempre, e em toda a parte, de limitada produção — e é êsse um dos seus grandes valores — de procurar novos mercados; tão grande é a procura que já têm não só no proprio local em que se exercem, como nos mercados de Lisboa e Pôrto.

Devido, em parte, á paralização durante quatro anos de guerra, das industrias similares nos outros países da Europa, devido tambem á crise financeira que desvalorizou a nossa moeda em face de algumas outras, o que é certo é não haver «stock» destes produtos em Portugal e o que dia a dia se vai produzindo, tem imediata e compensadora colocação, pois não faltam na nossa terra os coleccionadores nem os mascates que de todos os países são enviados ao nosso, que se tornou assim um invejavel centro de produção.

Bastam, pois, estas simples palavras para que á facilidade da vossa inteligencia e á vossa pratica de

cuidar em assuntos de oferta e procura, seja uma coísa palpavel o esforço que o comissariado realisou para conseguir trazer para o deslumbramento dos vossos olhos e para o orgulho dos vossos corações lusitanos isso que aí vem e desde já sabemos que vos vai encher de satisfação.

E falo-vos com tanta maior convicção quanto é certo que a esta obra apenas tenho ligado o meu coração de mulher portuguesa, que acima de tudo põe o orgulho de o ser e o desejo de que justiça se faça quando haja de fazer-se, nenhuma ligação moral ou material tendo com a obra do comissariado.

Acostumada a julgar pela minha propria consciencia e a ver pelos meus proprios olhos, sem outro interesse, que não sejam os da minha Patria e os dêste Brasil, que é dela o mais belo prolongamento moral, entendi de meu dever vir dizer-vos duma forma espontânea, clara e simples o que me parece que deveis saber, isto é:

Que o facto só por si, do envio dos produtos que — em breve ides ver — desmente em absoluto aqueles que em superficiais juisos apregôam o desamor e a indiferença da metropole pelos filhos que no Brasil labutam com tanta coragem, tanta fé e tanta honra por manter bem alto o nome português e afirmar as grandes qualidades da raça.

E' preciso não confundir a pouca ou nenhuma, ou mesmo nociva, ácção dos governos com o sentimento do povo, de nós todos, da nação em si propria, como organismo vivo que trabalha, que sente, que sofre, que ama e que pensa.

Os governos (os nossos como os de todos os povos só em momentos excepcionais da história é que reflectem completamente o sentir dos governados. Felizes os homens que têem a sorte de viver num desses momentos geniais dos povos em que a ideia da raça toma corpo e alma e se intégra nos seus dirigentes!...

Portugal teve já esse momento nos dois grandes seculos da sua Historia e com eles realizou o maior assombro dos tempos modernos.

E porque a raça sente em si propria energias para se renovar em sonho e em acção, é que temos esperança de que outro grande momento se aproxima para o qual, consciente ou inconscientemente, todos estamos trabalhando!

Espera-o, pois, meus senhores, que não duvideis mais do carinho e do interesse dos irmãos, que se encontram em Portugal, porque de facto o sentimento do povo português pelos que andam pelo mundo a mourejar e a espalhar, em honra e em proveito o nome sagrado da nossa Patria, é imenso!

Não ha linda velhinha das nossas aldeias da Serra ou da Beira-Mar, que não reze todas as noites ao serão por aqueles que partiram e hão de voltar um dia!...

Não ha moça que não cante nas desgarradas das romarias, nas mondas e nas ceifas, aquelas inumeras quadras que o folclore luso-brasileiro recolhe com todo o cuidado, lembrando as continuas relações de amores em que sempre vivemos. Não ha familia de Portugal que não tenha uma recordação do Brasil, uma saudade ou um nome a enlear-se em seu proprio nome, como não ha familia brasileira que não sinta no seu sangue o calor dos beijos de Portugal.

Que importa, pois, que os governantes nem sempre compreendam as necessidades e desejos da Colonia? Compreendem-nos e sentem-nos bem os governados.

Ao vosso entusiasmo, ao calor com que respondeis sempre a tudo quanto seja prestigiar o nome português e elevar em "laus-perene„ de almas o santo nome de Portugal, a metropole responde com o esforço, o carinho e o interesse que vem mostrando em vos prestigiar aos olhos dos estrangeiros já não só nos valores intelectuais e morais que vos envia, como no entusiasmo com que concorreu á exposição para que possais afirmar que a vossa Pàtria é hoje uma nação que não só produz o que de melhor e de mais belo entra nos mercados mundiais, como se prepara para viver com honra á luz do dia, honrando os seus filhos em qualquer parte do mundo em que se encontrem, por

mais cultas e civilizadas que sejam as nações que os hospedem.

Longe vai o tempo em que Portugal, embora forçando a nota da modestia, se calava quando comparavam a sua instrução á de países ainda mergulhados nas trevas medievais, como a Russia.

Hoje é assim! Portugal, ou por outra, a nação, o povo, a raça portuguesa, reconheceu-se a si propria, sabe o que vale e o que o mundo lhe deve e sorri com despreso dos que lhe apontam os seus analfabetos como simbolo de incultura, quando incultura é supôr que se é instruido só por saber ler.

Saber ler é ter na mão um elemento de cultura e quando o povo português o necessita não lhe custa muito a adquiri-lo, esteja onde estiver, porque é uma das raças mais inteligentes do mundo.

E' evidente que nós faremos o possivel por impedir a saída dos nossos irmãos da terra pátria em condições de inferioridade, sejam elas quais forem, mas não teremos duvidas de dizer corajosamente que o mais analfabeto dos portugueses leva vantagem a outros emigrantes, que ignoram a lingua dos países que procuram ou não têem a facilidade de compreensão e adaptação que têem os nossos.

Dizer-se mesmo que o ensino em Portugal é inferior, é tomar ao pé da letra o que nós mesmo dizemos ou por forçarmos a melhoria do que temos ou por aquela forma de delicadeza adoptada outrora entre nós, que fazia oferecer um "criado„ em cada filho e uma humilde "choupana„ em cada palacio. O que é hoje o nosso ensino e o valor das nossas escolas, especialmente das escolas industriais secundarias e superiores, com orgulho o vereis na proxima exposição e delas podereis então falar sem medo de desmentido.

Mas, não querendo desviar a vossa atenção do assunto desta pequena palestra, parece-me que já compreendereis o moti o porque vamos dizendo: que foi na verdade um grande esforço patriotico a reunião desse magnifico mostruário do muito que de bom e

de belo se produz na terra portuguesa e que veio em boa hora para demonstrar o amor com que seguimos de lá os que vivem e trabalham neste país imenso, que é uma das melhores obras do esforço da raça e nós, portugueses, temos tanta honra e tanto orgulho em ver engrandecido e respeitado, como os seus proprios filhos.

Entrando propriamente no assunto que tomámos por tema desta conversa: "As pequenas industrias regionais artisticas de Portugal„, devemos frisar, que em muito se deve o seu ressurgimento ao interesse e á propaganda das senhoras portuguesas, não só pela aceitação que deram aos productos regionais para o seu proprio uso e adôrno das suas casas, como directamente creando trabalho, dirigindo escolas, ou movimentando a propaganda de fórma a tornar conhecida em todo o mundo a arte regional portuguesa.

Não devemos deixar de fazer aqui justiça á iniciativa de duas senhoras da alta sociedade portuguesa, que não só puzeram de parte os preconceitos de classe abrindo um escritório de venda de productos de arte regional em Lisboa, como fizeram mais, que chega a vizinhar a iniciativa de homens americanizados, mandaram ha dois anos para S. Paulo productos em tal quantidade e belesa que na Camara Portuguesa de Comercio, daquela explendida cidade brasileira se poude fazer uma exposição que causou o assombro dos estranhos e o desvanecimento dos nossos patricios. As senhoras D. Adelaide de Almeida e D. Claudina Franco dos Santos, com o seu escritório "A Arte no Lar„, que no seu palácio junto da antiga Alcáçova de D. Manuel, recebem diariamente tudo quanto a Lisboa hoje vai procurando arte e beleza, tem um logar bem digno de menção na campanha de propaganda das nossas pequenas industrias artisticas

Outras senhoras, e entre elas a poetisa Albertína Paraiso, mereceriam ser aqui lembradas, como elementos de valor nesta propaganda, se isto fôsse um relatório e não sómente um apanhado de ligeiras notas como protexto para nos reunirmos em familia. Entrando,

pois, definitivamente no assunto, começaremos pelas rendas, que são hoje uma das mais belas produções portuguesas e entre elas, pela "renda de bilros„ que tem longinquas tradições entre nós.

A renda de bilros que se fazia ha séculos em todo o litoral português, manteve-se até há meio século na manifesta inferioridade das indústrias que não saíam da produção popular, sem ensino nem incentivo.

Quando se diz que uma indústria regional representa a tradição popular, isto não é a expressão da verdade, em toda a sua completa nitidez e simplismo.

A arte popular descreve o mesmo idêntico ciclo dos contos, das quadras, da musica e de tudo quanto o folclore colecciona e estuda.

Não há nada que mais claramente demonstre o simplismo das pessoas que teem uma cultura mediana, como o quererem convencer o público de que o povo tem uma arte própria, por êle próprio inventada sem cultura prévia, por graça de Deus!

Não é assim, nem foi nunca assim! O espírito humano segue uma trajectoria disciplinada a que não há fugir. É por selecção que se formam as élites do pensamento da arte e do valor próprio.

É dessas élites que partem todas as iniciativas, todas as formas superiores do espírito e é quando descem às massas que se vulgarizam e se conservam.

Veem de novo as "élites„ que as encontram desprestigiadas e as elevam dando-lhe nova beleza e nova forma, para de novo cairem na massa que as adapta à sua fôrça inconsciente.

É o que sucede com os cantos e contos populares, (que todas as nações, quando entram num periodo de fôrça e cultura renovadora precisam integrar no próprio movimento, e com tudo quanto religiosamente procuramos no povo, porque êle é o único que sabe conservar a tradição, exactamente porque representa, em certos momentos, a estabilidade da incultura que se não renova.

Ora é o que sucede com as nossas rendas e outras artes, como iremos vêr:

A renda portuguesa, salvo um ou outro produto trabalhoso saído dos conventos ou da habilidade individual de alguma senhora de familia distinta, não conseguiu impôr-se pela moda; nenhuma noticia se encontrando além das que a história proclama como motivo de revolta feminina contra as leis suntuarias de alguns reis.

As próprias rendas admiráveis do tesouro de S. Roque, foram mandadas comprar em Flandres e em França pelo rei D. João V.

No entanto as senhoras que ajudaram a colonização que os portugueses realizaram por todo o mundo, não se esqueceram de levar nos seus arcazes e baús de couro tacheado, os piques, as almofadas e as linhas finissimas para que as suas donzelas e escravas aprendessem a arte de tecer maravilhas com os bilros a voltear entre os dedos habeis. E assim nós vamos encontrar nas ilhas as rendeiras tradicionais, na India portuguesa e aqui no Brasil, especialmente no norte, onde a renda cearence se póde classificar uma pequena indústria regional de tradição portuguesa.

No entanto os ultimos 50 anos foram para a renda em Portugal o momento histórico da sua grande transformação e elevação.

Pela teoria que vimos enunciando, sem pruridos a erudição, a renda portuguesa, que tinha descido dos conventos e das familias de tratamento para o povo, mecanicamente se elevou no dia em que as classes cultas a foram buscar ao conservantismo tradicional desse mesmo povo, que é o reservatório de todas as energias, a fonte pura e fresca onde todas as raças têem de mergulhar para rejuvenescer e progredir.

Porque o segrêdo da tradição e a fôrça inteligente do tradicionalismo não é voltar a ser infantilmente o que fomos, mas sôbre isso que fomos criarmos nova energia e novo idealismo, dentro da psicologia da raça.

Pois bem, as rendas portuguesas teem já hoje um

logar de honra bem marcado entre as mais afamadas rendas do mundo.

Longe vai o tempo em que a condessa do Casal, mulher do governador da praça, encantada com a habilidade das mulheres de Peniche, dava à indústria o primeiro impulso de arte e de modernização, mandando vir piques e rendas de França para ali serem imitadas.

Começou assim Peniche a distinguir-se com a sua renda entre as mais terras rendíferas do país, quási todas no litoral, numa interessante aproximação do trabalho rude dos homens do mar, com longas ausencias perigosas na faina de pescadores e o labor paciente da mulher, fazendo crescer sôbre a almofada a espuma branca da sua renda trabalhosa.

Começando Peniche a criar fama pela execução e finura dos seus trabalhos, logo que em Portugal se falou na criação de Escolas Industriais, obteve a fundação de uma, especializada, que foi entregue à direcção artística de D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro irmã de artistas ilustres e ela própria uma artista.

Pouco tempo ali se pôde demorar, mas dêsse pouco resultou uma feliz modificação nos desenhos usados e um maior alargamento nos trabalhos que se começaram, dêsde aí, a fazer na Escola e consequentemente a passagem para as rendeiras particulares.

O que melhor, porém, resultou desse contacto da artista com as artífices da renda, foi o crear ela própria um tipo novo de rendas que por tantos anos fez executar naquela sua linda oficina da rua do Tesouro Velho, onde se reuniu tudo que em Lisboa há de melhor e hoje, com a sua morte, tão lamentavelmente se encontra fechada!

Da limitada produção que dêsse pequenino sacrario de arte saíu, exemplares rarissimos que são hoje peças de museu, alguns vêem para a Exposição, marcando um dos élos da cadeia, que explica a evolução admirável da renda portuguesa.

Vem a seguir a actual renda de Peniche, que

prima pelos desenhos delicados e pela finura da execução, que tem toda a graça aristocrática dos seus pergaminhos de arte. Estas são bem conhecidas no Brasil, que as não confunde nem desprezou nunca, mesmo quando não eram ainda os produtos duma luxuosa indústria.

Vila do Conde mostra um desejo tão simpatico de produzir muito e bom, que a sua concorrência será das melhores da Exposição.

A renda adquiriu ali um cunho próprio; é mais ornamental, mais insinuante, e vai batendo corajosamente o "record„ da produção, da beleza e variedade nos desenhos.

Vila do Conde é uma terra que caminha por si e sabe valorizar os seus produtos.

Quando para lá conseguimos uma escola de desenho já as suas rendeiras exportavam a produção magnífica das suas oficinas onde trabalham crianças desde os seis anos até às velhinhas que guardam o lar aproveitando o tempo a entrelaçar os fios dos seus bilros.

É que as mulheres de Vila do Conde, de Azurara e da Póvoa são da mesma raça tenaz e forte, que faz de cada pescador um herói.

É nessa região que se criou a já hoje grande indústria dos tapetes de Beiriz, que pelo seu desenvolvimento mecânico não pertence às pequenas indústrias, mas delas deriva directamente, indústria que entre parentesis devemos frisar, se deve em grande parte à iniciatíva duma senhora e quási ao trabalho exclusivo feminino.

Seguem-se, as rendas de Viana do Castelo, Setúbal, Lagos, e todas as antigas terras rendeiras que se esforçam por vencer, na concorrência que as grandes indústrias, com os seus elevados salários, fazem a estas que só se podem manter no recolhimento da vida familiar ou nos asilos para crianças pobres, como sucede na Belgica e nós devemos tambem fazer.

Os Açôres e a Madeira, se bem que em trabalho inferior aos seus bordados e crivos, também produzem

bonitas rendas de bilros e de "Irlanda„, com larga venda nos Estados Unidos.

Para valorização desta pequena indústria, que hoje se exerce em muitas casas particulares de Lisboa e outras terras, entrando no mercado sem "contrôle„, muito tem contribuido a propaganda, o ensino nas escolas industriais e a criação de pequenas oficinas particulares como a que a "Cruzada das Mulheres Portuguesas„ mantem em Ferminhão para as pequenas camponesas, nas horas vagas do seu trabalho agrícola.

Em bordados a branco, em bordados sobre "tule„ e em crivos, impossível será exceder-se o que se faz na Madeira e nos Açôres, representando uma indústria por tal fórma florescente, que os próprios homens a exercem ou a ajudam, desempenhando os trabalhos caseiros, para que as mulheres com êles não percam tempo.

Pela maneira como essa indústria está organizada nas ilhas, embora continúe fazendo parte das pequenas indústrias pela execução caseira dos bordados é já uma grande indústria, em lucros que influem na economia geral.

Em tapeçarias ides vêr a ressurreição dêsses belos e tão afamados tapetes de Arraiólos, outrora largamente usados nas casas opulentas, nas igrejas e nos conventos.

Cópia de tapetes orientais,desenhos originais outros, todos êsses magníficos espécimes que se guardavam nos museus, estão sendo renovados com um carinho que bem demonstra o interêsse da hora que passa para o nosso país.

Os tapetes de Arraiólos são, como todos sabem, o trabalho longo e paciente de bastidor, pois cada ponto representa o esfôrço compreensivo duma operaria que escolhe as côres e tem de seguir o desenho com inteligência.

Por mais aparentemente belo que seja o trabalho mecânico, nunca êle substitue para o verdadeiro espirito educado em arte, o trabalho manual, variado, espontaneo e gracioso.

A reconstituição dos tapetes de Arraiólos está

sendo uma obra de carinho e de arte em que tambem avulta a acção feminina, não só nas senhoras que fundaram uma nova Oficina-Escola em Arraiólos, como nas que em Evora têem no Asilo desenvolvido essa indústria, que implica, por sua vez, a ressurreição do colorido com tintas vegetais, de que se ia perdendo o segredo, processos de tratar lã e a escolha da própria tela sobre que se borda.

Em tecidos que a moda já hoje consagrou como tapetes dos mais originais e interessantes, devo falar dos bem conhecidos do norte e centro de Portugal em lã e urdiduras de linho, de que o inteligente e artístico critério que está hoje presidindo à nossa renovação artística, tem feito verdadeiros milágres.

Essas cobertas em tecidos aveludados, que se faziam em Trás-os-Montes e serviam para as camas de tantas gerações de avós, são hoje magníficos tapetes nas casas artísticas de Lisboa.

Os baicheiros com que se almofadavam os aparelhos das montadas em que as senhoras viajavam por essas serranias das Beiras e Trás-os-Montes, estão hoje sendo adoptados em panos para mesas, tapetes, passadeiras, sobre-portas e tudo quanto o confôrto e a arte dum povo civilizado reclama.

Não posso, nem devo alongar-me por mais tempo, fazendo um relatório especificado do que são hoje as novas pequenas indústrias regionais, mas, abusando da vossa benévola atenção desejo ainda falar-vos com muito carinho do que se produz no recanto edénico da terra beirã.

Ali naquela pequena região entre Vizeu, Tondela e Mangualde, tecedeiras recolhidas nas suas casinhas pobres, movendo os seus pequenos teares, que já foram das mães e das avós, tecem os linhos, que de novo se semeiam nos campos, pondo a sua mancha azul de céu entre o florido de variadas côres.

Com uma persistencia de tradicional profissão, os desenhos em relevo continuam, nas toalhas e nas cobertas, que a indústria mecânica mal póde imitar.

São também as tecedeiras, que fabricam êsses tape-

tes em linho e lãs coloridos, alguns em tonalidade sóbria, aproveitando para fundo a própria urdidura, com desenhos tradicionais e outros, que sem perderem o característico têem a elegância da arte culta.

Os bordados ligeiros que as mulheres do campo de Tibaldinho e Alcafache executam sobre algodão leve, dão uma frescura e uma graça de folar ao seu branco engomado e frágil.

É tambem dessa região, tão nossa, tão sentimentalmente portuguesa, a indústria dos cestos de Vil-de-Moinhos em que hoje se exporta para todo o país o doce de ovos afamado, de que as freiras de Vizeu deixaram a receita.

Esses cestinhos, tão pitorescos, ainda hoje se fazem iguais aos que Nossa Senhora leva enfiado no braço na fuga para o Egito... no retábulo de Jorge Afonso, que se encontra no museu Grão Vasco.

Os barros negros de Molelos, que os nossos avós lusitanos já fabricavam assim, com uma nova graça e modalidade artística também fazem parte das indústrias regionais dessa região abençoada...

E tudo isso e muito mais, que é hoje procurado àvidamente pelos compradores estrangeiros conseguiu a propaganda trazer, para ser mostrado na Exposição, mais com o fito em vós do que pensando nos alheios elogios.

E neste ponto muito especial deve-se fazer ressaltar a perseverança e esfôrço de Francisco de Almeida Moreira, o verdadeiro animador das pequenas indústrias beirãs, desde as mantas que pomos sobre as nossas mesas, aos tapetes, às louças e aos barros de Molelos, aos bordados, aos cestos e tudo mais, de que vos falei e melhor poderieis vêr se fosseis de longada até essa linda cidade de Vizeu.

Meus senhores, e meus patricios, queria ainda falar-vos das nossas filigranas de Gondomar e outras que são a obra de paciência e de carinho das nossas laboriosas mulheres: queria falar-vos do ressurgimento das nossas faianças antigas, tão características, tão belas e tão sugestivas! Essas faianças que são a per-

feita reprodução dos produtos que já só os coleccionadores conheciam das fábricas do Rato, Bica do Sapato, Viana, Juncal e tantas outras, que atestam o nosso glorioso passado artistico.

Queria também falar-vos do mobiliário florido do Alentejo e do nosso austero mobiliário tradicional, que tanta grandeza e tanta elegância própria imprimiu ao rocócó francês, por demais arrebicado para a alma serena e forte dos portugueses. Queria falar-vos dos bordados a azul e vermelho com que as mulheres de Viana do Castelo opulentam as suas camisas de linho, com uma elegância bizantina, e que o esforço inteligente duma senhora adaptou às roupas luxuosas das mesas ricas...

E para falar de tudo, teria de ir continuando indefinidamente, como aquelas "Mil e uma Noites„ da Princesa Arabe, pois lá ficou tambem muito que não podemos trazer...

E, assim, meus senhores, só vos digo que a exposição que vai abrir é tudo quanto acabo de vos anunciar em descoloridas frazes e tudo mais que vereis e representa em carinho e em interesse os corações dos vossos irmãos que de lá vos acompanham em pensamento e lá vos esperam sempre... Porque nos lares portugueses há sempre ausentes que se esperam.

E dos que ficaram, muitos estão a estas horas sonhando no momento de vir, neste trabalho imenso de urdidura em que se desenha e tece o magnífico tapete da civilização lusitana, de áquém e além-Atlântico!

Não há português que não deseje vir prodigalizar-se nesta grande "Eira„, que é o Brasil; e não há "brasileiro„, que não deseje voltar ao "Ovo„ recheiadinho de graça e amor, que é Portugal!

E assim podemos e devemos continuar a nossa grande obra civilizadora de irmãos sempre ligados no mesmo grande pensamento de amor e de orgulho pela nossa Pátria e pelo nosso sangue, na certeza dum futuro cada vez mais digno do nosso passado.

O novo idealismo da raça

através da moderna literatura portuguesa

Encontrando-me aqui, nesta camaradagem fraternal em que todos os valores se conjugam para uma grande ascensão, a marcar a nova marcha histórica da raça para um futuro de natural expansão e imposição, permitam-me que lhes venha falar da moderna literatura portuguesa, ligando-a naturalmente à evolução social do país e às transformações da sua vida interna e externa, pois só assim se pode compreender, na realisação da sua mais alta e mais bela função.

Para quem só exteriormente e superficialmente conhecer a vida portuguesa, é difícil apreender-lhe o sentido pelo conjunto, na aparência desarmonico, da sociedade. Só estudando e sentindo bem a fundo a palpitação espiritual da raça se apreenderá com nitidez o futuro em que todos pomos os olhos, como se fossemos um povo de iluminados, caminhando em gloria e beleza, e mal nos apercebendo dos percalços que por vezes nos magoam, mas não conseguem amortecer a nossa fé inquebrantávelmente messianica.

Estudando e explicando a evolução intelectual, especialmente literaria, que é a forma de melhor exteriorisação, pondo em contacto o pensamento e as tendências da *élite* intelectual com a grande alma colectiva do povo, fácilmente se explicam e se tornam compreensíveis actos individuais e acontecimentos da vida portuguesa, que à primeira vista parecem obscuros, e escapam a uma analise superficial.

É que a literatura para nós não é apenas a beleza da forma, nem a simples exteriorisação dos sentimentos e das ideias individuais, mas a mais humana e comunicativa expressão das aspirações da raça e a mais firme indicação da sua vida nacional.

Para muitos povos a literatura é uma forma de arte exteriorisada, pouco ou nada revelando as tendências raciais. Por vezes, quando se julga que ela representa a expressão do sentir dum povo, sucede que era apenas o pensamento duma *élite* intelectual e desnacionalisada.

Em Portugal não sucede assim! O movimento profundo da alma nacional desenrola-se nitidamente na sua literatura, dando-nos a compreensão da sua vida historica e social, e exprimindo flagrantemente os seus periodos de elevação e de queda moral.

Eis o motivo porque não vemos uma escola literaria suceder a outra escola, ou contra ela reagindo francamente, mas sim vemos largos periodos de evolução literaria, que se harmonisam com a grande vida expansiva da raça, por vezes comportando mais duma escola e tendências intelectuais e morais, que chegam a dar a estranhos a aparência de se contradizerem.

Não é nossa intenção fazer um curso de literatura, mas tão sómente mostrar, através da alma e da obra dos poetas, as modernas tendências e aspirações idealistas da sociedade portuguesa, mal conhecidas momentaneamente no Brasil.

Por circunstancias fortuitas, e quási todas de caracter puramente material, o mercado de livros no Brasil tornou-se difícil aos novos escritores portugueses, que deixaram de ser lidos e compreendidos, não só pelo publico propriamente brasileiro, como até pelos portugueses, que embora vivendo em saudade e orgulho longe da Pátria, não têem tempo de seguir de perto a vida intelectual, bastante intensa no nosso país, se no mercado faltarem como de facto faltaram durante algum tempo, as obras modernas e a propaganda de fraternidade intelectual fôr menos intensa.

Vamos pois dizer algumas palavras sobre o movi-

mento literario, que consideramos decisivo para a compreenção da moderna evolução do idealismo da raça, que começa em João de Deus e a chamada Escola de Coimbra.

Seria longo, e porventura obscuro para a maioria, explicar quanto o Romantismo e o Ultra-Romantismo se haviam afastado do verdadeiro e profundo caracter da raça portuguesa, criadora e iniciadora, francamente oposta à imitação literaria, que só em periodos de decadência se faz sentir.

Ora o romantismo foi um movimento de franca e servil importação estrangeira, especialmente copiado da França.

Mais apropriadamente, até, se lhe pode chamar uma adaptação feita sem critério nem sensibilidade nacional, com um idealismo mesquinho, primário, girando em volta de meia duzia de sentimentos e de paixões, que só conseguiu tornar ridículas.

O proprio patriotismo, de que a literatura romantica abusou em todos os países, em Portugal não deixou um traço fundo de sinceridade! Os poetas romanticos dão-nos hoje a impressão de só terem sentido manifestações baloiças de sentimentos incompletos, satisfazendo-se com a propria inferioridade, sem obedecerem a uma critica inteligente, abusando duma infelicidade lamecha, que é absolutamente contrária ao espírito de acção e de força, que é uma das mais nobres características do espirito português.

Chorando e gemendo em volta do amor e das suas pequenas máguas em nenhum atingiu êle a grandeza épica da tragédia, que na alma portuguesa ultrapassa, por vezes a capacidade do sentir humano, como no real amor de Pedro e a linda Ignez.

Para reagir contra o romantismo, de que apenas se salvam:—Garrett com a sua intuição tradicionalista, indo buscar ao povo as rimas do seu "Romanceiro„, Herculano procurando na historia o sentido nacional,—foi necessário renovar o espirito nacionalista e aproximá-lo francamente das raízes populares.

Depois de se criar o grande e fecundo amor pela

terra-mater, o espirito português necessitou para reagir, de pôr-se em contacto com o grande periodo de criação quinhentista, e abrir-se francamente a todas as modernas correntes europeias, sem servilismo de imitação, mas reflectindo preocupações profundas sobre a ideia religiosa, filosófica e scientifica.

A obra formidável que tinha de tomar estes três aspectos para bem preencher o seu fim, dando ao pieguismo romantico um golpe mortal, foi realizada pelos dessidentes de Coimbra e continuada pelo movimento que dêles partiu, envolvendo na sua acção profundamente nacionalista os líricos que depois surgiram, especialmente João de Deus, o mais popular e o mais profundamente impregnado do puro sentimentalismo português.

Por intuição mais do que por raciocinio ou pensamento filosófico, João de Deus realisou, como ninguem, a aproximação da poesia culta à forma verdadeiramente popular, que lhe dá a naturalidade no dizer, a ingenuidade no sentir, a profundeza na dor e a vaga ansiedade no sonho e na aspiração para qualquer coisa superior, que aproxima essa poesia, duma forma quasi instintiva, com a verdadeira literatura popular, na sua bela forma estética, que é a expressão espontanea das qualidades da raça.

E é nessa forma renovada, pura de todas as sujeições de escola, tocando de novo a profundidade do sentimento racial e iniciando o ingresso da preocupação da Alma no religiosismo humano — que é a caracteristica mais profunda deste novo periodo da civilisação portuguesa — que João de Deus é verdadeiramente grande.

A poesia que vamos ler e que ele intitulou *Tristezas* é a expressão dum sentimento que se não define e na sua forma tão simples e tão espontanea, toda a nova preocupação espiritual do momento se manifesta bem nitidamente.

TRISTEZAS

Na marcha da vida
Que vae a voar
Por esta descida
Caminho do mar,

Caminho da morte
Que me ha-de arrancar
O grito mais forte
Que eu posso exalar;

O ai da partida
Da patria, do lar,
Dos meus e da vida,
Da terra e do ar;

Já perto da onda
Que me ha-de tragar,
Embora se esconda
No fundo do mar;

De noite e de dia
Me alveja no ar
O fumo que eu via
Subir do meu lar!

Que sonhos doirados
Me estão a lembrar!
Mas tempos passados
Não podem voltar!

Carreira da vida,
Que vaes a voar
Por esta descida,
Vae mais devagar;

Que eu vou deste mundo,
Talvez, descançar,
E nunca do fundo
Dos mares voltar!...

Tudo nesta doce poesia nos revela a sensibilidade a ternura e a profundeza do pensamento e do sentimento português.

E' toda a alma dum povo que se aproxima sem revolta da tragedia maxima da vida, que é a morte, numa resignação de certeza de qualquer coisa que fica para além do ser consciente.

João de Deus é por exemplo na poesia o *Desalento* e em outras que ferem a mesma sensibilidade, não um poeta individual, mas uma das formas porque a alma da raça se poude exprimir e comunicar com todas as outras expressões do seu obscuro sentir.

O grande poeta que foi João de Deus, no verdadeiro sentido da palavra, porventura até inconsciente da sua formidavel acção patriotica, aproximou-se na sua nova forma de lirismo do maior periodo da poesia portuguesa, que foi o quinhentista.

Aproveitando o soneto, cuja forma os anteriores poetas do romantismo tinham deixado cair em desuso, João de Deus fundiu-o numa peça admiravel de sensibilidade e dando-lhe um sentimento que se harmonisa com a profundidade sentimental da vida de hoje, fê-lo atingir a perfeição modelar.

Ao próprio Antero, o poeta máximo da nova era literária, se estendeu a influência dêste movimento espontâneo de renovação e aproximação com o periodo em que o lirismo português mais alto subira, e que João de Deus iniciara duma forma admirável, sendo êle próprio, o grande e Santo Antéro, que o expressa no seu estudo "O lirismo de João de Deus e o seu soneto„.

O Soneto *A Vida* que serve de abertura ao poema que assim intitulou, está todo impregnado da ânsia e da tristeza divina da alma em face da realidade amargurada.

Tudo nele é perfeição na forma e simplicidade na maneira profunda de sentir a dôr e a amargura espontanea das coisas irremediaveis:

A VIDA

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do túmulo descendo.

Em se ela anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ela apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Tambem em Antéro se pode bem reconhecer esta primeira fase do movimento, que nos conduz com muita firmeza ao sentimento e à expressão nacionalista do momento atual.

Antéro renovou a sua alma e a sua expressão de português antes de ter adquirido, como depois sucedeu, toda a cultura filosofica contemporanea e procurado individualmente uma nova verdade.

Nas suas tão simples quadras ao Mondego, que são dos seus primeiros tempos de Coimbra, encontramos já expressa a nova forma do lirismo português relacionado com o passado através dum sentimento popular cheio de ternura pelas forças naturais e pelas coisas que adquirem alma, pensamento e individualidade em toda a nossa verdadeira poesia popular:

Lindas águas do Mondego,
Por cima olivais do monte!
Quando as águas vão crescidas
Ninguem passa além da ponte!

Ó rio, rio da vida,
Quem te fôra atravessar!
Vais tão cheio de tristezas...
Ninguem te pode passar.

Mas dize tu, ó Mondego,
Pois todos levam seu fado,
Tu que foges e eu que fico
Qual de nós vai mais pesado?

Tu, ao som dos teus salgueiros
Levas as tuas areias...
Eu, ao som dos meus desgostos,
Levo estas negras ideias...

Nesse escultural soneto *A Sulamite* o amor abre-se em pureza, num lirismo que se eleva e eleva a alma das coisas em comunicação tão intima com a Natureza, que toda a sua expressão é religiosa como uma prece, no abandono mistico da vontade, à guarda de Deus:

Quem anda lá por fóra, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Subtil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Pareceu-me senti-lo aqui tão perto...
Seja alta noite, seja num deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha...

Moças da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que pode ir contente e descansado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme
É meu costume, olhai, dormia embora,
Porque o meu coração é que não dorme...

Antéro, porém, realisa a terceira aproximação necessária, entrando no movimento com a maxima cultura e a maxima civilização suas contemporaneas. Com êle, o poeta culto por excelência, aparece uma preocupação mais alta, que é a integração do pensamento português no movimento de ideias que se vai produzindo no estrangeiro, mas não o servilismo das formas importadas sem compreensão nem ideal proprio, como sucedera com o romantismo.

É Antéro que primeiro realisa essa aproximação necessária da cultura estrangeira, no seu aspecto filosofico e religioso, que passando através da sua alma e do sentimento português procurou a nova verdade religiosa.

O facto mais importante do novo idealismo português e a mais bela manifestação da civilização da raça é esta inquieta busca duma ideia religiosa, duma certeza metafisica, feita pelo sentin ento, pela alma e pela inteligencia e cultura dum homem de genio como foi Antéro, grande entre os maiores em toda a parte do mundo.

Não é possivel numa simples conferencia estudar a génese da ideia religiosa de Antéro e explicar a sua verdade, mas bastar-nos-há dizer que ela é a base do novo espiritualismo português, como que o alicerce sobre que se começou a elevar o periodo de grandeza que se aproxima e no qual, embora ainda obscuramente na maioria, todos crêem em Portugal, para bem se compreender a necessidade de mostrar, através da poesia do poeta maximo, o sentimento que anima essa religiosidade nova.

Por exemplo nos dois sonetos *Redenção* a alma portuguesa integra-se no sentimento das coisas e eleva-se na sua aspiração religiosa.

Essa aproximação com a cultura universal e com a tradição do povo português, a que se juntou uma intensa criação nova, foi igualmente feita por Oliveira Martins o grande filosofo critico do movimento.

Na "História da Civilização Iberica„ mostra, e prova com muita clareza, a existencia duma civilização da

Peninsula e define a alma da nova civilização e o espirito que a anima.

Toda a sua obra, mesmo quando não concordamos com o espirito imediato que a dirige, é um factor de muita importancia no movimento que se vem acentuando cada vez com mais firmeza.

Oliveira Martins, mesmo quando quere contrariar o movimento expansivo da raça, preferindo ao largo manto enfunado a todos os ventos da ambição idealista do Infante D. Henrique, o capelo estreito do Regente, não consegue senão exaltar as qualidades expansivas da raça e dar a certeza dum renovamento mistico que nos conduz a um novo periodo de imposição civilizadora. Ajudando o movimento e dando-lhe, com a sua critica cheia de bom senso, o contacto directo com o grande publico, que necessita do riso para destruir e do bom senso para compreender, surge Ramalho Ortigão. A sua prosa duma beleza cristalina e sem largos vôos, é como um banho lustral que limpa a sociedade portuguesa dos ultimos ridiculos do romantismo e a impulsiona para uma acção humana e fecunda.

É à sua critica, cheia de sensibilidade patriotica, que principalmente se deve a ligação intima das novas gerações com a alma do povo, sob o ponto de vista da arte e dos costumes regionais.

Ramalho Ortigão é o revelador da paisagem e da beleza da vida popular na sua rude e forte sensibilidade das coisas. Foi com êle, percorrendo as paisagens montesinas, abeirando-nos das ondas que veem morrer nas areias finas das nossas praias, correndo feiras e romarias, que Portugal começou a reconhecer e a compreender a arte e a tradição artistica, que o povo escondera, humilhado pelo desprezo dos que se diziam cultos, para melhor a guardar como uma das mais belas coisas da sua continuidade tradicional, fôrça que já hoje pesa beneficamente no movimento de resurgimento nacional que vimos estudando.

Com Eça de Queiroz vem a renovação da forma literaria, que tomou sob os seus dedos nervosos,

inspirado pela critica amarga dum grande orgulho intelectual que se sente amesquinhado pelo meio conseguindo a mais bela forma estetica que a arte e o sentimento moderno podem adquirir, ligando-se numa pureza que vai para além do assunto e do momento que viveu, até à grande tradição da raça.

A personalidade critica e amargurada de Eça e a sua sensibilidade estética em fáce da natureza e da verdadeira alma do povo português, tornam compreensivel o lirismo em prosa de Fialho de Almeida, todo impregnado dum forte regionalismo e duma plasticidade amorável ou caricatural, que será eterna em alguns trechos das suas paisagens e em algumas figuras tão vivídas, tão realistas como os barros de Machado de Castro, maravilha da sensibilidade artistica do povo português.

A par destes grandes valores construtivos da raça veem as duas maiores sensibilidades literarias, que são Guerra Junqueiro e Gomes Leal.

Apanhados por este grande movimento de criação e transformação da ideia religiosa, o genio inconsciente que os domina eleva-os na manifestação do seu lirismo cheio de pureza e de simplicidade tradicional.

Em Gomes Leal o misticismo religioso atinge o máximo da pureza e da simplicidade lirica em algumas das mais lindas paginas da *Historia de Jesus.*

Aquele que foi o autor irreverente de tantas poesias de revolta é na sua comunhão com as criancinhas dum lirismo suave, como se tivesse de ser recitado num misterio religioso do Natal, numa igreja para a alma simples do povo.

Basta dizer algumas quadras dessa *Historia* sem par, para que da sua pureza e simplicidade lirica se tire a ligação, embora inconsciente, com a tradição popular:

Ó pombas que andais voando
Sobre as nuvens, e as bandeiras,
Regatos! que ides regando
Os verdes pés das roseiras,

Evangelistas da Igreja!
Nos vossos nichos sósinhos,
Em cuja biblia adeja
O vôo dos passarinhos,

Ó crianças pequeninas!
Com olhos cheios de luz,
Romanzeiras purpurinas,
Como as chagas de Jesus!

Madonas de olhos profundos!
Como céus espirituais,
Ou como dois vastos mundos,
Para chorar os mortais,

Estrelas! celeste côro!
Que andais rolando nos céus,
Como grandes rodas de ouro
Do antigo carro de Deus,

Ouvi a história sem par,
Que eu rimei às criancinhas,
E hei de fazer decorar
Aos lirios e às andorinhas.

Podia ler-lhes outras poesias dessa pequenina maravilha de sensibilidade e de pureza, mas basta êste prefacio, que é como o resumo do "misterio„ que vai passar como um ruflar de asas de anjo no novo momento da raça, que para eles eram ainda saudade e vaga aspiração.

Guerra Junqueiro que tem um lirismo todo impregnado de ternura pela terra no seu lívro os *Simples* e amoroso em algumas das suas boas poesias, sai de si proprio e atinge a grandeza do genio, interprete da ansiada alma da raça no poema *A Patria.*

A sua sensibilidade literaria e a sua rara capacidade de interpretação deixam-no penetrar de toda a momentanea desgraça nacional e fazem com que atinja

a grandeza genial e formidável dessas paginas, que são gritos duma dor e duma revolta, que só por si demonstram a fôrça vital do povo que as poude produzir e compreender.

Começou com o *Finis Patriae* o grito doloroso da raça, que momentaneamente sentiu perdida a esperança, olhou espavorida o futuro e gritou na tortura dum sofrimento incomportável o seu odio aos que a empurraram para a miseria e para a vergonha:

É negra a terra, é negra a noite, é negro o luar
Na escuridão, ouvi, ha sombras a falar.

E essas sombras avançam no seu sudario encharcado de lágrimas.

As choupanas dos camponezes, a infancia miserável, os emigrantes desamparados, os campos sem cultura, o luto e a dor, a fome, a vergonha e a miseria... naufragios e procelas, hospitais e escolas em ruinas, cadeias que desmoralisam, condenados que espiam a culpa da sociedade que os empurrou para o crime, todos vêem, perturbadores e tragicos, reclamar justiça.

As fortalezas desmanteladas bradam o horror ao inimigo, seja êle qual fôr, que esquece a gloria do seu passado incomparavel.

Os monumentos arrazados gemem:

A alma das pedras sacrosantas,
Chorando, à noite, faz horror!....

As estatuas dos herois na sua voz de bronze, gritam o seu desespero formidável:

Que resta enfim da nossa gloria?
Que é da altivez—Jogou-se aos dados...
Que é do estandarte?—Ei-lo em bocados...
Que é da nação?—Morreu na historia!

E na entenebrecida ânsia da nossa duvida, a Alma da Pátria:

Pressente na mudez cavernosa do panico,
Que a hora dos trovões profundos vai falar...

A Marcha do Odio que foi a sequência do mesmo espirito de revolta, é como uma oração de fé, que se repete sempre que alguem atraiçôa o ideal sagrado da raça.

Mas se o Finis-Patriae é o grito da decadência momentanea dum povo, que pelo desproporcionado esfôrço da sua grandeza perde a noção das coisas, já nas primeiras paginas da *Pátria* nos aparece engrandecido na sua imensa agonia. Na extraordinaria concepção deste poema encontramos a compreensão ideologica e perfeita da alma lusitana, consciente da sua decadencia, mas encaminhando-se para o resurgimento que se manifesta na propria violencia com que exprime a injusta desgraça e sente a hora libertadora que se aproxima.

Se o genio português teve em Camões o expoente maximo duma época de glória, a *Pátria* de Guerra Junqueiro resume nas suas paginas, tão aparentemente contraditorias, o conjucto extraordinario do sonho de uma grande raça atraiçoada por egoismos e mesquinhos interesses numa acção impatriotica de jogo de azar, vexante e criminoso.

O doido genial, o velho, o tragico guerreiro e marinheiro, que avassalou o mundo, grita na escuridão:

Ó nau gigante, ó nau soturna,
Galera tragica e noturna,
Que levas, dize, no porão?...

E a nau fantasma responde no pavor de uma confissão criminosa:

Dentro do esquife amortalhada
Levo uma Pátria assassinada
No meu porão!...

E que Pátria?... — di-lo "Astrologos„ a figura simbolica que representa o momento de aspiração e de desanimo, que resalta de toda a obra de reconstrução historica e de pensamento impregnado de desgraça, de Oliveira Martins:

E que Patria! A máis formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!...

E essa Pátria, sentindo-se apertada entre os problemas da politica europeia e os limites que o mar lhe punha ao lado, abriu as largas e possantes asas do sonho e desdobrou-se e cresceu e tornou-se tamanha, que nenhum povo moderno a poude igualar.

Epopeia inaudita! Heroi, ele a viveu,
Sonhador, a cantou: Ésquilo e Prometeu!
Inda em hinos de bronze, em estrofes marmoreas
Vibra eterno o clangor dessas passadas glorias...

E depois vem o desastre e vem a dôr desproporcionada à capacidade de sofrimento e o povo, doido sublime, proclama e grita a sua miseria, a sua saudade e desesperança:

Em noite sem lua, numa nau sem leme, fui descobrir mundos,
Mundos pelo mar...
O vento sopra, o vento sopra...
Quanta areia negra faz turbilhonar!
— Mundos a voar... Mundos a voar...

Por manhã doirada, galeão doirado vinha cheio d'oiro!...
Rubins scintilantes,
Perolas, diamantes...
Vinha cheio d'oiro...
O vento sopra, o vento sopra...
Que cinzas de campas se alevanta ao ar...
— Meu oiro a voar... meu oiro a voar...

Castelos nas praias, galeras nas ondas, reinos d'alem-mar!...
O vento sopra, o vento sopra...
Que bandos de nuvens!... Vão-se a desmanchar!...
Castelos... galeras... reinos d'alem-mar...

Foi um sonho lindo... foi um sonho lindo... Como é bom sonhar!...
Acordei sem alma... Quem me encontra a alma...
Quem m'a torna a dar!

Mas, apesar de tudo, esse canto não é um *De profundis* de enterro, porque a hora perturbada e má vai passar.

A alma santa, a alma imensa da Pátria liberta-se pela violencia sagrada da revolta e encontra — finalmente! — o velho corpo esfarrapado e miserável e fá-lo renascer numa grande e pura alvorada de luz.

E o velho guerreiro, inconsciente e esquecido do seu passado, perdido o nome na escuridão, transfigura-se e retempera-se na dôr para a consciência do seu destino futuro:

Ó dôr, filha de Deus, mãe do Universo!

A hora grande, a hora imensa,
Já por um fio está suspensa...
Não tarda muito que ela dê!...
Carne medrosa, porque tremes?...
Ó alma ânsiosa, porque gemes?
Porquê?!...

Arde na dôr, carne maldita!
Revive em dôr, alma infinita!
Na dôr bemdita espera e crê!...

A geração que imediatamente se seguiu trouxe desta dôr e desta revolta a consciência dum novo ideal de Pátria ridimida e grande, comungando na religião da Raça, no respeito do passado e na fé no futuro.

Com ela entramos na fase do enternecimento pela terra e na ânsia dum nacionalismo resultante da reacção das ideias enunciadas.

Dessa ternura apaixonada, mas ainda doentia, é Antonio Nobre o mais extraordinário interprete, porque é a maior sensibílidade criando o maior de todos os liricos portugueses, na vibratilidade produzida pelas coisas exteriores. O seu lirismo enternece-se por coisas que são verdadeiramente Portugal e toda a sua poesia descritiva se torna carinho e adoração, como se fôsse água benta de prece.

Na *Ladainha das Lanchas* dum regionalismo tão sentido, toda a força lirica da sua alma se enternece na simplicidade desse quadro, que é a vida e a alma do proprio povo.

Antonio Nobre é a mais vibratil das sensibilidades e o seu lirismo, mesmo quando é amoroso reflecte o momento de desgraça e protecção de que é o mais completo interprete:

Oh, as lanchas dos poveiros
A sairem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que extranho é!
Fincam o remo n'agua, até que o remo torça,
Á espera da maré,
Que não tarda ahi, avista-se lá fóra!

E quando a onda vem, fincando-o a toda a fôrça,
Clamam todos à uma. *«Agôra! agôra! agôra!»*
E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo
(Ás vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
Que vista admirável! Que lindo! que lindo!
Içam a vela, quando já tem mar,
Dá-lhes o vento e todas, à porfia,
Lá vão soberbas, sob um céu sem manchas;
Rozario de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar a *Ladainha das Lanchas*...

A esta geração pertence Alberto Osorio de Castro, que estendeu a sua ternura pelas nossas coisas a todo

esse imenso Portugal que se desdobra pelos mares além e faz da sua poesia, duma sensibilidade quási doente, o reflexo da imensa e vaga saudade congenita da raça. Saudade da terra em que nascemos, da vida que vivemos e se identifica com a nossa alma por tal forma, que toda a existência sofremos desse sofrimento que é prazer e é dôr, que é desesperança e conformação... Dessa ânsia de viver o futuro no desgosto de irremediavelmente ter perdido o passado!

Saudade do proprio futuro que não vivemos ainda e das coisas que não vimos, e o nosso sangue já sofreu e já viu pelo mundo, tão pequeno para o nosso desejo e para o nosso sonho!

Como reflexo desta sensibilidade, vibrando através de todos os mares e de todos os continentes por onde a alma lusitana se dispersa, vamos ler algumas poesias dum exotismo que coloca o seu autor num logar que a literatura dos últimos seculos da nossa decadencia tinha deixado vago.

Este poeta, que para o grande publico ainda ficará por muito tempo um estranho, vem iniciar na poesia, como o grande artista que é Wenceslau de Moraes o fez na prosa, a ligação sentimental com os cronistas e os poetas dos seculos XV e XVI, que souberam vêr, sentir e sofrer o exotismo perturbador das terras do Oriente.

Ainda no seculo XVII, apesar da decadencia da época, os poetas e prosadores que vinham para o Brasil marcavam o momento da vida e da acção colectiva da raça, escrevendo e sentindo a febre do exilio.

Depois é que a literatura cai por tal forma na banalidade importada que nenhum reflexo lhe encontramos do continuo desdobramento, que nunca deixámos de ter, não só partilhando a existencia pelas nossas colonias, como emigrando por toda a face da terra.

A sensibilidade artistica dos poetas e dos prosadores não acompanhava a acção o assim as nossas cronicas de feitos que continuaram a ser heroicos como outróra, passaram a ser relatorios oficiais minados de traça pelas repartições do Estado.

Com o renovamente intelectual da raça, os poetas e os prosadores reflectindo o estado dalma dos exilados voluntarios, sofrendo na continuidade doutros longinquos sonhos, aparecem com Wenceslau de Moraes e Alberto Osorio de Castro. Vejamos primeíro este na serenidade com que se entregou à paz augusta da mãe Natureza:

Do "Auto de Niniana"

Acto IV — Scena II

Ao homem, Niniana, o sonho de que val?
Hoje é minh'alma, emfim, serena até à morte.
O sonho é uma prisão radiosa de cristal,
Uma prisão, porem, que enfraquece o mais forte.
Sofri toda a paixão e toda a dor humana,
Ansiei pela verdade e pelo eterno bem,
E não vi que a verdade eras tu Niniana,
Que a bondade eras tu sómente, minha mãe!

Não via que eras tu a suprema beleza,
Que todo o humano ideal só de ti distanciava!
Perdôa, minha mãe, perdôa, Natureza.
Ai! liberta do sonho a pobre carne escrava!
Ai! liberta da alma a pobre chaga viva!
Pede o pródigo filho o teu perdão de mãe.
Dispersa enfim meu ser, minha mãe compassiva.

NINIANA

Alma afinal serena, à paz eterna vem.

É todo o cançasso da alma que se esgotou a desejar e a sofrer a desilusão da vida.

Todo o português sente, no fim do seu muito lidar, a desproporção enorme do seu sonho com a realidade que consegue dominar.

A poesia seguinte é uma evocação que nos faz

viver momentaneamente a tragedia imensa de que as pedras de Diu foram as testemunhas impassíveis.

E dentro do nosso coração ergue-se um cantico vitorioso á grande raça, que soube dispersar em heroismo e glória o seu bravo sangue!

DIU

Na fina, rasa, alvadia paisagem
Do Kathiawar,
O Castelo de sangue e de carnagem
Fica a dormir seu sono secular.

Trovejavam ha pouco os Baluartes,
Ultima salva ao Visorei que sai,
E a grita, o desfraldar dos estandarte ,
O troar dos pelouros, ruge e cai.

Cai, como a noite palida sangrando.
A Fortaleza imóvel contra o mar
É só um sangue morto coagulando,
Um sangue eterno enegrecendo o ar.

O Golfo de Cambaya
Em frente... a noite, o mole arfar da vaga...
Diu, atraz, a perder-se em sombra vaga,
Na névoa e a espuma lívida da praia...

Sousa Coutinho, o Cunha, o Rumecão,
Sultão Bahdur, Dom Fernando, Silveira,
Dormem na paz da hora derradeira,
No mesmo pó irmão.

A grande paz da morte envolve tudo.
Só o muro ficou guardando o mar,
Contôrno inutil, para sempre mudo,
De uma erupção lunar.

Num flamejar sulfureo, ultimo e frio,
O Castelo ilumina-se, a Cidade
Eleva aos céus um minarete esguio...
E tudo cai na sombra e a imensidade...

Em Portugal até os poetas decadentes são influenciados pelo movimento de renovação e ligação ao passado que se impõe instintivamente a todas as grandes sensibilidades. Camilo Pessanha, o maior de todos, na sua poesia, de tão pura arte, dá-nos a documentação duma sensibilidade dolorida, que vem ainda do momento de amargura e descrença da geração a que pertence, mas já se sente toda impregnada de portuguesismo na sua ternura pelas coisas e infinita saudade com que a vida nos persegue.

Vejamos, por exemplo, êste soneto, quási ao acaso escolhido entre as poucas, mas tão belas poesias do do seu livro *Clepsydra*:

Ó meu coração torna para traz,
D'onde vais a correr, desatinado?
Meus olhos incendidos que o pecado
Queimou... voltai horas de paz.

Vergam da neve os olmos dos caminhos,
A cinza arrefeceu sobre o brazido.
Noites da serra, o casebre transido...
—Scismai meus olhos como dois velhinhos...

Extintas primaveras evocai-as:
—Já vai florir o pomar das maceiras,
Hemos de enfeitar os chapéus de maias

Socegae, esfriae, olhos febris,
—E hemos de ir cantar nas derradeiras
Ladainhas... doces vozes senís...

Vindo dessa geração e desse momento de arte, Eugenio de Castro, que foi um dos iniciadores do

decadismo português, progressivamente dele se foi distanciando, caindo francamente no classicismo.

É já pura égloga a poesia *Ao prateado Mondego*, que marca a transição da sua forma poetica, ligando-o ao lirismo tradicional que vimos apontando:

Pára, Mondego! não prosigas,
Prateado rio, não caminhes para o mar;
Ouve da minha boca as palavras amigas,
Que te podem salvar...

De ambicioso que és até parece
Que tens um fragil coração humano,
A Ambição te subjuga e te endoidece,
Rio, quer's ser oceano!

Julgas ir para o sol e vaes p'ra as trevas:
Chegado lá,
A água doce que levas
Salgada se tornará...

Antes que a tua alma chore arrependida,
Pára ambicioso! para o mar não vás,
Que és sôbre a areia como nós na vida,
Que não podemos voltar atraz...

Olhos n'um traiçoeiro, fementido norte,
Não ouves dos mochos os fataes presagios;
Onde a vida buscas vaes achar a morte,
Eras bom e doce e vaes fazer naufragios!

Deixaste as serras limpidas, honestas,
E as aldeias viçosas,
Deixaste a paz amiga das florestas
E vaes beijar cidades crapulosas!

A corrente moderna toma consciência desse renovo idealista da raça e cria com o religiosismo metafisico, a fôrça impositiva do ideal sonhado.

Teixeira de Pascoaes caminha na frente deste movimento e impõe-se como um alto valor sentimental, que dá finalidade às aspirações da raça e lhe fixa os vagos sofrimentos:

Tenho, às vezes, saudades do Futuro
Como se êle já fôra decorrido...
Misterioso sentimento escuro
De quem, antes da vida, houvesse já vivido

Mais adeante, numa das suas mais belas elegias, o pensamento metafísico faz-se expressão sentimental e a aspiração torna-se certeza:

Que misterio profundo envolve cada coisa,
Que sombra dolorida!
E nela transparece a imagem misteriosa
Que ha de ter, ante Deus, a aparição da Vida...

Na Natureza paira um sonho imenso,
Uma alma que nós sentimos invisivel...
Na luz, no som, na cor, em tudo quanto penso,
Ha o quer que é de vago, etéreo, inatingivel...

Neste vago ideal que em tudo existe,
Anda a sombra dum Deus que ninguem vê;
Esse Deus que me torna iluminado e triste
E que me faz chorar sem eu saber porquê.

Com Teixeira de Pascoaes devemos agrupar os novos que pertencem à fase elegíaca e ainda de sofrimento sentimental, com menor intelectualidade, que são, entre muitos outros, Correia de Oliveira, Fausto Guedes Teixeira, Augusto Gil, Mario Beirão.

Mas, para seguir na logica do nosso raciocinio temos ainda de voltar à geração anterior a esta, áquéla a que pertenceu Cesario Verde, o interprete mais completo duma nova poesia objectiva, que fica bem classificada a par da prosa de Fialho, numa ligação espiritual do momento que os inspirou.

Esta poesia, dum sentimento forte,e arejado, dá-nos pequenas maravilhas de flagrancia realista, com um sabor a terra e à vegetação que se ligam a uma grande ternura pelo povo humilde que a revolve com os seus braços e a ama com o seu coração primitivo. Ora vejamos esta, que foi uma das suas últimas poesias, na completa posse do seu pensamento e emoção:

Bom sol! As sebes d'encosto
Dão madresilvas cheirosas
Que entontecem como um mosto.
Floridas, às espinhosas
Subiu-lhes o sangue ao rosto.

Cresce o relevo dos montes,
Como seios ofegantes;
Murmuram como umas fontes
Os rios que dias antes
Bramiam galgando pontes.

E os campos, milhas e milhas,
Com povos d'espaço a espaço,
Fazem-se às mil maravilhas:
Dir-se-ia o mar de sargaço,
Glauco, ondulante, com ilhas!

Com Cesario Verde veem os poetas amorosos da terra, aqueles que a sentem e a fazem reverdecer e produzir num bucolismo natural e humano.

Paulino de Oliveira num dos aspectos mais interessantes do seu talento e da sua sensibilidade lirica dá-nos na poesia *O Trigo* e em outras da mesma fase, a expressão de máxima ternura que enraiza à terra-mater o coração dos portugueses, que não a esquecem nunca, embora frequentemente a abandonem, no fatalismo dispersivo da alma lusiada:

Na baixa camposa
(Que é árida e nua)
O chão levantando,

O chão preparando,
Se arrasta morosa,
Caminha a charrua,
Arando,
Lavrando.

Na glória do dia,
Aos campos lavrados
(Num gesto que enleia)
O grão à mão cheia
O homem confia,
O trigo aos punhados
Espalha,
Semeia.

P'ra não ficar solto,
No campo indifr'ente
O grão que arremessa,
A grade atravessa
O solo revolto...
E a leve semente
Enterra
Depressa.

Refresque-a a chuvada,
O sol a conforte,
Do tempo aos boléus
Do alto dos céus!...
A seara é confiada
Aos transes da sorte,
Á graça
De Deus!

E asssim vão-se meses
De inteiro abandono
E o grão repousado,

Na geira enterrado,
(Quem sabe os revezes !?...)
Dormita num sono
Profundo,
Sagrado.

.....

A par deste amor forte, duma religiosidade pagã, pela terra fecunda, pela mãe criadora e acolhedora, surge imediatamente a poesia patriotica, dum renovo exterior e duma fé messianica que naturalmente nos conduzem para a grande fé nacionalista da raça.

Essa poesia renovadora traz em si propria o orgulho santificado do grande passado.

Do grupo de poetas que palpitam na fé dum futuro maior e na saudade magnifica dum grande passado devemos destacar Afonso Lopes Vieira, um dos poetas portugueses que teem sentido com mais inteligencia o momento messianico da raça. Vejamos a poesia seguinte em que o mar entra como elemento natural da alma portuguesa:

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Na praia, de bruços,
fico sonhando, fico-me escutando
o que em mim sonha e lembra e chora *alguem*:
e oiço nesta alma minha
um longinquo rumor de ladainha,
e soluços,
de além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

São meus Avós rezando,
que andaram navegando e que se fôram.
olhando todos os céus:

são eles que em mim choram
seu fundo e longo adeus,
e rezam na ânsia crua dos naufrágios;
choram de longe em mim, e eu oiço-os bem,
choram ao longe em mim sinas, presságios,
de alem, de alem...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Naufraguei cem vezes já...
Uma, foi na nau *S. Bento*
e vi morrer, no trágico tormento,
dona Lionor de Sá:
vi-a nua, na praia áspera e feia,
com os olhos implorando
— olhos de esposa e mãe —
e vi-a, seus cabelos desatando,
cavar a sua cova e enterrar-se na areia.
E sozinho me fui p'la praia além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Escuto em mim, — oiço a grita
da rude gente aflita:
—Senhor Deus, misericordia!
—Virgem Mãe, misericordia!
Doidos de fome e de terror varados,
gritamos nossos pecados
e sai de cada boca rouca e louca
a confissão!
—Senhor Deus, misericordia!
—Misericordia, Virgem Mãe!
E o vento geme
no bulcão
sem astros;
anoitecemos sem leme,
amanhecemos sem mastros!
E o mar e o céu, sem fim, alêm...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

A este grupo pertence tambem Paulino de Oliveira que na poesia que vamos ler *As Naus da India* como em outras muitas desta interessante fase da sua obra, quasi toda escrita no Brasil, na saudade intensa da Pátria distante e no deslumbramento da acção portuguesa nesta imensa terra, faz perpassar um clarão de grandeza épica no enfunar das estrofes que vão como as velas das naus a navegar no sonho e na ambição heroica da raça.

As naus da India

São três as Náus... Lá vão elas,
Sob remotas estrelas,
A vogar...
Mares nunca navegados,
Misterios indesvendados,
A rasgar...

Mais que os ventos do quadrante
E um Eldorado distante
A tentar...
Leva-as o genio da Ideia
E o valor duma Epopeia
A enfunar...

Lá vão as Náus, lá vão elas,
Sob outros climas e estrelas,
A dobrar...
Cedem ondas pavorosas...
Abrem-se Africas famosas,
Par em par.

Novas terras, águas novas,
Que p'ra muitos foram covas
De enterrar...
Rolam vagas, cantam versos,
Baloiçantes como berços
A embalar...

Aos ventos todas as vélas,
Por bonanças e procelas
A marear...
Velas de alma, asas de sonho...
Que importa o tempo medonho
A furiar!?...

Cruz nos panos estampada
Rubra cruz doutra Cruzada
A fluctuar...
Náus heroicas, náus do Gama;
Que de longe a India chama,
A acenar...

Rompem illhas de esplendores,
E arquipelagos de dôres
A penar...
Cantam na tolda saudades,
E na quilha tempestades
A quebrar...

No vago fundo azulado
Vem o sonho realisado
A aurorear...
Praias da India famosas,
Terras da India gloriosas,
A brilhar!...

E assim, naturalmente chegamos à mais moderna geração em que o instinto da raça se torna já imposição realisada, não já esperanças e saudades, mas certezas que são uma fôrça que corresponde à evolução do povo, num conjunto admirável.

Os poetas e prosadores da moderna geração veem com certezas métafisicas e um ideal patriotico concreto, provando exuberantemente o renovo do momento que se vai já desenhando com a mais completa certeza na acção.

Portugal sente-se agitado duma aspiração magnifica de fôrça e a sua propria inquietação politica o prova.

Os moços, os que se sentem já ligados ao futuro pelo pensamento de reacção, sofrem a hora estranha da anciedade em que as certezas ainda estão tocadas do sentimento em que a propria morte é uma esperança de grandeza.

João de Castro, aquele que entre os novos mais fundamente encarna o sonho imenso duma Pátria redimida, duma raça vitoriosa, dum Portugal maior, impondo de novo ao mundo uma civilização iberica, escreve na prisão a *Ode a D. Sebastião* como um desafio ao espirito mesquinho da politica portuguesa, como um grito de revolta e de sacrificio contra os baixos idealismos e os interesses grosseiros que momentaneamente dominam o mundo:

Arrancar! Arrancar!
Teu grito de paixão
Acorda em mim de novo a Raça inteira.
Seja a minha alma a forma derradeira
Em que venhas grítar
A redenção!
Seja a minha alma o altar...

Entrego-te, Senhor, mais que ninguem
A crença messianica em teu sonho;
Nem no desastre nem na dôr suponho,
Tão grande é minha esperança,
Não esteja a proteger-me do além
A tua alma, da morte em que descança.

.....

Tu és aquela cruz que toda a raça
Deve ter ante os olhos—imortal...
Tu és a grande esperança que não passa,
E o Cristo da desgraça,
E a lembrança tristissima do mal.

.....

No renovamento patriotico que traz naturalmente o Nacionalismo politico, a figura simbolica de D. Sebastião transfigura-se e eleva-se como o povo a sentiu e a santificou.

Se é certo que sob o critério historico é perfeitamente discutivel a acção, o pensamento e até o caracter fisiologico e psicologico do moço rei, perante a alma e a crença nacional ele assume a perfectibilidade sobre-natural dum Cristo da raça que morre no sonho de Gloria dum Imperio, que naturamente é a aspiração da Peninsula.

D. Sebastião já não tem defeitos nem pode sofrer a crítica das paixões humanas, porque perante a aspiração ansiada da Patria ele se tornou o simbolo purificado. Nada é grande se a lenda o não toca da sua beleza imaterial e um povo que soube criar, em plena Renascença, já a entrar no racionalismo frio dos tempos que se lhe seguiram, uma tão alta expressão de sonho e de grandeza nacional, é bem um povo eleito, um povo de iluminados que tem uma alta missão a cumprir e hade de triunfar.

D. Sebastião é o nosso Rei Artur e a espiritualisação dessa figura simbolica de chefe, vivendo e morrendo no sonho dum imperio imenso para a Pátria, é a criação do povo que o compreendeu na sua propria grandeza maxima, como na sua morte em tragica beleza.

O messianismo literario, que se desdobra e impõe num messianismo politico que faz a força da ideia nacionalista, tomou em Portugal a sua expressão num sebastianismo purificado e grande, que é o sentimento do mundo lusiada, manisfestando-se exuberantemente em toda a mocidade que já é um valor na sociedade portuguesa.

Eis em largos traços a evolução da ideia nacionalista através da moderna literatura portuguesa, impondo-se naturalmente até chegar à concentração de força politica que é hoje.

O Nacionalismo Português, libertado de quaisquer interesses e transigencias de partidos politicos é uma

força imposta pelo ideal colectivo da Nação, que embora não compreenda nitidamente o novo messianismo da raça, sente que é dele que partirá o periodo de civilização lusitana que vagamente todos esperamos.

Vemos, pois, que o movimento de renovação nacionalista vem, numa larga ondulação, convergindo para o mesmo fim e produzindo, não só a acção intelectual com a nova forma literaria já definida em crença, como a forma politica que dará a sua definitiva grandeza civilizadora.

Portugal sente-se agitado numa renovação e numa aspiração de força que a sua propria inquietação politica vem afirmar.

Eis, pois, explicado o idealismo em que os moços se sentem já ligados ao futuro pela energia do pensamento de reacção, que tomou a forma politicamente nitida do Nacionalismo.

E aqui está, meus senhores, o que entendi de meu dever dizer-vos revelando um movimento que não podeis conhecer pela imperfeita propaganda que se tem podido fazer, sempre contrariada pelos elementos oficiais que obedecem a uma politica, que já hoje não corresponde à vontade nem ao idealismo grande da raça.

Ao regressar a Portugal, depois duma ausencia de oito mêses passados no deslumbramento da grande vida da nação brasileira, um livro viemos encontrar, entre muitos que documentam a enorme actividade mental da raça, que entra como uma das mais claras demonstrações de tudo quanto fica dito nesta conferencia, àcerca do movimento profundamente nacionalista do povo português, que as mais altas mentalidades sentem e dirigem intelectualmente para o futuro, passando atravez duma hora de descalabro com a fé iluminada dos que teem certezas metafisicas, que não podem ser vencidas por desgraças materiais e passageiras.

Quero referir-me á reconstrução carinhosa do livro, primitivamente português *Amadis de Gaula* que

Afonso Lopes Vieira foi buscar às traduções espanholas e limpando-o carinhosamente de toda a poeira e de todo o espirito estranho o veio entregar purificado ao grande tezouro da Nação, ao encanto da nossa lingua e da nossa alma, que nele revive em toda a pureza da sua sensibilidade amorável e cavalheiresca

Bela obra de puro nacionalismo lusitano fez o poeta que mais sente e vive com a sensibilidade da sua inteligencia de hoje a alma do passado, vibrando atravez de gerações sucessivas a mesma ideia e o mesmo sentimento que se transfigura em grandeza épica quando a Pátria substitue em paixão de sacrificio o amôr de homem e mulher.

E está tão profundamente impregada do sonho expansivo e dominador da raça a geração de hoje que a alma portuguêsa chora de desespero ante a indiferença com que se abandona o sonho irridentista de Marrocos, que nenhum português se consola de ver perdido apesar dos três ultimos seculos de desgraça nunca bem aceite nem confessada em desesperança.

A prova está neste soneto que Antonio Sardinha publíca neste momento e é um seguro indicio do nacionalismo profundo que está preparando o futuro de Portugal.

Nossa Senhora de Africa

(A VIRGEM DA SÉ DE CEUTA)

Santa Maria de Africa, morena,
Nossa Senhora epica da Raça
Olhando o azul do Estreito com que pena
Por ver que é outra a gente que lá passa!

No eterno exílio a que ela se condena,
Tem sempre a mesma lusitana graça.
Recorda em seu altar uma açucena,
Armada de bastão e de couraça.

Santa Maria de Africa trigueira,
Scismando sobre ossadas portuguesas,
Guarda por nós o Algarve de Alem-Mar

Pode bem ser que Deus ainda queira
Que à sombra dessas velhas fortalezas
A tua voz nos volte a comandar!

Ás mulheres de Portugal

Senhoras

As palavras que ides ler não são mais do que o cumprimento duma promessa feita do outro lado do Atlantico aos vossos filhos, maridos, pais e irmãos que me ouviram com os olhos envidraçados pelas lagrimas, que orgulhosamente queriam esconder, quando lhes falei das mulheres de Portugal, do seu sentimento e da sua grandeza na historia, do seu sacrificio continuo, da sua ternura e da sua paixão, do seu talento e da sua energia na luta e no trabalho, dando à acção externa dos homens o equilibrio estavel duma Pátria, fonte indestrutivel da vida, que mantem a raça atravez de todos os desastres e de todos os perigos, sempre a mesma, tenaz e forte, no desdobramento admirável da acção espalhada pelo mundo.

O que venho dizer-vos, em breves palavras de sentimento, para fechar este livro que desejo que fique como o marco de referencia a oito mêses vividos no deslumbramento da alvorada duma grande nação do futuro, que o nosso sangue fecundou e ajuda a engrandecer, não é ainda o que tenho a dizer—e um dia breve o direi—aos homens que em Portugal teem tido a responsabilidade do muito que para os vossos filhos tem vindo em sofrimento e diminuição de valor colectivo na emigração desacompanhada e desprotegida que tem sido a do povo português, que assim mesmo se mantem o melhor colonisador do mundo.

O que venho trazer-vos nestas palavras tão claras e simples, como é clara e simples a alma grande da nossa raça, é a afirmação sentimental de quanto vale no Brasil essa Colonia Portuguesa, admirável de força, de honestidade e de compreensão, que consegue viver na sua alma saudosa todo o orgulho de raça, sem um momento de hesitação ou descrença, na certeza messianica dum futuro maior para nossa Mãe Pátria.

O que vos venho trazer, Senhoras, é a carinhosa mensagem que os vossos filhos ausentes por meu intermedio enviam às santas Mães de Portugal, áquelas que nenhum português esquece por mais afastado que se encontre, por mais alto ou mais baixo que o destino o coloque na arena da vida.

Afastados materialmente do nosso convivio pela distancia e pela falta duma acção persistente e disciplinada, que ligue no mesmo pensamento e no mesmo fim todo o sangue de Portugal, disperso pelo mundo, eles conseguem viver sempre comnosco pela força invencivel da saudade, e commosco conseguem realizar o sonho orgulhoso da raça, que se desdobra numa grande imposição das qualidades e aparentes defeitos, que formam o caracter da civilização portuguesa, que de dia para dia mais se aproxima dum glorioso destino!

O que hoje vos venho dizer não é aquilo que de facto é preciso que se diga, e eu propria o direi, aos homens que a serio governem esta terra, dirigindo todos os seus actos para um alto fim de realização nacional; o que hoje venho trazer-vos é apenas o cumprimento duma promessa, que representa o encargo sentimental que os nossos irmãos gentilmente depuzeram no meu coração de mulher portuguesa e de mãe, para que aos vossos directamente chegasse!

As palavras de ternura e de infinita saudade que me comprometi a entregar-vos num ofertorio sagrado, são como os ex-votos que se dependuram nas paredes da igreja milagrosa da nossa infancia, representando o reconhecimento duma esperança consoladora, vencendo o momento amargurado do perigo!

Os nossos irmãos, os nossos filhos, esses que do

nosso convivio se afastam, — não pelo prazer inconsciente de viverem numa terra melhor do que a nossa, porque todos sabem que para os portugueses não existe outra que a nossa valha em beleza e em opulencia, — mas pela fatalidade da raça que nos impele sempre para o futuro, sempre para a imposição dum destino, que vimos a fixar ha oito seculos e ainda não atingiu o maximo do nosso esforço, pediram-me que vos trouxesse a certeza de que não esquecem nunca o afecto sagrado das suas mães, simbolo bem chegado á alma da grande mãe, que é a Pátria!

Seja qual fôr a situação dos nossos irmãos que em toda a parte em que se encontram affirmam a continuidade do grande sonho lusíada, eles não separam nitidamente na sua saudade os dois grandes afectos que mais instintivamente marcam a ligação do passado ao sonho do futuro, a lembrança da mãe e o orgulho da Pátria!

Compreendem e sentem como ninguem quanto devem em força tradicional ao amor instintivo das mães portuguesas, que a bem dizer são a cadeia de élos mais apertados que nos ligam às forças tradicionais da raça.

Todos os homens, seja qual for a nação a que pertençam, teem pela mãe o carinho e a veneração natural, mas no homem português este sentimento é tão profundo e tão resistente que os destingue entre todos, porque é mais do que amor, é paixão! É mais do que paixão, é adoração, é respeito e é o orgulho instintivo da raça em sua fonte de pureza!

Tambem a mulher é já caracterizada pelos sociologos como aquela que mais comummente põe acima de todos os sentimentos humanos a ternura apaixonada e sacrificada pelos filhos!

E é porventura desta intima e forte ligação do passado, que se continúa no futuro, que veem as qualidades mais resistentes do nosso povo, essas qualidades que se sentem apoucadas e até por vezes são contraproducentes adentro da Pátria e tão grandes nos tornam vividas na aspiração e na saudade duma vida exterior trabalhosa e autónoma.

Pois bem, senhoras, o momento chegou em que o nosso amor e o nosso orgulho pelos filhos da nossa alma, e do nosso sangue, já não pode ser tão sómente a ternura dos afectos familiares, que até hoje teem conseguido manter através de tudo a ligação moral da gente portuguesa, largamente dispersada pelo mundo, tem de ser tambem acção disciplinada e forte que dê equilibrio ao esforço conjunto de toda a nação.

A nossa missão adentro do Portugal maior e renovado, que os nossos filhos sonham, já não pode ser instinto sómente, mas orgulho e certeza inteligente no futuro!

A obra dos portugueses no exterior e, principalmente, no Brasil, é daqueles factos morais tão grandes, tão fundamentais e determinantes para o caminhar da humanidade, para a civilização, que não ha sociologo que a não reconheça, não ha sabio que a não marque definitivamente nos seus estudos e trabalhos, não ha ninguem que a não veja e respeite.

É graças ao esforço inteligente e ao sacrificio instintivo e continuo dos homens que partem pelo mundo, levados pela ambição ou pelo cumprimento do dever, que a nossa lingua se espalha e mantem uma das mais faladas da civilização europeia, que a nossa Pátria é a terceira em dominio colonial, que a nossa historia continúa e que o futuro nos dá certezas magnificas, que todos os outros povos invejam! Mas, doloroso é confessá-lo, todo êsse esforço e sacrificio da raça se apouca e inferiorisa com a incompreensão e incapacidade com que adentro do país se tem encarado o problema da nossa expansão racial apoucando-a e inferiorisando-a, aqueles mesmos que tinham o dever de a orientar, aproveitar e disciplinar!

A própria energia do povo, lutando adentro de fronteiras pelo renovamento da Pátria, em seu trabalho e progresso, sofre da desorientação, indisciplina e incapacidade dirigente; mas esse mal que é aqui doloroso e atraza o caminhar seguro duma nação, que aspira á máxima grandeza, é, em face do problema exterior, um crime de que todos nós somos responsá-

veis perante a grande justiça universal da raça. Porque os nossos filhos, Senhoras, os filhos dos nossos filhos, os descendentes desta raça que tornou possível o renascimento da Europa e fez surgir para a vida maior da civilização o Continente Americano, necessitam da certeza do nosso valor atual para se orgulharem da sua origem e auxiliarem a grandeza e expansão da raça.

E vós, Senhoras, tanto como os homens, porque a terra portuguesa é o vosso dominio, porque o passado glorioso da raça muito vos deve, porque aos homens do vosso sangue deveis a continuidade de sacrificios que fazem a grandeza da Patria, sois hoje chamadas a uma nova compreensão do vosso destino que é o dever de aumentar a fôrça expansiva e dominadora da raça com o esfôrço persistente e disciplinado duma obra de cultura interior, com o trabalho de educar e criar novas gerações mais fortes para a luta e para a conquista do sonho da raça, de tornar produtiva e acolhedora esta terra sagrada, que é a divina compensação dos ausentes!

Houve um momento na moderna vida portuguesa em que as mulheres poderiam ter tido uma acção grande e decisiva na marcha ascendente da nacionalidade; mas quiz a fatalidade das coisas mesquinhas da vida, que sempre teem retardado as nossas realizações, deixando para os outros a gloriosa alvorada das ideias que nós antevemos, que a parte feminina da nação, que representava momentaneamente a *élite* feminina dirigente, sofresse da incompreensão de uns e das paixões mesquinhas de outros, não deixando que a maioria, então unificada por um sentimento comum, entrasse no desempenho da sua verdadeira missão social perante o problema da guerra, atravez do interesse português, que é em todos os momentos o que nos pode e deve orientar.

Aproveitando-se o movimento sentimental e belo que a guerra provocou, impunha-se às mulheres portuguesas a continuação do esfôrço realizado, criando com os elementos espontaneamente congregados a obra de assistencia aos emigrantes, considerando soldados da Pátria todos aqueles que partem no sonho—tantas vezes ilusorio!—de pessoalmente procurarem a felicidade, mas realizando sempre uma acção exterior, de engrandecimento na expansão do nome português, mesmo quando sofrem, mesmo quando são desgraçados e vencidos!

Perante a ideia sagrada da nacionalidade, o homem só vale isolado pelo que lhe traz em gloria, pelo que lhe dá em esfôrço e em paixão, pelo que conseguir elevá-la dentro do seu proprio sacrificio e grandeza; sem nada esperar dela senão a certeza de a ver maior.

A opôr ao egoismo improdutivo do individuo acusando o ponto final das raças nas civilizações que vão morrer, é necessário que exista o grande e fecundo egoismo da raça, mantendo a energia das nacionalidades, que se impõem atravez de todos os sacrificios para as maximas realizações colectivas.

Se as mulheres portuguesas tivessem sentido bem quanto a sua missão era enorme e indispensável ao país, não só durante a guerra como logo após, no equilibrio perturbado da paz; se os governos tivessem compreendido, como deviam, o gesto de beleza que de todo o mundo trouxe a Portugal a solidariedade dos exilados, desse momento unico ficaria a obra de assistência aos emigrantes, cuja falta representa uma das maiores vergonhas nacionais, neste país que ha quatro seculos outra coisa não tem feito senão desdobrar-se em acção de conquista civilizadora nas colonias e em emigração para todos os países do mundo.

Essa Assistencia, que tem de ser creada de qualquer forma, seria então da iniciativa da mulher portuguesa, que dessa maneira se elevaria no seculo XX até à obra do passado glorioso das muiheres da nossa raça.

Não esqueçamos, porém, que as obras urgentes para uma assistencia regular e continua podem consi-

derar-se iniciadas desde os primeiros seculos da nacionalidade, criando-se a par e passo que a expansão do povo ia crescendo, as gafarias, os hospitais, as albergarias, os asilos para os estropiados de guerra, as misericordias na sua acção multiforme, os recolhimentos onde se alojavam as senhoras e crianças—enquanto os maridos e pais iam para as guerras e navegações—e depois ficavam docemente amparadas na sua viuvez e orfandade. Para as altas classes as Comendadeiras da Encarnação e de Santos como para as modestas familias dos servidores da Pátria, Chelas, Coleginho, Merceeiras e tantos outros admiráveis estabelecimentos, que sem sair de Lisboa se podem apontar como exemplo e só a ignorancia e a maldade podem destruir e ameaçar.

A nova Assistencia a fazer, num gesto largo, humano e fecundo, não consentiria a destruição do existente, mas sim a valorização do trabalho realizado, acrescentando a essas obras as que as necessidades da vida moderna reclama, dando-lhes um plano de conjunto, que só serviria para engrandecer o passado que tão admiravelmente os preparou e ensinou para o futuro.

Do que nós precisamos não é destruir, mas disciplinar e criar conforme a tradição e aspiração do nosso povo o exige. Essa missão cabe à mulher da nossa terra, sempre que ela sabe cumprir a missão social que a raça lhe impõe, porque a sua função é de enraizamento e continuidade tradicionalista.

Sendo, embora, da iniciativa feminina a grande Assistencia patriotica aos expatriados, interessará todos os homens portugueses e deve esperar dos governos todas as facilidades e fôrça, que no seu renovamento nacionalista a Italia deu à sua grande sociedade patriotica "A Dante Alighieri„ que se encontra espalhada por todo o mundo em suas multiplas funções, actuando conforme o meio em que se encontra e sendo hoje uma das grandes forças de ligação espiritual, que impõe ao mundo o resurgimento da Italia, a nação mais nossa irmã pelo sentimento, pelo esforço em resistir à dissolução e pelo sonho de grandeza que nos irmana na acção do futuro.

A mulher portuguesa de hoje, aquela que deve manter no grande momento de renovação que todos os corações lusiadas esperam, a tradição forte das suas avós, que ficavam as guardas da terra, as dirigentes e protectoras dos fracos, na ausencia persistente dos homens das descobertas e das conquistas, tem por dever organizar e manter com o largo espirito moderno que corresponda às necessidades morais e materiais da época, a assistencia inteligente e continua ao emigrante, que parte para um destino incerto, dando-lhe a certeza de que ha na Pátria quem véle por aqueles que deixam, e tantas vezes ficam no desamparo e miseria, que se agrava com a ausencia, a doença, a derrota ou a morte do ausente.

Seguindo os emigrantes á nova terra onde o destino os leva a Assistencia deverá acompanhar patrioticamente o seu coração de exilado, levar-lhe as noticias da Pátria, avivar-lhe continuamente a memoria da sua terra, facilitar-lhe todas as relações com o passado, criando-lhe a necessidade espiritual dum contacto ininterrupto com os valores mentais da nossa terra.

Em vez disto, senhoras, os nossos irmãos, os portugueses admiráveis que se espalham pelo mundo, levando a todos os recantos da terra o nome santo da Pátria, não teem nada que lhes aumente o sonho, nenhum traço de união, fóra dos sentimentos familiares, que os ligue á comunidade! Sofrem em sua alma confrangida e orgulhosa todos os embates crueis da luta pela vida em terra estranha e não vêem no horizonte longinquo da Pátria as mãos de graça das mulheres da sua terra a ungir-lhe as feridas dolorosas da alma!

Nem uma palavra de fé, nem uma esperança de futuro, nem uma alegria de triunfo sabem mandar-lhes os que ficam em Portugal! Só desgraças, lutos, crimes, lamentações amargas e odios ferinos, os correspondentes dos jornais e os noticiaristas sabem enviar para o estrangeiro, sem terem a sensação da dolorosa tristeza que vão causar áqueles que não teem elementos de moralmente se defenderem!

E eles, exilados, entristecidos, por vezes irritados na sua luta, anseiam, Senhoras, pela calmante beberagem de esperança, que só vós lhes podeis dar! Deliram pelo filtro mágico da fé nos destinos augustos da Pátria, que só daqui lhes podemos mandar!

Vêde o que foi para a alma lusiada, espalhada em saudade e em orgulho pelo mundo inteiro, a travessia do Atlantico pelos aviadores portugueses levando nas mãos a certeza scientifica da navegação aeria!

Este facto que noutra qualquer raça seria grande e estimado, como merece, para a raça portuguesa, tão esquecida, desajudada e abandonada pelo mundo, foi a continuação do movimento salvador da guerra, que fez convergir para a Pátria comum o coração de todos os seus filhos.

As noticias levadas a todos os recantos do mundo pelos proprios jornais estrangeiros, acordaram o instinto da raça, que em muitos estava adormecido (mas não extinto) pela ausencia, pelo isolamento, pelo abandono em que se encontram, sem que haja o cuidado de manter exteriormente a propaganda indispensável a todos os paises, e especialmente ao nosso, que tem como destino um desdobramento continuo de energias e de imposição ambiciosa.

Um povo, como o português, precisa de criar uma alma apropriada adentro das suas fronteiras, cheia de ternura, de entusiasmo, de fé, de orgulho e de confiança em si propria, que seja a consolação dos ausentes!

Em vez disso, em Portugal vive-se na ignorancia e no egoismo material e inferior dum organismo hemiplégico, que se esquece desastradamente duma parte do proprio corpo, e não reconhece a propria alma repartida pelo mundo, mas não desagregada espiritualmente do todo, para o engrandecimento do qual concorre, tanto ou mais do que os que ficaram na terra natal e não cumprem o dever de a engrandecer de harmonia com o sentimento da raça.

A ausencia de propaganda deixa os nossos representantes numa situação de inferioridade moral, que

não lhes consente o cumprimento da parte mais bela da sua missão, que é a ligação e amparo moral dos emigrantes com a Pátria!

E se isto sucede no Brasil,—onde é comovedora a sensibilidade patriotica dos portugueses, abandonados a si proprios, esquecidos de quem os devia lembrar na imensidade dessa terra explendida, numa concorrencia violenta com sentimentos e paixões absorventes, mas num meio que lhes não é hostil, que tem a mesma lingua o mesmo sangue, o mesmo passado e tradições, e o mesmo sonho e aspirações para o futuro—o que se poderá dizer daqueles que em terras completame te estranhas vivem e sofrem no abandono dos seus irmãos?!

Se aos portugueses do Brasil disse muitas vezes, durante a minha peregrinação através dos Estado do Sul, na comoção reconhecida do afecto com que me recebiam, corando de vergonha ante as suas justissimas criminações, quasi a medo formuladas, no receio delicado de maguarem:—Vós sois mais portugueses do que aqueles que estão em Portugal, porque o continuais a ser por graça de Deus, abandonados aos vossos unicos recursos morais!...—o que poderia dizer aos que em meio adverso e completamente estrangeiro, da mesma forma vivem comnosco o sonho da Pátria a erguer-se numa acção de conjunto que nos imponha ao mundo, mostrando-nos cheios de qualidades mestras para opôrmos à senilidade criminosamente egoista de outras raças em decadencia?!...

Senhoras, não se vos pede um trabalho de organização e de continuidade, embora teoricamente possamos afiançar, que não seria excessivo às mulheres da nossa raça, que tanto fizeram no passado, na cooperação da grande obra que os homens souberam realizar; mas que ao menos as mães portuguesas saibam corresponder à imensa ternura e ao respeito que os filhos lhes consagram, fazendo da sua saudade um elemento vivo de trabalho e progresso adentro do país para que as noticias que os ausentes recebam lhes levantem os corações e satisfaçam o seu legitimo orgulho de patriotas.

Que todos os exilados sintam, bem junto da sua alma lusiada, o amparo moral que só um coração de mãe lhes pode dar; e que dentro de cada peito de mulher portuguesa bata um coração de mãe que saiba compreender a ansiedade e a aspiração daqueles que partem para a realização do sonho da raça e deixam atraz de si um rasto de saudade que só as lagrimas de bençam podem transformar em consolador farol, sempre a marcar a teara de que nunca se podem, nem devem, desapegar!

Desempenhei-me da missão que vos trouxe, Senhoras, não como desejava, dando-vos nas minhas palavras toda a comovida sensibilidade que os homéns que ma confiaram souberam pôr nas suas, mas como o poude fazer, nas poucas paginas que me restavam neste livro em que tentei marcar bem nitidamente a minha atitude perante os homens e as mulheres da minha raça, neste momento que a minha fé absoluta no futuro faz antever já a luz longinqua e esperançada, que atravez de todos os perigos e perturbações momentaneas nos levará ao triunfo da hora futura.

Se algumas pessoas mal intencionadas ou incompreensivas quizeram ver na minha obra de propaganda intenções diversas das que tive sempre, ela aqui fica bem esclarecida, bem francamente exposta, bem acima das interpretações malevolas, correspondendo na mais absoluta logica do meu espirito a toda a minha vida de trabalho e de propaganda pela Pátria e pela raça, pelas suas tradições e pelo seu futuro, que é só o que me interessa, seja qual fôr o momento politico que a nação atravesse.

A minha propaganda desinteressada no Brasil foi feita pela determinação da minha propria vontade, na convicção de cumprir o meu dever de portuguesa perante os meus irmãos em sangue, que longe da Pátria

a honram, quer sejam os portugueses quer os brasileiros, irmanados no mesmo grande sentimento de orgulho do passado e aspiração do futuro.

Perante a minha consciencia e perante a justiça superior da raça, repito o que disse quando o govêrno português, completando o seu gesto de oposição á minha ida ao Brasil, facto absolutamente inexplicavel sem a inconsciencia e incapacidade governativa dos homens a que a Nação tem estado sujeita, julgou vingar-se demetindo-me dum lugar de que só me servi para trabalhar pela Pátria e pela sua riqueza futura; tudo fazendo para valorizar o trabalho das suas mulheres:

"Tendo vindo sem remuneração alguma, nunca deixei de trabalhar para auxiliar a missão patriotica da nossa colaboração na grande exposição do Brasil, e continuarei no mesmo propósito, porque para servir a minha Pátria não necessito ordens nem retribuição.„

E se o meu trabalho e o meu sacrificio poderam aumentar e satisfazer, pouco que fôsse, a alma da raça, com isso me considero satisfeita.

INDICE

INDICE

A Grande Aliança..... 9
A mulher de Portugal e do Brasil..... 41
A mulher heroica
Influencia da mulher portuguesa na arte e na literatura
A mulher portuguesa e as suas obras de assistencia
A influencia da mãe na raça portuguesa

O idealismo da raça sempre heroica e sempre moça..... 75
O urbanismo..... 96
Causas do urbanismo
Regresso á terra
Ensino agricola

As pequenas industrias regionais portuguesas..... 137
O novo idealismo da raça atravez da moderna literatura portuguesa 155
Ás mulheres portuguesas 189

OBRAS DE ANA DE CASTRO OSORIO

Romances, Novelas e Teatro

Infelizes — esgotado
Ambições — *romance* — esgotado
Quatro Novelas — esgotado
Dias de Festa
Mundo Novo — *romance* — a sair
Olim — *contos* — a sair
Bem Prega Frei Thomaz — *teatro*

Questões Sociaes

Ás mulheres Portuguesas
Festas Infantis — 2.ª Edição
Instrução e Educação
A Mulher no Casamento e no Divorcio — esgotado
A Mulher na Agricultura
Em Tempo de Guerra — 2.ª Edição
A Grande Aliança

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Obras Educativas e de Literatura Infantil

A Minha Patria — 10.º milhar
Uma Lição da Historia — 2.ª Edição — 21.º milhar
Os Nossos Amigos — 4.ª Edição — 45.º milhar
Lendo e Aprendendo — 3.ª Edição — 13.º milhar
Alma Infantil — 2.ª Edição — 5.º milhar
Boas Crianças — 3.ª Edição — 15.º milhar
Os Animais — 2.ª Edição — 10.º milhar
Viagens Aventurosas de Felicio e Felizarda — *2 volumes* — 3.º milhar
De como Portugal foi chamado à guerra — 2.ª Edição — 4.º milhar
O Livrinho Encantador — 2.ª Edição — 6.º milhar
Contos Tradicionais Portugueses — *10 volumes em 4.ª e 5.ª Edição*

EDIÇÕES LUSITANIA

Arco do Limoeiro, 17, 1.º — LISBOA

ESTE LIVRO ACABOU DE SE IMPRIMIR
= EM 24 DE SETEMBRO DE 1921 =
NA TIPOGRAFIA LUSITANIA
= DE SERRA E MOURA & ZUZARTE =
R. DO SECULO, 50—LISBOA-PORTUGAL

EDIÇÕES LUSITANIA
LISBOA
Arco do Limoeiro, 17, 1.º